

**Diogo Filipe Escudeiro Lopes**

Aspirante a Oficial de Polícia

**MANIFESTAÇÕES RADICAIS DE ESQUERDA**

**O PAPEL DAS INFORMAÇÕES NO COMBATE AO RADICALISMO EM  
MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS DE ESQUERDA**

Orientador:

Subintendente Alexandre Coimbra

LISBOA, 27 DE ABRIL DE 2011

---

**DIOGO FILIPE ESCUDEIRO LOPES**

Aspirante a Oficial de Polícia

**MANIFESTAÇÕES RADICAIS DE ESQUERDA.**

---

**O PAPEL DAS INFORMAÇÕES NO COMBATE AO RADICALISMO NAS  
MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS DE ESQUERDA**

**Dissertação Final de Mestrado Integrado em Ciências Polícias**

XXIII Curso de Formação de Oficiais de Polícia

Orientador:

**Subintendente Alexandre Coimbra**

**INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS POLICIAIS E SEGURANÇA INTERNA**

**LISBOA, 27 DE ABRIL DE 2011**

---

## **AGRADECIMENTOS**

Ao ISCPSI, por me ter aberto as portas para o futuro.

Ao meu orientador, Subintendente Alexandre Coimbra pelo apoio evidenciado na elaboração da Dissertação.

Ao XXIII CFOP, por toda a disponibilidade concedida.

À minha família, pelo suporte incondicional e constante demonstrado.

## **RESUMO**

As manifestações de apoiantes da extrema-esquerda têm vindo a surgir cada vez mais na sociedade contemporânea. Motivados por ideais pacifistas, socialistas/comunistas, anti-militaristas, entre outros, estes activistas protestam, seja de modo pacífico, seja de modo mais agressivo. As redes aglomeradoras de grupos e indivíduos de extrema-esquerda e anarquistas insurgem hodiernamente com maior intensidade, sendo estas o principal mecanismo de comunicação e difusão de ideias e orientações emanadas.

Face ao crescimento deste fenómeno, urge o empenhamento continuado das Forças e Serviços de Segurança na obtenção de informações, recolhendo mais, e mais oportunamente, alimentando o Pilar Preventivo, tornando-o mais eficaz e incisivo. A necessidade de recolha de informações pelas diversas unidades das diversas forças e serviços que operam em território nacional, impera. A produção conjunta de informações leva a uma eficácia de actuação.

**Palavras-chave:** Manifestações; Extrema-esquerda; Informações.

## **ABSTRACT**

The extreme left supporters' demonstrations, have been increasing in contemporary society. Motivated by pacifism, socialism / communism, anti-militarism, among others, these activists are protesting, in peaceful or aggressively way. Agglomerate networks of groups and individuals of the extreme left and anarchist are rising up with greater intensity nowadays, being the main mechanism for communication and dissemination of ideas and guidelines.

Given the growth of this phenomenon, urge the continued engagement of the Law Enforcement Services in obtaining information, collecting more and most valuable, feeding the Preventive Base, making it effective and incisive. The need for information, gathered by the various units, various forces and services, operating on national territory, must be the first priority, because the production of information leads to effective action.

**Key words:** manifestation; left-wing; intelligence

## **LISTA DE SIGLAS**

**ALOC** – Associação Livre de Objectores de Consciência  
**DAN** – Direct Action Network  
**FARC** – Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia  
**FIL** – Feira Internacional de Lisboa  
**FMI** – Fundo Monetário Internacional  
**G20** – Conjunto do G8 incluindo os países com a economia mais emergente  
**G8** – Grupo dos 8 países mais industrializados do Mundo  
**NATO** – North Atlantic Treaty Organization  
**OMC** – Organização Mundial do Comércio  
**OTAN** – Organização do Tratado Atlântico Norte  
**PAGAN** – Plataforma Anti-Guerra e Anti-Nato  
**PSP** – Polícia de Segurança Pública  
**RASH** – Red and Anarchist Skinhead  
**SAR** – Skinheads Against Racism  
**SHAFT** – Skinheads Against Fascist Tendencies  
**SHARP** – Skinhead Against Racial Prejudice  
**SRJ** – Skinheads for Radical Justice  
**WRI** – War Resisters International  
**WTO** – World Trade Organization

# ÍNDICE

AGRADECIMENTOS .....	I
RESUMO .....	II
ABSTRACT .....	III
LISTA DE SIGLAS .....	IV
ÍNDICE.....	V
INTRODUÇÃO.....	1
1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL .....	3
1.1. MANIFESTAÇÃO.....	3
1.2. INFORMAÇÕES .....	6
1.3. EXTREMA-ESQUERDA .....	9
1.4. ANARQUISMO .....	13
2 – CARACTERIZAÇÃO DE DIVERSAS FILOSOFIAS RADICALISTAS DE ESQUERDA.....	17
2.1. GRUPOS DE EXTREMA-ESQUERDA .....	17
2.1.1. BLACK BLOC .....	17
2.1.2. NO-TO-NATO E PAGAN .....	19
2.1.3. ATTAC .....	22
2.1.4. WRI .....	24
2.1.5. RASH e SHARP .....	26
2.1.6. FARC.....	27
2.2. MOTIVAÇÕES ACTUAIS NO EXTREMISMO DE ESQUERDA.....	29
2.2.1. ANTI-CAPITALISMO. ANTI-AMERICANISMO .....	29
2.2.2. ANTI-GLOBALIZAÇÃO E ALTERGLOBALIZAÇÃO .....	30
2.2.3. ANTI-RACISMO E ANTI-FASCISMO.....	33
2.2.4. ANTI-MILITARISMO.....	35
2.2.5. ECOLOGISMO .....	36
3 - A EXTREMA-ESQUERDA E AS MANIFESTAÇÕES .....	38
3.1. MANIFESTAÇÕES NO PASSADO .....	38
3.1.1. SEATTLE 1999.....	38
3.1.2. GÉNOVA 2001 .....	41
3.1.3. GRÉCIA 2008 .....	44

3.1.5. CIMEIRA NATO PORTUGAL 2010 .....	46
3.2. CONFRONTOS ENTRE EXTREMA-ESQUERDA E EXTREMA-DIREITA.....	49
3.3. PRÁTICA CRIMINAIS ASSOCIADAS À EXTREMA-ESQUERDA .....	53
4 – O PAPEL DAS DIFERENTES VALÊNCIAS DA POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA NO COMBATE ÀS MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS DE ESQUERDA ....	56
4.1. PILAR DAS INFORMAÇÕES .....	56
4.2. PILAR PREVENTIVO.....	57
4.3. PILAR REPRESSIVO.....	58
4.4. PILAR DA INVESTIGAÇÃO CRIMINAL .....	59
4.5. COORDENAÇÃO DAS FORÇAS E SERVIÇOS DE SEGURANÇA NA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES RELACIONADAS COM O EXTREMISMO DE ESQUERDA.....	60
CONCLUSÃO.....	62
BIBLIOGRAFIA .....	65
ANEXOS .....	72



## INTRODUÇÃO

A investigação prende-se, essencialmente, pela necessidade de conhecer; uma necessidade de conhecer o outro lado da actuação policial perante confrontos com manifestantes radicais. Optou-se por investigar, em especial, os movimentos radicais de esquerda, pois estão em voga hodiernamente, abrangendo inúmeros motivos de protesto, desde os movimentos anti-racistas, movimentos anti-globalização, ideologias anti-capitalistas, entre outros. Também foi opção abordar este lado do extremismo, pois tem demonstrado ao longo da história uma maior hostilidade face ao Estado e, nomeadamente, face às Forças de Segurança, comparando-o com movimentos de Extrema-direita. Pretende-se com este estudo compreender o modo de actuação destes grupos em manifestações, realçando, por sua vez, a necessidade de trabalhar arduamente no Pilar das Informações. É de salientar ainda que mediante as informações obtidas se consegue uma caracterização mais apurada destes grupos radicais, evitando-se recorrer ao uso repressivo desconhecedor, por outras palavras, informar para actuar.

A escolha do tema deve-se essencialmente à actual existência de confrontos entre grupos radicais de esquerda e as Forças de Segurança, em cenário de manifestação, existentes num panorama internacional em grande escala e ao nível nacional, num contexto relativamente moderado, mas de alarme social. Deve-se, também, pela necessidade constante de recolha de informações, atingir uma caracterização próxima da realidade, quanto aos motivos e aos modos de actuação destes específicos grupos radicais, podendo a actuação policial ser mais direccionada e decisiva.

Perante as razões acima mencionadas propõe-se, neste trabalho, a caracterização, de um modo genérico, dos movimentos radicais de esquerda, alcançando a compreensão das suas motivações e ideologias. Pretende-se, também, a distinção entre os movimentos de esquerda pacíficos e os geralmente violentos, alertando para a necessidade de actuação diferenciada. Aspira-se compreender, mediante uma análise histórica de actuação, o modo como os referidos grupos se expressam, e interagem com as Forças de Segurança, tanto em contexto de manifestação, como os momentos que a antecedem e precedem. É um dos objectivos fornecer, através da caracterização destes grupos, informação, suficiente e de importante relevo, capaz de auxiliar as Forças e os Serviços de Segurança, nomeadamente a Polícia de Segurança Pública, que exerce a reposição da ordem em manifestos desta espécie. Será deixado o alerta para a necessidade de recolha de informações constante

nesta área, pois a par da evolução social, estes movimentos também evoluem e se transformam com o correr dos tempos. Em suma, realçar o Pilar das Informações como principal combatente destas específicas práticas criminais, evitando assim ao máximo a vertente repressiva desconhecadora.

Numa primeira fase o estudo irá ser alicerçado na pesquisa bibliográfica relacionada com o tema, abrangendo diversos campos, desde o histórico ao sociológico, nas mais variadas fontes. Mediante esta investigação será feita a caracterização deste fenómeno e compreender-se-á como as informações complementam a contínua compreensão destas posições perante a sociedade, e consequentemente perante as Forças Policiais. Numa segunda fase, mediante entrevistas ir-se-á complementar a primeira, sustentando assim de um modo mais prático, a ideias defendidas anteriormente.

## 1 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO-CONCEPTUAL

### 1.1. MANIFESTAÇÃO

A manifestação, segundo José Ferreira de Oliveira, é “um ajuntamento de uma pluralidade de pessoas, duas ou mais, na via pública, no sentido de em conjunto expressarem uma mensagem contra ou dirigida a terceiros”<sup>1</sup>. A par desta definição está o conceito de reunião, que apesar de ser um aglomerado de pessoas na via pública, tem um objectivo diferente.

“A reunião na via pública, podemos defini-la como um ajuntamento organizado, momentâneo de pessoas na via pública, com vista à troca de ideias e à defesa de interesses”<sup>2</sup>. Como é perceptível o que difere da reunião para a manifestação é a presença de terceiros, do alvo da comunicação. A reunião é um discutir de ideias entre membros/associados, com o provável objectivo de comunicar o resultado dessa mesma discussão a terceiros. Por outro lado a manifestação é um produto da reunião. “O facto do que é transmitido pelos manifestantes ser direccionado a terceiros não intervenientes da manifestação, é que distingue entre o conceito de reunião e de manifestação”<sup>3</sup>.

Tanto a manifestação como a reunião são em regra actos em lugar público sendo ambos “Um ajuntamento duma pluralidade de pessoas num mesmo local”, “Um ajuntamento momentâneo de pessoas” e “Um ajuntamento organizado com uma consciência e vontade comum entre os participantes de em conjunto exprimirem ou explicitarem uma mensagem com um determinado objectivo”<sup>4</sup>.

Relativamente ao enquadramento legal deste fenómeno, este vem elencado em diversos diplomas legais, nomeadamente na Constituição da República Portuguesa, na Convenção Internacional dos Direitos do Homem, no Decreto-Lei 406/74, entre outros. A Constituição da República Portuguesa refere no seu artigo 45º, nº 1 que “Os Cidadãos têm o direito de se reunir, pacificamente e sem armas, mesmo em lugares abertos ao público, sem necessidade de qualquer autorização”. No nº2 do mesmo artigo está referido que “A todos os cidadãos é reconhecido o direito de manifestação”<sup>5</sup>. Também o artigo 1º do Decreto-Lei nº 406/74 assinala que “A todos os cidadãos é garantido o livre exercício do

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, José Ferreira, “A Manutenção da Ordem Pública em Portugal”, ISCPSI, Lisboa, 2000, p.127.

<sup>2</sup> Idem p.51 e seguintes.

<sup>3</sup> António Francisco de Sousa em Reuniões e Manifestações. Actuação Policial.

<sup>4</sup> OLIVEIRA, José Ferreira, “A Manutenção da Ordem Pública em Portugal”, ISCPSI, Lisboa, 2000, p.153.

<sup>5</sup> Constituição da República Portuguesa.

direito de se reunirem pacificamente em lugares públicos, abertos ao público e particulares, independentemente de autorizações, para fins não contrários à lei, à moral, aos direitos das pessoas singulares ou colectivas e à ordem e à tranquilidade pública”<sup>6</sup>.

Uma manifestação surge devido a inúmeros fenómenos sociais, entre os quais os fenómenos religiosos e culturais. Os factores políticos e sindicais também são originadores de manifestações. A manifestação, segundo Didier Perroudou<sup>7</sup>, pode-se dividir em quatro tipos de manifestação, sendo que esta divisão não é estanque. Pode-se verificar uma manifestação de iniciação, onde são expostas novas ideias/reivindicações, apresentando-se um novo grupo manifestante. Caracteriza-se pela sua motivação elevada, apesar de a sua capacidade organizativa ser frágil, devido à inexistência de autoridade dentro do grupo. Segundo este, também existem as do tipo rotineiro, onde é verificável uma boa capacidade organizativa, mas uma débil motivação. Outro tipo de manifestação é aquela que surge perante cenários de crise, onde normalmente existe uma grande motivação por parte dos manifestantes. No entanto essa motivação é excessiva, levando a situações de confronto entre os manifestantes e a polícia. O último tipo de manifestação que Didier Perroudou refere, é o que pode ser independente ou dependente. As manifestações independentes são aquelas que, não dependem de factores externos, enquanto as dependentes despoletam face a um acontecimento exterior.

Em termos dos elementos participantes na manifestação, destacam-se os manifestantes (comunicantes da mensagem), o público (receptores do que é comunicado/assistentes), as forças policiais (reguladores da ordem e da tranquilidade públicas face ao fenómeno) e a nebulosa (elementos que deambulam entre o grupo manifestante e o público, sendo que por vezes aqui se encontram os propulsores da violência nas manifestações). Relativamente à posição do grupo manifestante na via pública, este pode fazê-la de um modo estático ou móvel. Se a postura dos manifestantes for móvel, então afirmar-se-á que estamos perante um desfile.

A liberdade de manifestação é um bem essencial ao exercício da democracia, sendo esta “reflexo directo da soberania popular e apresenta-se como meio privilegiado para despertar o interesse e a participação no processo de formação democrática da vontade

---

<sup>6</sup> 1º Artigo do Decreto-Lei nº406/74.

<sup>7</sup> Cf. OLIVEIRA, José Ferreira, “A Manutenção da Ordem Pública em Portugal”, ISCPSP, Lisboa, 2000, p. 201 e seguintes.

política”<sup>8</sup>. Estas são ainda “...uma verdadeira válvula de segurança da sociedade democrática. Através delas, as minorias, que normalmente estão afastadas dos centros de decisão, podem erguer a sua voz e dar a conhecer as suas exigências”<sup>9</sup>. “A liberdade de reunião e de manifestação é, pois, sinal de liberdade, independência e emancipação da sociedade e do cidadão consciente dos seus direitos cívicos”<sup>10</sup>. A manifestação, desde que praticada legalmente e seguindo regras de civismo e bom senso, é o acto acertado para a reivindicação de ideias, sendo um poderoso instrumento do cidadão numa sociedade democrática. Caso este direito não seja exercido consoante o estabelecido pela lei, então cabe às Forças de Segurança tomar as medidas necessárias para assegurar a ordem e a tranquilidade públicas.

A ordem pública representa o aglomerado de três componentes: a segurança, a tranquilidade e a salubridade públicas<sup>11</sup>. Portanto, a “segurança está relacionada com a ordem, numa dupla vertente, segurança física, isto é a não existência de condicionamentos, violência e medo, e a segurança psicológica, ou seja, o conforto e estabilidade que a rotina oferece”<sup>12</sup>. Essencial ao exercício dos Direitos do Homem, a ordem pública, garante inevitavelmente também os deveres do Estado, constantes na Constituição da República Portuguesa no seu artigo 9º assegurando consequentemente a protecção dos direitos, liberdades e garantias. Segundo José Ferreira de Oliveira a “liberdade não pode sobreviver sem a ordem pública, mas é a liberdade que estabelece os limites à ordem pública relativamente aos fins e aos meios a utilizar para manter essa mesma ordem democrática”<sup>13</sup>. A liberdade é dependente da ordem pública, pois esta garante prossecução do exercício do acto manifestante, logo garante liberdade de expressão ao cidadão. A ordem pública “espelha o equilíbrio entre as várias liberdades, desde a liberdade de culto, até à liberdade de expressão, permitindo a manifestação de todas elas”<sup>14</sup>.

Em suma, como afirma António Francisco de Sousa, “Diz-me que reuniões e manifestações se realizam no teu país e dir-te-ei que democracia alcançaste”<sup>15</sup>.

---

<sup>8</sup> SOUSA, António Francisco, “Reuniões e Manifestações. Actuação Policial”, Almedina, 2009.

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> CLEMENTE, Pedro, “Reuniões e Manifestações. Actuação Policial”, Almedina, 2009.

<sup>12</sup> FELGUEIRAS, Sérgio “Reuniões e Manifestações. Actuação Policial”, Almedina, 2009, p.140.

<sup>13</sup> OLIVEIRA, José Ferreira, “A Manutenção da Ordem Pública em Portugal”, ISCPSI, Lisboa, 2000, p.25.

<sup>14</sup> CLEMENTE, Pedro, “Reuniões e Manifestações. Actuação Policial”, Almedina, 2009, p.128.

<sup>15</sup> SOUSA, António Francisco, “Reuniões e Manifestações. Actuação Policial”, Almedina, 2009.

## 1.2. INFORMAÇÕES

Para falar das Informações e da sua importância, primeiramente é necessário estabelecer alguns conceitos clarificadores. Inicialmente é necessário compreender o conceito de segurança. Segundo António José Fernandes<sup>16</sup> “o estado de tranquilidade e da confiança mantido por um conjunto de condições materiais, económicas, políticas e sociais, que garante a ausência de qualquer perigo, tanto para a colectividade como para o cidadão individualmente considerado”. A Segurança é um estado instável, pois depende das decisões de vários intervenientes. As Forças e Serviços de Segurança não asseguram a totalidade desta, pois a intervenção do flanco oposto é permanente e inconstante, levando portanto a uma actuação activa e passiva por parte de quem zela pela ordem e pela tranquilidade públicas. A Segurança, “no Estado de Direito democrático (...) assume-se como um eixo de promoção das liberdades do cidadão. O reforço da vertente da prevenção de ameaças deve respeitar os princípios fundamentais dos direitos humanos, semelhante distintivo do espaço europeu de liberdade, segurança e justiça em que nos inserimos”<sup>17</sup>. É na actuação activa que entra a recolha de Informações, de modo a neutralizar a ameaça mediante uma actuação preventiva.

Segundo Medeiros, as Informações são “um conjunto de actividades, reguladas pelos princípios enformadores da segurança interna, alicerçadas numa estrutura organizacional, que visam obter um conhecimento intrínseco à prossecução dos fins inerentes à missão policial”<sup>18</sup>. As Informações são todo o conhecimento obtido mediante pesquisa, análise e interpretação de todas as fontes possíveis de recolha de notícia, acerca de uma ameaça existente ou do seu potencial surgimento. Mediante esta recolha, complementa-se com a recolha anteriormente processada e analisada, criando assim um conjunto de dados importante no combate ao crime. No entanto as “unidades de informações nas forças policiais jamais se resumem a ser um mero banco de dados, nem tal faria qualquer sentido, porque a acção policial precisa de ser proactiva e antecipadora ou, pelo menos, redutora das oportunidades de produção de incividades lesivas da vida

---

<sup>16</sup> António José FERNANDES, António José, “I Colóquio de Segurança Interna”, Almedina 2005, p.30.

<sup>17</sup> <http://www.sis.pt/index.html>, a 4 de Fevereiro de 2011.

<sup>18</sup> MEDEIROS, Rúben Manuel Martins de, “Estudo Exploratório das Informações na PSP”, Dissertação de Licenciatura, Lisboa. ISCPSI, 2002, p.20.

social”<sup>19</sup>. O objectivo primordial das Informações prende-se pelo conhecimento aprimorado dos alvos (perturbadores da ordem pública/praticantes do crime).

Relativamente à produção de informações policiais “estas são o conjunto de actividades que integram um processo especial, que se inicia com a necessidade de informação (intelligence) passando pela obtenção de notícias, factos e dados e sua transformação até suprimir essa necessidade e culminando na sua divulgação a quem tem necessidade de a conhecer”<sup>20</sup>. Esta é muitas vezes representada pelo ciclo de informações, denominado pelo Ciclo de Produção de Informações. Este ciclo é compreendido por quatro grandes fases: a orientação para o esforço da pesquisa, a pesquisa, o processamento dos dados pesquisados e a exploração desses mesmos dados. Na primeira fase, a orientação para o esforço de pesquisa é necessário saber o que realmente carece de ser pesquisado e recolhido, consoante as necessidades do comandante, e consequentemente, as necessidades existentes para garantir a continuidade do combate ao crime. É a fase onde se definem prioridades, elaborando um plano de pesquisa e direccionando esforços. Somente deste modo a segunda fase do processo, a pesquisa, decorrerá com organização e fundamento.

Na fase de pesquisa, todos os métodos possíveis de recolha de informações são utilizados, com vista a atingir uma maior angariação de informações, pois quanto maior for o número destas informações recolhidas, maior vai ser o conhecimento adquirido, não esquecendo que o esforço tem de ser direccionado e proveitoso, como é trabalhado na fase anterior. Esta fase é de grande importância, já que, somente com uma pesquisa bem efectuada, o comandante pode tomar decisões consistentes e direccionadas. “Sem informação precisa, não há prevenção eficaz do delito”<sup>21</sup>.

Decisões oportunas necessitam de relevantes informações. A pesquisa pode ser efectuada de dois diferentes métodos: pesquisa aberta e encoberta. Aberta mediante toda a informação não classificada, que todos os cidadãos têm acesso, ou encoberta, onde é exigida uma especialização e formação elevadas para a recolha, sendo esta feita através métodos dissimulados. Relativamente aos tipos de pesquisa, esta pode ser feita por meios humanos ou técnicos. Humanos quando é necessária a presença do Homem perante o delator ou informador para a recolha de informações (vigilâncias e interrogatórios, por

---

<sup>19</sup> CLEMENTE, Pedro Lopes, “As informações policia/ PALIMPSESTO”, in Estudos de Homenagem ao Juiz Conselheiro António da Costa Neves Ribeiro, in memoriam, Almedina, Coimbra, 2007.

<sup>20</sup> Manual de Informações da Escola Prática de Polícia, 2008, p.3.

<sup>21</sup> Idem.

exemplo) e técnicos, quando são utilizados meios físicos (internet, jornais, etc.) para a aquisição de dados relevantes.

Na terceira fase do ciclo, o processamento das informações recolhidas, a análise, é a fase em que os dados são registados, estudados e posteriormente interpretados. Primeiro, no registo, a informação é organizada de modo ao seu estudo ser facilitado. É a fase da compilação ordenada de dados. Quando estes são estudados é verificada a validade da notícia/informação, apurando a sua pertinência para a compreensão de um determinado fenómeno. Apura-se a veracidade da mesma, mediante a comparação com informações anteriores relacionada com o tema, de preferência comparando através de fontes distintas. Fazendo esse apuramento segue-se a fase interpretativa, onde se aprimoram resultados, compreendendo o fenómeno com mais precisão.

Compreendendo o fenómeno com mais precisão, estão reunidas as condições para a exploração das informações trabalhadas. A fase exploratória consiste na emanção de directivas, por parte de quem comanda, aos órgãos executores. Somente através de uma boa orientação para o esforço, uma eficaz pesquisa e consequente processamento, se consegue explorar tudo o que se antecede. Quem dirige necessita que todo este ciclo se processe.

Neste processo não existe princípio nem fim, daí o nome ciclo. Quando a fase exploratória finaliza, têm de ser emanadas novas orientações a quem recolhe informações, voltando assim à primeira fase do ciclo: a orientação para o esforço de pesquisa. Este ciclo permite compreender que erros foram cometidos em todas as fases, colmatando assim as lacunas de informação, direccionando os esforços para a recolha mais precisa e direccionada. A aquisição da Informação é algo infinito e eternamente incompleto.

Apesar de termos a noção da enormidade de informações existente, potenciais auxílios ao combate do crime, este pilar não pode ser descurado, pelo contrário, deve ser valorizado e cada vez mais trabalhado, pois a necessidade de as Forças e Serviços de Segurança se informarem e inteirarem da realidade social é urgente e imprescindível. A “circulação de informação pode permitir ao aparelho policial tanto evitar a emergência de danos sociais relevantes ou cessar a prática de delitos penais”<sup>22</sup>. Estas são a base das decisões a tomar, pois antecipam factos futuros e auxiliam na compreensão dos factos perpetuados. Previne-se assim a criminalidade, prevendo potenciais eventos, anulando-a precocemente e sem necessidade do recurso excessivo ao Pilar Repressivo. “A inteligência

---

<sup>22</sup> Idem.



policial favorece a predição dos perigos e o afastamento das incivildades, em especial dos delitos socialmente alarmantes, além de servirem de suporte à gestão de incidentes na via pública”<sup>23</sup>.

De modo a que as Informações sejam trabalhadas com eficiência, deve existir uma sólida coordenação entre as Forças e Serviços de Segurança, no âmbito da produção destas. Deve existir uma clarificação das funções atribuídas aos diferentes órgãos, sejam eles serviços que exclusivamente recolhem informações, sejam eles serviços com outras funções atribuídas. As competências devem ser claras e precisas, pois assim a coordenação é facilitada. “As leis que regem os serviços devem ser bem detalhadas e, embora a actividade dos serviços seja classificada, tal facto não deverá constituir impedimento para que os seus objectivos, missões e modo de actuar, bem como o seu controlo, sejam larga e abertamente discutidas, devendo para cada serviço criar-se uma estrutura legal que inclua todos os diplomas indispensáveis ao seu funcionamento”<sup>24</sup>. O mesmo se aplica à cooperação das Forças e Serviços de Segurança com entidades privadas, nomeadamente com os serviços de segurança privada. Estas também são uma valiosa fonte de informação pois “o entrosamento perene de informações entre a Polícia e a indústria de segurança privada afirma-se necessário para garantir a qualidade da co-produção da segurança nos espaços privados abertos ao público (...) nos domínios da ordem pública e da investigação criminal”<sup>25</sup>.

### 1.3. EXTREMA-ESQUERDA

“A origem do epíteto “esquerdismo” resulta da adversidade dos marxistas contra os seus opositores de esquerda (Marx contra Bakunine, Engels contra Blanqui...”<sup>26</sup> Essencialmente nasce como oposição ao “desenvolvimento do capital liberal, industrial e urbano e das suas consequências na classe operária e na sociedade em geral”.<sup>27</sup>

Primeiramente, antes de se fazer uma abordagem às filosofias de extrema-esquerda, é necessário esclarecer com se encaixam políticas deste extremismo, num movimento global de esquerda. Podemos considerar que existem políticas de centro-esquerda e de

---

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> CARDOSO, Pedro, “As Informações em Portugal”, p. 147.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> LARA, António de Sousa, “Ciência Política. Estudo da Ordem e da Subversão”, 5ª Edição, Instituto Superior de Ciência Sociais e Políticas, 2009, p. 718.

<sup>27</sup> Ibidem.

extrema-esquerda, sendo que o radicalismo cresce ou diminui consoante se aproxima mais de um ponto ou de outro. As políticas centrais estão mais ligadas ao socialismo tradicional, à social-democracia. As posições ambientalistas também se enquadram nesta filosofia.

O socialismo, enquadrado na esquerda mais conservadora, é uma política virada para a propriedade estadual. A organização económica baseia-se numa administração exercida pelo Estado, como representante da vontade social. Este “caracteriza-se essencialmente pelo seu contexto socioeconómico: assenta na propriedade colectiva dos meios de produção, que estão nas mãos do Estado, das colectividades locais ou de cooperativas”<sup>28</sup>. Não exclui totalmente a participação do sector privado na produção e na gestão dos bens necessários a sociedade, “mas a sua importância económica é pequena e mais pequena ainda é a sua influência política”<sup>29</sup>. O Socialismo defende que todas as decisões, que afectam a população crucialmente, devem ser tomadas pelo sector público, excluindo a privatização dos indispensáveis organismos de uma sociedade, como por exemplo a Saúde ou a Educação. Promove a igualdade de direitos e de oportunidades, rejeitando a colocação da riqueza em minoria sociais. Defende a inexistência de classes, pois somente deste modo a distribuição dos bens será assegurada. Esta enaltece o planeamento económico, assegurado pelo rigoroso controlo estadual das receitas e das despesas.

“O socialismo, como doutrina e como teoria, é apenas a análise e interpretação do capitalismo: análise e interpretação do mecanismo do seu desenvolvimento, da sua evolução, dos antagonismos que o regem e o transformam. Análise e interpretação das formas colectivas de produção que aparecem no próprio seio do capitalismo, da luta operária, forma inconsciente da luta de classes, e do papel histórico que ele desempenha”<sup>30</sup>.

Outra das posições políticas existentes é o Comunismo. Esta corrente, apesar de ser mais radical e mais utópica que o conservador Socialismo, não se pode considerar uma política de extrema-esquerda, pois as ideias que hodiernamente são expostas por grupos/movimentos da esquerda radical são inúmeras vezes opostas às que o Comunismo defendeu e ainda defende. Pode considerar que ao nível do intervencionismo radical o comunismo está mais próximo do extremismo que o Socialismo. Basicamente o

---

<sup>28</sup> DUVERGER, Maurice, “Os grandes sistemas políticos”, Almedina, Coimbra, 1985.

<sup>29</sup> Idem.

<sup>30</sup> BOURGIN, G; RIMBERT, P, “Socialismo. Do manifesto comunista ao novo estado industrial”, 2ª Edição Editora Arcádia., 1974.

Comunismo é a utópica fase final do Socialismo. “O socialismo, tal como Marx<sup>31</sup> e Engels o idealizaram, não seria mais do que uma etapa intermédia no caminho para a construção do modo de produção comunista e do comunismo como sistema político e social”<sup>32</sup>. O Socialismo é o caminho para o Comunismo. Os princípios comunistas assemelham-se bastante aos socialistas, sendo a ideia principal o controlo estadual dos meios de produção e a correspondente oposição ao capitalismo/liberalismo. Essencialmente o Comunismo rege-se pela igualdade e pela liberdade. O Comunismo defende a anulação das classes sociais, mas defende a propriedade comum, ou seja, do Estado.

No entanto as políticas de esquerda não podem ser vistas como um todo, pois existem várias correntes que as estratificam, consoante os seus impulsionadores. Uma das correntes do Socialismo é o Utópico. O Socialismo Utópico, essencialmente alicerçado em pensadores como Saint-Simon<sup>33</sup>, Robert Owen<sup>34</sup> e Charles Fourier<sup>35</sup>, é o Socialismo parcialmente antagonista ao posteriormente referido, Socialismo Científico. Este baseia-se no combate permanente ao Capitalismo e na defesa pela igualdade. Ou seja, é quem deseja a erradicação do liberalismo económico e da consequente livre concorrência. Ambiciona a construção de sociedades cooperativas à escala nacional, que por sua vez iriam satisfazer as necessidades sociais, sendo do Estado o monopólio do controlo do funcionamento destas cooperativas. O Estado, fiscalizador, garantiria assim os típicos abusos capitalistas, mediante a centralização económica. Resumidamente, a vertente utópica, como o próprio nome indica, procura a sociedade perfeita, onde todos os serviços são garantidos à população de um modo igual e justo.

Outra corrente, não totalmente opositora, mas mais realista, é o Socialismo Científico, onde Karl Marx<sup>36</sup> teve um papel importante. Esta corrente defende que o

---

<sup>31</sup> Nascido em Trier, filho de judeus, mas convertido posteriormente a protestante. Estudou Direito, História e Filosofia, doutorando-se em Filosofia na Universidade de Jena. Actuou como jornalista no Rheinische Zeitung (Jornal Alemão) e no New York Daily Tribune, como economista, historiador, filósofo e teórico político. (Cf. LARA, António de Sousa, “Ciência Política. Estudo da Ordem e da Subversão”, 5ª Edição, Instituto Superior de Ciência Sociais e Políticas, 2009, p.649.

<sup>32</sup> <http://www.ciari.org/investigacao/Marxismo.pdf>, a 22 de Fevereiro, p. 8.

<sup>33</sup> Considerado um dos precursores do socialismo Claude-Henri de Rouvroy, Conde de Saint-Simon, (Paris, 17 de Outubro de 1760 — Paris, 19 de maio de 1825), foi um filósofo e economista francês, um dos fundadores do socialismo moderno e teórico do socialismo utópico.

<sup>34</sup> Robert Owen (14 de Maio de 1771 – 17 de Novembro de 1858) foi um reformista social escocês, sendo considerado um impulsionador do socialismo e do corporativismo.

<sup>35</sup> François Marie Charles Fourier (1772 – Paris, 1837) foi um socialista francês sendo um dos pais do cooperativismo.

<sup>36</sup> Karl Heinrich Marx (Tréveris, 5 de Maio de 1818 — Londres, 14 de Março de 1883). Revolucionário alemão, fundador da doutrina comunista moderna, actuando como economista, filósofo, historiador, teórico político e jornalista. (Cf. BLUMENBERG, Werner, “Karl Marx: an illustrated history”, Verso, Londres, 1998).

Homem é um ser social capaz de produzir competentemente, enaltecendo a capacidade do ser humano (sociedade) para erguer um Estado mediante a sua capacidade produtiva. O Socialismo Científico defende a emancipação do proletariado, lutando na conquista da propriedade comum, em detrimento da privada, detida pela burguesia. Enaltece a capacidade de auto-gestão dos operários, de acordo com o interesse colectivo, pois o proletariado capaz, sendo o elemento que deve gerir o rumo do sistema de produção e gestão dos bens. “Marx preconizou a construção de um novo modo de produção: o comunismo, definido como aquele em que toda a propriedade privada ou cooperativa seria abolida e substituída pela propriedade comum de todos os meios de produção, geridos pelo Estado em nome de todos e para todos”.<sup>37</sup>

Outra corrente de esquerda é o Comunismo Libertário, ou o Anarco-Comunismo. Esta é a posição que mais se assemelha aos ideais da extrema-esquerda contemporânea. Esta corrente tem como principal mentor Pierre-Joseph Proudhon<sup>38</sup>. Este tipo de corrente filosófica proclama o estilo de regime onde a propriedade privada é abolida, mas também o Estado, e contraposição ao utópico comunismo. A par dos ideais anarquistas a sociedade é composta de organizações de trabalhadores (domínio do proletariado) que controlam todos os meios de produção e gestão dos mesmos mediante democracia directa, onde todos os cidadãos participam activamente na tomada de decisão. Esta pode ser considerada uma filosofia de extrema-esquerda.

A Extrema-esquerda (Ultra-esquerda), associada ao radicalismo, é aquela filosofia que se situa mais à esquerda do Socialismo e até mesmo do Comunismo. Por vezes caminha contrariamente aos tradicionais ideais esquerdistas, abominando o total controlo do Estado na vida em sociedade. Assemelha-se bastante às filosofias anarquistas, logo extravasando enormemente o que a esquerda defende, tornando-se assim uma posição política um pouco questionável. Apesar de alguns movimentos radicais de esquerda fugirem aos ideais de esquerda, também existem outros que representam as filosofias esquerdistas de um modo extremo e por vezes violento. São inúmeros os grupos que se manifestam e actuam em prol da prossecução das suas motivações, estando entre elas a

---

<sup>37</sup> [www://www.ciair.org/investigacao/Marxismo.pdf](http://www.ciair.org/investigacao/Marxismo.pdf), pg7.

<sup>38</sup> (1808 – 1865) Filósofo, Político e Economista francês. Um dos mais influentes escritor de ideias anarquistas. Autor da célebre obra *Que é a Propriedade?*.

anti-globalização, o anti-capitalismo, o anti-racismo, ou mesmo a preservação do meio ambiente, como é exemplo a Greenpeace<sup>39, 40</sup>.

“O “extremismo de esquerda” é a atitude política de indivíduos, grupos, movimentos ou organizações de esquerda (...) que se consubstancia na promoção da contestação radical e permanente ao ‘sistema’, da insurreição ou da revolução como metodologias de acção para alcançar determinadas transformações sociais e políticas, mesmo nas democracias liberais.”<sup>41</sup>

Relativamente aos elementos que compõem estes movimentos radicais, os mesmos não são facilmente caracterizáveis, pois estas motivações podem provir das mais diferentes franjas da sociedade, apesar de Karl A. Seger<sup>42</sup> referir que a média de idades dos elementos pertencentes a este grupos tenha 35 anos, sendo 73% de homens e 27% de mulheres e quanto à sua origem 29% sejam caucasianos, sendo os restantes 71% de outras origens. Quanto à escolaridade destes, 54 % são licenciados ou com maior grau académico, e a área predominantemente habitada por estes é a urbana. No entanto há que referir que este é um estudo feito nos Estados Unidos da América, não sendo aplicável a todo o mundo e nomeadamente a território nacional.

#### 1.4. ANARQUISMO

O Anarquismo é uma palavra que deriva do grego *anarkhos*, significando esta a ausência de governantes, de poder. Etimologicamente esta palavra, *anarkhos*, provém arkhê (poder, reino). Adicionando-lhe o prefixo *an* à palavra em questão, surge o *anarkhos* e consequentemente a tradução em português, anarquismo.<sup>43</sup>

O Anarquismo é a ausência de governo, de poder, de comando e em certa parte de ordem. “O Anarquismo é uma concepção individualista da vida, oposta a toda a forma de organização estatal, tanto no Estado socialista como no Estado capitalista, e naturalmente tal concepção individualista comporta numerosas variantes consoante os indivíduos.”<sup>44</sup> É a

---

<sup>39</sup> Organização não Governamental que actual globalmente face a questões ambientais mediante campanhas emotivas.

<sup>40</sup> Cf. Anexo IV, pergunta 1.

<sup>41</sup> Anexo IV, pergunta 1.

<sup>42</sup> Cf. <http://www.fas.org/irp/world/para/left.pdf>, p. 9.

<sup>43</sup> Cf. LARA, António de Sousa, “Ciência Política. Estudo da Ordem e da Subversão”, 5ª Edição, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2009, p.682.

<sup>44</sup> DUCLOS, Jacques, “Anarquistas de Ontem e de Hoje, – como o esquerdismo faz o jogo da reacção”, Edições Sociais, Lisboa, 1974, p.5.

corrente que defende a anulação do Estado, e de todos os órgãos de soberania, pois enquanto existir Estado, existirá o Direito, logo existirão estruturas organizacionais incompatíveis com a felicidade e a bondade do Homem.<sup>45</sup> Esta corrente de pensamento não se coloca nem à esquerda nem à direita política, apesar de por vezes se associarem movimentos de extrema-esquerda ao modo de estar anarquista. O Anarquismo é a forma de resistência à hierarquia e à centralização das estruturas de autoridade.<sup>46</sup> Acaba por ser o “oportunismo de esquerda e o oportunismo de direita”<sup>47</sup>. É o movimento que defende a criação de pequenas organizações locais, em que o poder é partilhado por todos os membros, ou seja, é inexistente. O anarquismo defende que as decisões têm de ser tomadas em conjunto, sem qualquer tipo de hierarquia ao nível de capacidade de decisão. Estes defendem uma sociedade fundada na liberdade do homem, compreendendo solidariedade, propriedade colectiva, autogestão e autodisciplina do Homem. Resumidamente, estes pretendem organização sem estrutura hierárquica. Como refere James Joll “Os anarquistas que consideravam a destruição total da sociedade existente como um preliminar para a criação de uma nova ordem”<sup>48</sup>.

“Movimento político que defende uma organização social baseada em consensos e na cooperação de indivíduos livres e autónomos, mas onde à partida sejam abolidas entre eles todas as formas de poder. A Anarquia seria assim uma sociedade sem poder, dado que os indivíduos de uma dada sociedade, se auto-organizariam de tal forma que garantiriam que todos teriam em todas as circunstâncias a mesma capacidade de decisão. Esta sociedade, objecto de inúmeras configurações, apresenta-se como uma “Utopia” (algo sem tempo ou espaço determinado). É um ideal a atingir”<sup>49</sup>.

No entanto o anarquismo pode dividir-se em duas correntes distintas. O Anarquismo Social e o Anarquismo Individualista. De um lado, os libertários e revolucionários (como Bakunine e Proudhon), do outro os individualistas e egoístas (como por exemplo William Godwin<sup>50</sup> e M. Stirner).<sup>51</sup> O Anarquismo Social, como o próprio

---

<sup>45</sup> Cf. LARA, António de Sousa, “Ciência Política. Estudo da Ordem e da Subversão”, 5ª Edição, Instituto Superior de Ciência Sociais e Políticas, 2009, p.683.

<sup>46</sup> Cf. <http://gradworks.umi.com/1463692.pdf>, a 23 Fevereiro de 2011, p.3.

<sup>47</sup> Cf. LARA, António de Sousa, “Ciência Política. Estudo da Ordem e da Subversão”, 5ª Edição, Instituto Superior de Ciência Sociais e Políticas, 2009, p.683.

<sup>48</sup> JOLL, James, “Anarquistas e Anarquismo”, Publicações Dom Quixote, 1964, p.327.

<sup>49</sup> <http://afilosofia.no.sapo.pt/11Anarquismo.htm>, a 10 de Fevereiro de 2011.

<sup>50</sup> Jornalista, Filósofo e Novelistas inglês, potenciador do anarquismo individualista, movido pelo utilitarismo e influenciado por ideias iluministas..

<sup>51</sup> Cf. LARA, António de Sousa, “Ciência Política. Estudo da Ordem e da Subversão”, 5ª Edição, Instituto Superior de Ciência Sociais e Políticas, 2009, p.719.

nome indica, é menos egocêntrico que o oposto, apostando mais no bem estar da sociedade como um todo, em detrimento do ser individual. Caracteriza-se pela defesa de um governo operário eleito pela via democrática e pela defesa da luta reivindicativa sindical. Por outro lado, o Anarquismo Individualista, que não se assume como um incompreensível opositor da outra vertente anarquista, mas sim como outra perspectiva perante os mesmos ideais. Uma perspectiva que dá ênfase à autonomia do indivíduo, defendendo que cada um se auto-gere, independentemente da existência de associações voluntárias. Estes basicamente defendem o voluntarismo anti-teórico, a destruição do Estado e o sentimento de anti-burguesia e anti-autoridade.<sup>52</sup> Para além destas duas vertentes anarquistas, existe quem o divida em outros inúmeros ramos e outras correntes de pensamento. Apesar destas divisões, a filosofia mãe e os ideais principais, acabam por ser idênticos.

Negligenciando em certa parte as inúmeras vertentes anarquistas Carlos Fontes refere que o Anarquismo rege-se principalmente por seis ideias<sup>53</sup>. Uma delas é os Direitos Fundamentais dos Indivíduos. Defendem a elevação do indivíduo face à sociedade, sendo que não é possível contrariar o conjunto de direitos naturais do Homem. Outra das ideias é a Acção Directa. Há uma recusa da existência de representantes da sociedade. Cada um auto-representa-se perante a sociedade, como ser individual que é. A Crítica de Preconceitos Ideológicos e Morais também entra no leque de ideias defendidas. Criticam todas as ideias e filosofias estabelecidas pela sociedade, assumindo que o Homem é um ser livre e deve-se comportar como tal, estabelecendo as suas próprias ideias e actuando segundo os seus princípios. Um exemplo desta rejeição, é a desvalorização da religião. Um outro ponto que é defendido pela comunidade anarquista é a Educação Libertária. Estes apostam vigorosamente na Educação, apesar de não admitirem o tradicional sistema educativo. A educação é o processo de emancipação dos indivíduos. A Sociedade Global é um ponto em foque nos ideais anarquistas. Mediante a livre circulação de pessoas à escala mundial gerar-se-ia o estreitamento das ligações entre povos e provavelmente o fim das guerras entre países.

A última ideia que Carlos Fontes refere, quanto à caracterização da filosofia anarquista, é deveras a mais significativa e ilustrativa, do que tem sido defendido por movimentos anarquistas. A Auto-organização visa a recusa do poder, não obstante da existência de organizações. “Estas devem contudo ser o resultado de uma acção consciente

---

<sup>52</sup>Cf. Idem p.718.

<sup>53</sup> Cf. <http://afilosofia.no.sapo.pt/11Anarquismo.htm>, a 10 de Fevereiro de 2011.

e voluntária dos seus membros, mantendo entre eles uma total igualdade de forma a impedir a formação de relações de poder (dirigentes/dirigidos, representantes/representados, etc.) ” (Carlos Fontes)<sup>54</sup>. Abominam as organizações onde a maioria dos pertencentes são postos à parte da tomada de decisão. Crêem que todos nós deveremos ser elementos decisores.

“Quando o assunto vinha à baila todos os anarquistas concordavam em que, na nova sociedade, o homem viveria numa simplicidade e frugalidade extremas e seria feliz sem as vantagens técnicas da era industrial. Por esta razão, muito pensamento anarquista parece basear-se numa visão romântica, saudosista de uma sociedade idealizada do passado, uma sociedade de artesãos e camponeses, e na rejeição total das realidades de organização social e económica do século XX”<sup>55</sup>.

Em suma, o Anarquismo pode ser considerado uma filosofia utópica, de certo modo inatingível. A inexistência de governo e de hierarquia decisora caracteriza esta corrente, tornando-a pouco concretizável. No entanto, apesar da inconsistência do anarquismo esta “é uma doutrina que atraiu bastantes pessoas em cada geração, as suas ideias continuam ainda a ter uma certa atracção, embora talvez mais como credo ético pessoal do que como força social revolucionária”<sup>56</sup>. Como refere António de Sousa Lara: “Em primeiro lugar alude à exclusividade dos interesses individuais”<sup>57</sup>.

---

<sup>54</sup> Cf. Ibidem.

<sup>55</sup> JOLL, James, “Anarquistas e Anarquismo”, Publicações Dom Quixote, 1964, p.327

<sup>56</sup> Ibidem.

<sup>57</sup> LARA, António de Sousa, “Ciência Política. Estudo da Ordem e da Subversão”, 5ª Edição, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, 2009, p.682.



## **2 – CARACTERIZAÇÃO DE DIVERSAS FILOSOFIAS RADICALISTAS DE ESQUERDA**

### **2.1. GRUPOS DE EXTREMA-ESQUERDA**

#### **2.1.1. BLACK BLOC**

O Black Block é essencialmente uma estratégia de manifestação, e não um grupo manifestante como se possa pensar. Este é um aglomerado de diversos protestos anarquistas, que se unem com um propósito comum: o manifesto violento contra a globalização e o capitalismo. Não é qualquer tipo de organização internacional, mas sim uma tática de manifesto organizada, composta por distintos grupos anarquistas, ou mesmo cidadãos não pertencentes a um grupo em específico, mas que se anexam, defendendo as mesmas causas. Black Bloc refere-se a tática adoptada durante as manifestações, onde um grupo de manifestantes com vestimentas negras e máscaras, a fim de aumentar a sua visibilidade, realizam actos de desobediência civil e ataques contra a polícia ou manifestações, actuando como um grupo e não como activistas individuais<sup>58</sup>.

Inicialmente, a filosofia e estratégia Black Bloc, nos seus primórdios, surgiu com a organização Students for a Democratic Society<sup>59</sup> nos Estados Unidos da América, durante os “Days of Rage”<sup>60</sup>. Aqui verificaram-se os primeiros esboços da tática e da organização contemporânea utilizada pelo Black Bloc. No entanto, foi na Alemanha, nos anos 70 e 80, constatável no Movimento Autónomo Alemão<sup>61</sup>, onde foram aplicados métodos mais elaborados e táticas mais praticáveis e eficazes de manifestação e oposição policial. Nos

---

<sup>58</sup> Cf. LOWES, David E., “The anti-capitalist dictionary – movements, histories and motivations.”, Fernwood Publishing Ltd, 2006, p.23.

<sup>59</sup> Movimento estudantil activista norte americano criada em 1960, representantes da Nova Esquerda(activistas hippies em contradição ao movimento Marxista) e apoiantes da democracia participativa, do radicalismo e do poder estudantil.

<sup>60</sup> Os “Days of Rage” foram demonstrações em três dias do mês de Outubro de 1969 em Chicago, organizadas pelo Students for a Democratic Society com o fim de protestar acerca das guerras em que os Estados Unidos da América estavam inseridos, e também, como principal mote deste movimento, protestar relativamente ao sistema eleitoral, afirmando a inutilidade das eleições vividas, apelando às eleições justas, apelando que o verdadeiro poder estava nas ruas.

<sup>61</sup> Movimento anarquista anti-nuclear e em oposição à construção de aeroportos, que resultou, entre muitos outros acontecimentos, no arremesso de *cocktails molotov* e na construção de barricadas contra as forças de segurança locais.

anos 80, o movimento anarco-punk<sup>62</sup> em conjugação com elementos contestatários da classe operária norte americana, começaram a vestir roupas pretas e máscaras, como marca distinta de outro tipo de manifestações, efectivando as suas marchas de protesto. Uniformizados tinham um maior poder de persuasão perante a população em geral, conseguindo assim também angariar novos elementos activistas. Este processo com o passar do tempo foi-se tornando mais consistente e bem sucedido, onde seriam aplicadas melhores técnicas de auto-defesa e inevitavelmente melhores técnicas de ataque contra quem controlava os protestos, as forças de segurança. No entanto, e apesar da melhorias técnico-táticas destes protestos violentos, a inexistência de poder continuava a existir conscientemente. Como boa organização anarquista que era, a organização formal e a hierarquia não se verificava. Esta simplesmente agia como um agrupamento temporário coeso, com o objectivo imediato de criar força de combate temporal, que na prática se dissolveria com a conclusão da acção perpetuada.<sup>63</sup>

Actualmente, o Black Bloc pode ser considerado uma aliança de grupos e pessoas com ideais idênticos. Uma aglomeração poderosa e imponente. Defendem essencialmente o anti-capitalismo e a anti-globalização, apesar de se integrarem em outros manifestos, como por exemplo anti-NATO ou anti-racistas. Estes para além das suas vestimentas negras, associadas ao anarquismo, visto esta ser a sua cor, verifica-se a utilização de máscaras ocultadoras da identidade. As máscaras também simbolizam igualitarismo e a recusa em reconhecer um líder<sup>64</sup>. Estes costumam, também, ir preparados “belicamente” para as manifestações perpetuadas, nomeadamente na utilização de tubos de metal, tacos de madeira, entre outros objectos susceptíveis de por em risco a integridade física ou mesmo a vida dos elementos que asseguram a ordem pública neste tipo de manifestação. Quanto à sua própria defesa, é comum ver a utilização de máscaras de gás para fazer frente aos mecanismos utilizados pelas forças e segurança (gás lacrimogéneo, entre outros), ou em alternativa tecidos embebidos em vinagre, com o mesmo efeito protector. Para sua protecção também são utilizados diversos equipamentos (como caneleiras, coletes anti-choque, capacetes, etc.).

---

<sup>62</sup> Movimento musical anarquista onde imperam o anti-heterossexualismo, a igualdade racial, o feminismo, a anti-globalização, o ecologismo, os direitos dos animais entre muitas outras crenças associadas à esquerda política.

<sup>63</sup> Cf. DEUSEN, David van; MASSOT, Xavier, “The Black Bloc Papers”, The Green Mountain Anarchist Collective, 2010.

<sup>64</sup> Cf. PARKER, Martin; FOURNIER, Valérie; REEDY, Patrick, “The Dictionary of Alternatives. Utopianism & Organization”, Zed Books Ltd, 2007, p. 27.

Nos protestos perpetuados por estes é comum presenciar-se a destruição de inúmeros símbolos associados ao capitalismo e à globalização, como por exemplo montras ou fachadas de grandes superfícies comerciais, grandes multinacionais, ou mesmo estaduais. A destruição por estes causada muitas vezes abarca estabelecimentos e veículos policiais e militares. Também é comum a escrita de mensagens revolucionárias apelativas, referentes ao que por estes é defendido, mediante a utilização de sprays, em inúmeros locais por onde os referidos se deslocam. Acções típicas do Black Bloc incluem a distração da polícia levando assim a uma difícil percepção, por parte dos agentes da autoridade, da real atitude dos manifestantes. Também procuram desalgemar ou libertar pessoas que já foram presos pela polícia, constroem barricadas, atacam e desarmam as Forças Policiais.<sup>65</sup> No entanto este vandalismo exercido não se pode considerar sempre arbitrário, surgindo oportunismo que leva a que seja causada também destruição patrimonial em outros bens não associados às causas por estes defendidos.

A função do Black Bloc passa também pela mobilização e persuasão de outros manifestantes, participantes no mesmo protesto. Esta mobilização, resume-se essencialmente, à colocação dos elementos, usualmente trajados de negros, na frente do protesto, conseguindo assim transmitir tanto aos restantes manifestantes, como às forças que asseguram a ordem pública, uma maior emotividade, e até mesmo violência no acto manifestante. A tática Black Bloc visa reforçar e potenciar as manifestações, ligadas às suas motivações, de um modo por vezes agressivo e destrutivo da ordem e tranquilidade públicas. Existe também um aproveitamento da natural rejeição do Homem face à subjugação, à autoridade e ao próprio capitalismo, que no elemento manifestante está muito mais superficial e despolotável. Demonstrando violência contra as autoridades, a angariação de apoiantes no local acresce, pois o manifestante em geral somente necessita de uma ignição para iniciar a violência, transformando, assim, um manifestante pacífico num manifestante violento. A ignição é a tática Black Bloc.

### **2.1.2. NO-TO-NATO E PAGAN**

A rede internacional *No-to-Nato*, ou em português *Não à Nato*, nasce em Outubro de 2009 devido essencialmente à realização de uma Cimeira da Nato em Estugarda<sup>66</sup>, com

---

<sup>65</sup> Cf. Ibidem.

<sup>66</sup> Cf. <http://www.no-to-nato.org/en/about-us/>, a 10 de Março de 2011.

o objectivo de apelar ao pacifismo, rejeitando a guerra como método de dirimir conflitos. Rejeitavam também a *NATO* como veículo para a aplicação desse método. Esta organização trata-se de um aglomerado de menores grupos anti-militaristas abarcando mais de 650 organizações de 30 distintos países, assim como a grega *Stop the War*, a francesa *Movement de la Paix*, ou mesmo dos portugueses *PAGAN* (Plataforma Anti-Guerra e Anti-Nato).

A *Organização do Tratado Atlântico Norte (OTAN)*, ou *North American Treaty Organization(NATO)*, ou *Aliança Atlântica*, é uma organização internacional criada com o fim da colaboração militar entre alguns países do hemisfério norte, nomeadamente entre 28 aliados, entre os quais se inclui Portugal<sup>67</sup>. Esta foi criada em 1949, no contexto da Guerra Fria<sup>68</sup>, fazendo frente à aliança militar do leste europeu, o Pacto de Varsóvia.

A rede internacional não pode ser posicionada à esquerda política pois alberga um elevado número de apoiantes em todo o mundo, independentemente das suas escolhas políticas, apesar de naturalmente estes serem, na sua grande maioria, apoiantes de políticas socialistas, comunistas ou mesmo anarquistas. Basicamente, este é um movimento pela paz e não pela violência e radicalismo demonstrado noutros grupos manifestantes. A própria organização é a primeira a salientar isso quando refere no seu site oficial que a rede tem o compromisso de só usar meios não-violentos nas suas actividades contra a NATO<sup>69</sup>. Não obstante do pacifismo requerido por esta rede anti-militarista, existe um incentivo, por parte do Comité Coordenador, à desobediência face às forças repositoras da ordem<sup>70</sup>. Muito do seu activismo passa pela realização de demonstrações, pela via da manifestação, participações em eventos culturais com diversos apoiantes (não pertencentes ao movimento), tentativas de boicote às próprias cimeiras NATO, mediante acções pacifistas. Esses boicotes são, por exemplo, cortes de estradas, ou mesmo impedimento de acesso a locais de realização das cimeiras, estando aqui presente a desobediência às Forças de Segurança, e também na realização de congressos, onde são discutidas todas as acções anteriormente descritas<sup>71</sup>. Um exemplo destas práticas foi a Cimeira Nato em Lisboa a 19 e 20 de Novembro de 2010.

---

<sup>67</sup> Cf. [http://www.nato.int/cps/en/natolive/nato\\_countries.htm](http://www.nato.int/cps/en/natolive/nato_countries.htm), a 10 de Março de 2011.

<sup>68</sup> Período compreendido entre o final da Segunda Guerra Mundial (1945) e a queda da União Soviética(1991) onde existiram conflitos entre os Estados Unidos da América e a União Soviética de ordem política, militar, económico-social e ideológica. Conhecida como a guerra de intimidações e suposições entre o bloco comunista e o bloco liberalista/capitalista.

<sup>69</sup>Cf. <http://www.no-to-nato.org/en/about-us/platform-paper/>, a 11 de Março de 2011.

<sup>70</sup> Cf. Idem.

<sup>71</sup>Cf <http://www.no-to-nato.org/en/nato-strategy/>, a 11 de Março de 2011.

Segundo estes, para alcançar o utópico mundo pacífico, são rejeitadas as respostas militares a crises globais ou mesmo regionais, sendo rejeitados todos os ataques ou leis internacionais associadas à intervenção da NATO. Também rejeitam a vivência humana cercada pelo terror, derivado da indústria militar nuclear e sua aplicação na resolução de conflitos<sup>72</sup>. Tudo o que são fundos aplicados com armamento devem ser direccionados para as reais necessidades humanas, sendo abolidas todas as estruturas militares, bases e intervenção dos elementos pertencentes às mesmas. Em suma, a NATO, como órgão alglomerador de forças militarizadas, deve ser extinta. A plataforma *No-to-Nato* afirma que têm de democratizar e desmilitarizar as relações entre os povos, procurar a resolução de conflitos e a segurança comum, estabelecendo novas formas de cooperação pacífica para construir um mundo mais seguro e justo.<sup>73</sup>

A *Plataforma Anti-Guerra e Anti-Nato* é uma organização anti-militarista portuguesa, nascida a 30 de Setembro de 2009, integrada na campanha internacional “No to War, No to NATO”<sup>74</sup>. A *PAGAN* surgiu motivada pelo manifesto contra as políticas belicistas exercidas pela *Organização do Tratado Atlântico Norte*. Nasceu em 2009 devido essencialmente à realização da Cimeira-Nato em Lisboa. Gerou-se uma motivação extra para a criação desta. Esta plataforma é a voz de todos aqueles que têm repúdio às políticas militaristas e à guerra em geral. Contesta toda a excessiva aplicação de fundos estaduais em armamento, nomeadamente nos investimentos em armas nucleares de determinados países. A União Europeia e a sua cada vez mais sólida relação com a *NATO/OTAN*, também é alvo de críticas pelos elementos apoiantes desta Plataforma.

Em suma, a *PAGAN* é um movimento não violento que defende a rejeição das respostas militares a crises regionais e mundiais, a eliminação de bases militares estrangeira em território nacional. Defendem a redução drástica dos fundos aplicados nas Forças Armadas, utilizando-os para bens estritamente necessários à população, e desenvolver as relações internacionais com vista ao pacifismo entre estados, em detrimento do desenvolvimento do armamento. Apostar na diplomacia e não na tecnologia militar. Basicamente as ideias defendidas são as mesmas que as da sua “mãe” *No-to-Nato*.

---

<sup>72</sup> Cf. <http://www.no-to-nato.org/en/about-us/platform-paper/>, a 11 de Março de 2011.

<sup>73</sup> Cf. Ibidem.

<sup>74</sup> Movimento internacional contra a guerra em geral, e nomeadamente contra a acção exercida pela Nato no Panorama internacional.

### 2.1.3. ATTAC

O ATTAC é uma organização internacional envolvida no movimento de alterglobalização. Esta organização nasce em 1998 com o primordial objectivo de influenciar à implementação da Taxa *Tobin*<sup>75</sup>, mas também associada a Seattle99<sup>76</sup> durante as negociações do WTO<sup>77</sup>. Aqui existe um sentimento de oposição à globalização neo-liberalista, apoiando o desenvolvimento social, o ambientalismo, as alternativas democráticas na gestão de uma nação e também a preservação dos direitos fundamentais do homem<sup>78</sup>. Essencialmente são almejados a precisa regulação dos mercados financeiros, a anulação da existência de paraísos fiscais, a criação de impostos globais, financiadores dos bens públicos mundiais, o cancelamento da dívida pertencente aos países terceiro-mundistas e também a imposição de limites ao livre mercado e ao movimento de capitais à escala mundial<sup>79</sup>. O ATTAC, à semelhança do *No-to-Nato*, é uma rede internacional de grupos apoiantes, distribuídos por cerca de 40 países, sendo estes essencialmente localizados na Europa, apesar de se encontrarem 6 no continente africano, 2 no continente asiático, 4 no continente sul-americano e 1 no continente norte-americano.<sup>80</sup>

O seu activismo foca-se essencialmente nas campanhas por estes promovidas, tais como a *Close Down the Casino Economy* ou *Another Europe is Possible*. A campanha *Close Down the Casino Economy*, foi e é definitivamente o espelho do motivo da existência do ATTAC, e consequentemente dos pensamentos alterglobalistas. Aqui defendem a recusa da privatização dos lucros, o reforço do sector bancário público ligado ao cooperativismo e a revisão do sistema monetário e financeiro internacional, a nível global. Está presente nesta campanha também o encerramento de paraísos fiscais e a anulação de todos os instáveis e destabilizadores instrumentos no sistema financeiro.<sup>81</sup> A

---

<sup>75</sup> Imposto que incidiria sobre o valor das transacções financeiras de curto prazo, limitando assim a especulação financeira internacional.

<sup>76</sup> Manifestação em Seattle em 30 de Novembro de 1999, no Estados Unidos da América, no âmbito de uma reunião de membros da WTO. Esta manifestação aglomerou entre 40 a 100 mil manifestantes, de entre os quais anarquistas, ecologistas, pacifistas e humanistas.

<sup>77</sup> A Organização Mundial do Comércio (OMC) lida com as regras do comércio entre as nações a nível global ou quase global (Cf. [http://www.wto.org/english/thewto\\_e/whatis\\_e/tif\\_e/fact1\\_e.htm](http://www.wto.org/english/thewto_e/whatis_e/tif_e/fact1_e.htm), a 15 de Março) Esta é uma organização que supervisiona e liberaliza os mercados internacionais, implementa e gere os acordos existentes entre países. Esta organização também faz com os países membros se reunam, discutindo-se assim litígios existentes. O WTO também é conhecido por OMC (Organização Mundial de Comércio).

<sup>78</sup> Cf. <http://www.attac.org/en/overview>, a 15 de Março de 2011.

<sup>79</sup> Cf. Idem.

<sup>80</sup> Cf. <http://www.attac.org/en/about/map>, a 15 de Março de 2011.

<sup>81</sup> Cf. <http://www.attac.org/en/what-we-do/campaigns/close-down-casino-economy>, a 15 de Março de 2011

outra campanha (*Another Europe is Possible*), assenta nos mesmos princípios da campanha anteriormente dissecada, apesar de esta se focar no continente europeu. O ATTAC considera a forma actual da União Europeia, um sério obstáculo para as conquistas da democracia, dos direitos fundamentais, da segurança social, da justiça associada ao género e da sustentabilidade ambiental<sup>82</sup>. Nesta campanha é alertada a falta de democracia, legitimidade e transparência dos governos do mundo inteiro, governos esses, guiados por políticas neoliberais.<sup>83</sup>

Actuam essencialmente em manifestações anti-G8<sup>84</sup>, anti-G20<sup>85</sup> e também anti-WTO. À semelhança de grupos essencialmente anti-militaristas/anti-Nato, o ATTAC também se manifesta em prol do pacifismo e da consequente extinção de todo e qualquer tipo de guerra. Como método de divulgação, esta rede unificadora de grupos alter e antiglobalistas está presente em diversas redes sociais como o Facebook, o Twitter ou o Youtube. Detém também a seu próprio canal, denominado de ATTAC TV, potenciando deste modo a angariação de apoiantes.

Em Portugal, a plataforma ATTAC<sup>86</sup> surge em 1999, tendo realizado o seu primeiro encontro em Dezembro de 2002, resultando desta reunião próprios estatutos e programa de acção<sup>87</sup>. Estes estatutos demonstram a relativamente alta organização nesta plataforma, sendo perceptível, que ao contrário da maioria dos grupos anarquistas, tudo está bem definido, desde os fins da organização até às condições de admissão nesta. Quanto aos seus programas de acção, estes são semelhantes aos da ATTAC internacional. Estes têm tido várias iniciativas desde a elaboração de colóquios (“A Crise do Capitalismo e o Futuro” e “Solidariedade com o Sahara Ocidental”, por exemplo) à criação de seminários, como é o exemplo do seminário “Solidariedade com o povo da Palestina”.<sup>88</sup> A realização de jantares de convívio é também uma das iniciativas dos alterglobalistas.

---

<sup>82</sup> Cf. <http://www.attac.org/en/what-we-do/campaigns/another-europe-possible>, a 15 de Março de 2011.

<sup>83</sup> Cf. Idem.

<sup>84</sup> Grupo dos 8 países mais industrializados do mundo que reúne anualmente com objectivo de discutir questões socioeconómicas. Grupo altamente contestado por a grande maioria do radicalismo de esquerda. Actualmente são membros pertencente são os Estados Unidos da América, o Canadá, o Japão, a Alemanha, a Rússia, a Itália, a França e o Reino Unido.

<sup>85</sup> O G20 surgiu em 1999, devido essencialmente à crise financeira asiática em 1997, com o objectivo de reunir as principais economias mundiais estabilizando os mercados financeiros mundiais (retirado do site oficial do G20 em <http://www.g20.org/index.aspx> a 15 de Março de 2011). Neste G20, além das já conhecidas potências pertencentes ao G8, encontram-se novos emergentes países como o Brasil ou até mesmo a China ou a Índia. .

<sup>86</sup> Associação para a Taxação das Transacções Financeiras para a Ajuda aos Cidadãos, segundo o plasmado nos seus próprios estatutos.

<sup>87</sup> Cf. <http://www.attac.pt/>, a 16 de Março de 2011.

<sup>88</sup> Idem.

Em suma, o *ATTAC* opõe-se à globalização neo-liberal baseada na liberalização de mercado, defendendo os direitos sociais, a democracia, a solidariedade, para com os países terceiro-mundistas, e o globo, num todo, no ponto de vista ambientalista.

#### 2.1.4. WRI

O *War Resister's International* é uma organização internacional anti-guerra, à semelhança dos internacionais *No-to-Nato* e dos nacionais *PAGAN*. Esta organização nasceu em 1921<sup>89,90</sup> com o nome de “Paco”, baseada na seguinte declaração: “A guerra é um crime contra a humanidade. Por isso, estamos determinados a não apoiar qualquer tipo de guerra, e esforçarmo-nos para a remoção de todas as causas de guerra”<sup>91</sup>. Com a fundação da *WRI*, uma organização internacional pacifista de relevância superior nasce, em comparação com qualquer uma criada, antes da 1ª Grande Guerra. Isto foi resultante do compromisso dos dedicados objectores de consciência e também de todos os activistas pacifistas durante a 1ª Guerra Mundial<sup>92</sup>.

Esta rede internacional está estabelecida em Londres, tendo os seus membros dirigentes perfeitamente identificados, logo, consideram-se uma organização legítima e oportuna.<sup>93</sup> A *WRI* tem diversos associados em 50 países diferentes, em todos os 5 continentes, incluindo em Portugal, mediante a organização associada Associação Livre dos Objectores e Objectoras de Consciência<sup>94</sup>. Segundo a *ALOC* “A Guerra, que constitui

---

<sup>89</sup> Muito dos seus fundadores estiveram envolvidos na Primeira Guerra Mundial, tendo o seu primeiro secretário passado dois anos e meio na prisão por se ter dado como objector de consciência. Em 1923 a denominada “Paco” passou a se chamar de War Resisters League. “É A organização pacifista, dos Estados Unidos da América, mais antiga. O seu trabalho contribui para a revolução não-violenta atravessando décadas, sendo moldada pelas novas visões e estratégias de pacificadores de cada geração. As suas influências políticas abrangem todo o mundo. Fundamentam-se nos ensinamentos do líder indiano, Mohandas Gandhi, e do líder dos direitos civis Martin Luther King Jr, na activista, pacifista, feminista e teórica Barbara Deming, no trabalho organizador de Cesar Chavez, e nos agitadores de paz AJ Muste e Dave Dellinger( <http://www.warresisters.org/whoweare>, a 17 de Março de 2011).

<sup>90</sup> Cf. LEWER, Nick, “Physicians and the peace movement :prescription for hope”, BPCC Wheatons Ltd, 1992, p. 49.

<sup>91</sup> Cf. [http://www.wri-irg.org/network/about\\_wri](http://www.wri-irg.org/network/about_wri), 17 de Março de 2011.

<sup>92</sup> Cf. Idem, p.50.

<sup>93</sup> Cf. <http://www.wri-irg.org/cgi/datafeed-unicode.cgi>, 17 de Março de 2011.

<sup>94</sup> “A Associação Livre dos Objectores e Objectoras de Consciência (ALOOOC) é uma associação portuguesa sem fins lucrativos que fomenta como princípio fundamental a Paz como meio de resolução de qualquer conflito (político, social, cultural, religioso, etc.). A par disso, a ALOOC promove uma Cultura de Não-Violência, onde a Educação para a Paz se manifesta como um instrumento privilegiado de introdução da Tolerância, Respeito mútuo e Compreensão de diferentes realidades, para a construção de um novo paradigma de convivência entre todos os habitantes do nosso planeta.” (Cf. [http://aloc.no.sapo.pt/quem\\_somos.htm](http://aloc.no.sapo.pt/quem_somos.htm), a 18 de Março de 2011).



um Crime contra a Humanidade, está a colocar em perigo o nosso Futuro, enquanto não terminarmos com as causas que a provocam. As nossas vidas são demasiado importantes para deixá-las em mãos de políticos, economistas e militares que pretendem que paguemos os erros dos seus cálculos macabros”<sup>95</sup>. Muitas das filosofias defendidas pela *WRI* provêm das técnicas não violentas desenvolvidas por Gandhi na luta pela independência da Índia<sup>96</sup>.

À semelhança das suas congéneres organizações esta contesta a guerra e tudo o que está inerente a ela, de modo pacífico, desde as vidas humanas por ela perdidas aos fundos monetários nela investida. Existe uma repulsa à violência por parte dos apoiantes da *WRI*. Esta rede internacional também promove diversos seminários e eventos tais como “Haga que pase! Information on the struggle of Afrocolombians for the land against militarism”<sup>97</sup> (relacionado com a abolição da escravatura na Colômbia) e também “Mobilisons nous countre les marchands de Canon!!”<sup>98</sup> (relacionado com o mercado de armamento)<sup>99</sup>. Esta rede também promove diversas campanhas como por exemplo a “Shut Down Nato”, campanha semelhante à exercida pela *PAGAN* e pela *No-to-Nato*, ou a campanha pela resistência ao pagamento de taxas aplicadas aos orçamentos de guerra e armamento. Esta rede também teve um papel relevante na invasão soviética à Checoslováquia em 1968, protestando vigorosamente contra o sucedido em quatro diferentes capitais do Pacto de Varsóvia. Em 1988, na África do Sul, apoiando o movimento anti-apartheid<sup>100</sup> aliada à Frente Unida Democrática<sup>101</sup>, compondo os Objectores de Consciência neste país. A *WRI* tem a sua própria Constituição definidora dos seus princípios e da sua estrutura ao nível organizacional, elencada no seu próprio site<sup>102</sup>.

Em suma a *WRI* é uma rede agregadora de diversos grupos/indivíduos pacifistas e consequentemente com posições anti-guerra e anti-Nato. É uma rede internacional activista

---

<sup>95</sup> [http://aloc.no.sapo.pt/actividades\\_da\\_alooc.htm](http://aloc.no.sapo.pt/actividades_da_alooc.htm), a 20 de Março de 2011.

<sup>96</sup> Cf. Op Cit pg. 23.

<sup>97</sup> Em português “Faz com que aconteça! Informação sobre a luta dos Afro-Colombianos para a terra contra o militarismo”.

<sup>98</sup> Em português: “Mobilizamo-nos contra os comerciantes do Canon”.

<sup>99</sup> Cf. <http://www.wri-irg.org/node/10156> e cf. <http://www.wri-irg.org/node/10940>, a 20 de Março de 2011

<sup>100</sup> “Apartheid é literalmente a separação dos africanos e dos falantes das línguas holandesas, é o nome dado a uma política de separação das pessoas por raça, no que diz respeito a onde moram, onde frequentam a escola, onde trabalham, e onde morrem. (Cf. CLARK, Nancy L., WORGER, William H., “South Africa: the rise and fall of apartheid”, Pearson Education Limited, Great Britain, 2004, p.3). Esta política foi introduzida na África do Sul em 1948 pelo Governo do Partido Nacional e permaneceu até à queda do partido em 1994( conforme CLARK, Nancy L.; WORGER, William H., “South Africa: the rise and fall of apartheid”, Pearson Education Limited, Grã Bretanha, 2004, p.3.).

<sup>101</sup> A Frente Unida Democrática foi uma das mais importantes organizações não raciais anti-apartheid nos anos 80, apoiada por cerca de 3 milhões de membros.

<sup>102</sup> Cf. <http://www.wri-irg.org/statemnt/constitution-en.htm>, a 21 de Março d 2011.

com algum significado no panorama mundial, agrupando diversos movimentos locais, actuando mediante a sua participação em manifestações, relacionadas com os seus ideais defendidos, como na realização de seminários e eventos alertantes.

### 2.1.5. RASH e SHARP

Os *RASH*<sup>103</sup>, grupo *skinhead*<sup>104</sup> anarquista de esquerda, nasceu em 1993 nos Estados Unidos da América, em contraposição à tradicional filosofia de direita *skinhead*. Na Europa surgiu primeiramente em França, expandindo-se rapidamente por todo o continente. Ao contrário do típico movimento *skinhead*, os *RASH*, assumem-se como um grupo anti-racista e anti-fascista, sendo uma fusão entre os pensamentos anarquistas e comunistas, como se verifica em muitos dos denominados grupos de extrema-esquerda. Caracterizam-se os *RASH* pelo seu orgulho à classe operária, a sua identificação com os géneros musicais *reggae*<sup>105</sup>, *ska*<sup>106</sup> e *punk rock*<sup>107</sup>, a sua amizade por todos aqueles que são vitimizados por pensamentos neo-nazistas, nomeadamente por grupos de *skinheads* de direita é também pelo desagrado demonstrado a todos aqueles que não pertencem à classe trabalhadora. Hoje em dia, estão bastante associados à violência no desporto, mais concretamente à exercida em jogos de futebol. Há a salientar, que a par da maioria dos movimentos radicais de esquerda, existe uma grande repudia pelas forças policiais.

Anteriormente ao aparecimento dos *RASH* surgiram os *SHARP*<sup>108</sup>. Assumido como um movimento *skinhead* anti-racista, os “*skinheads* contra o preconceito racial”, surgiram também nos Estados Unidos da América em 1986 em Minneapolis, juntando assim *skinheads* opostos ao racismo e à xenofobia. “Trata-se, aqui também, de um espírito revival (dos anos 68, desta vez), com mensagens anti-racistas e pró-terceiro-mundistas”<sup>109</sup>,

---

<sup>103</sup> Skin Head Anarquista e/ou extremistas de esquerda.

<sup>104</sup> Como o próprio nome indica, os “cabeças rapadas” nasceram no final dos anos 60 entre a juventude operária no Reino Unido, influenciados pelos *Rude Boys Jamaicanos* (delinquentes e criminosos juvenis jamaicanos associados ao género de música *ska*) imigrados em território britânico. Inicialmente não era um movimento político nem racial, apesar de o passar a ser após a fragmentação do próprio grupo, entre as extremas políticas esquerda e direita. Apesar desta anterior separação, hoje em dia o movimento *skinhead* é essencialmente conhecido pelo racismo e pela xenofobia, apesar de estes (racistas e xenófobos) serem na realidade conhecidos por *boneheads* e *hammerskins*.

<sup>105</sup> Género de música surgido na Jamaica nos anos 60.

<sup>106</sup> Género musical originário da Jamaica no final da década de 50.

<sup>107</sup> Surge nos Estados Unidos da América expandindo-se fugazmente para todo o globo, sendo esta associada a filosofias anarquistas e revolucionárias.

<sup>108</sup> *Skinheads Against Racial Prejudice* (Skinheads contra o preconceito racial).

<sup>109</sup> DA SILVA, Elisabette Murilho, COSTA, Márcia Regina, “Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana” – Elisabeth Murilho da Silva, Editora PUC-SP, São Paulo, 2006, p. 207.

excluindo a posição política, não se associando à esquerda ou à direita. Este movimento expandiu-se para o resto do Mundo, mas primeiramente para a Europa, por volta de 1990. Estes estão associados ao patriotismo, assim como a direita *skinhead* (*bonehead/hammerskins*), apesar de serem anti-racistas. Esta conjugação e filosofia afastou-os da extrema-esquerda política, levando assim à desagregação, onde determinados elementos pertencentes acabaram por não concordar com afastamento dos *SHARP* da esquerda. Originalmente *SHARP* não era um tipo de *skinhead*, não se podendo afirmar como um movimento político. Foi um originar de *skinheads* contra o preconceito racial<sup>110</sup>. Esta desagregação levou à criação dos *RASH*, anteriormente referidos.

A par dos *RASH* e dos *SHARP* existem muitos outros grupos/associações de *skinheads*, que se opõem ao movimento *skinhead* neo-nazi, assim como os *SAR* (*Skinheads Against Racism*), os *SHAFT* (*Skinheads Against Fascist Tendencies*) e os *SRJ* (*Skinheads for Radical Justice*), assumindo-se assim na generalidade como posicionados à esquerda. Em suma, todos estes são *redskins*<sup>111</sup>, tomando uma posição anti-fascista e revolucionária, defendendo os ideais típicos do anarquismo de esquerda de “grosso modo”. Idealizam o multiculturalismo e o pluralismo, ambivalência e estruturas alternativas, como uma solução de identidade pós-moderna.

### 2.1.6. FARC

A par de outras organizações revolucionárias militares, e por alguns considerada terrorista, como por exemplo *National Liberation Army*<sup>112</sup> (Colômbia) ou a *Kurdistan Worker's Party*<sup>113</sup> (Turquia), as “Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia” são uma organização, regida por ideais marxistas-leninistas, pro-cubanos, pro-soviéticos e anti-americanistas, que actuam através de táticas de guerrilha. As *FARC* nasceram em 1964, surgindo como um puro movimento de guerrilha, ligado ao Partido Comunista colombiano, apesar de actualmente estarem formalmente separados deste Partido. Estima-se que a este

---

<sup>110</sup> ARTHUR, Hans, MYHRE, Skott, “Youth and Subculture as Creative Force: Creating New Spaces for Radical Youth Work.” Hans Arthur Skott-Myhre, University of Toronto Press, Canada, 2009, p.20.

<sup>111</sup> Skinhead esquerdista gerado em oposição ao *bonehead*, sendo anti-racistas. (Cf. NILAN, Pam; FEIXA, Carles, “Global Youth?: hybrid identities, plural words”, Routledge, Abingdom, 2006.

<sup>112</sup> Organização terrorista colombiana, criada em 1964, inspirada por ideais marxistas, com vista à queda do regime no país onde actuam. (Cf. MARTIN, Gus, “Understanding Terrorism: Challenges, Perspectives and Issues”, SAGE Publications, New Dehli, 2010, p. 234).

<sup>113</sup> Organização separatista que luta contra o regime turco, de modo a alcançar a independência da região curda. (Cf. MANNES, Aaron, “Profiles in terror: the guide to Middle East terroris organizations”, Rowman & Littlefield Publishers, Inc, Reino Unido, 2004, p. 179).

movimento de guerrilha estejam associados entre 4000 e 5000 membros espalhados em cerca de 40 frentes, entre os quais um elevado número de recrutas com idade inferior a 18 anos (cerca de 30% dos membros pertencentes). Para além das motivações políticas das *FARC*, é reconhecido a sua envolvimento no tráfico de estupefacientes, em especial no tráfico de cocaína, e também no tráfico de armas. Estes estão estabelecidos essencialmente em terrenos deslocados da população colombiana, localizando-se especialmente nas selvas, na base da Cordilheira dos Andes<sup>114</sup>. Os principais objectivos deste grupo terrorista, movido por políticas de esquerda, são essencialmente destronar o Estado implementado em território colombiano, introduzindo assim o regime socialista e posteriormente caminhando para o comunista, criar um Estado onde o monopolismo e o imperialismo são rejeitados e forçar interesses norte americanos e de qualquer outro Estado capitalista/imperialista a se retirarem da Colômbia.

Como organização terrorista as *FARC* têm, ao longo dos anos, utilizado crianças como informadores organizacionais e até mesmo como seus próprios soldados, recorrendo ao sequestro destas, como método de recrutamento forçado. O sequestro não se cinge somente a crianças, sendo elevado o número de pessoas sujeitas a este crime, por esta organização. Entre as tácticas utilizadas, a que mais se destaca, o sequestro, com uma estimativa de 800 vítimas tem vindo a ser realizada desde 2008, em acampamentos isolados *FARC*.<sup>115</sup> Todos aqueles que entram neste movimento revolucionário, ou por ventura foram sequestrados, e tentarem perpetuar fuga, ou chegarem mesmo a realiza-la, são sujeitos a tortura por parte da organização. São ainda utilizados como moeda de troca em chantagens políticas entre as *FARC* e o governo colombiano.

As *FARC* podem ser consideradas das mais violentas e mais radicais organizações de esquerda hoje em dia, devido a inúmeros factores mencionados anteriormente, assim como a mais bem estruturada e hierarquizada, muito devido também ao seu número elevado de membros. Este tipo de organização terrorista para além de exercer uma forte influência/transtorno aos cidadãos colombianos, também o faz noutros países da América Latina, tais como a Venezuela, Peru, Brasil, Argentina e Paraguai. A influência por estes exercida face a alguns defensores de ideais extremistas de esquerda, pode levar cada vez mais ao surgimento de grupos organizados com propósitos semelhantes, não podendo ser

---

<sup>114</sup> Cadeia montanhosa situada ao longo da costa ocidental da América do Sul estendendo-se desde a Venezuela até à Patagónia (região a sul do continente sul americano, abrangendo os países do Chile e da Argentina).

<sup>115</sup>Cf. SEIB, Philip; JANBEK, Dana M., "Global Terrorism and new media: the post al-Qaeda generation", Routledge, Abdingon, 2011, p.40.

esta realidade exclusiva do continente sul-americano. O uso da violência na defesa das suas causas defendidas, pode levar a que esta seja utilizada por grupos/movimentos de esquerda tradicionalmente pacíficos, na demonstração da sua revolta e das reivindicações perante sociedade em que estão inseridos.

## **2.2. MOTIVAÇÕES ACTUAIS NO EXTREMISMO DE ESQUERDA**

### **2.2.1. ANTI-CAPITALISMO. ANTI-AMERICANISMO**

A oposição ao Capitalismo é permanentemente uma batalha da grande maioria dos movimentos radicais de esquerda. A repulsa demonstrada por estes deve-se em grande parte às desigualdades sociais que este sistema estimula, gerando assim, essencialmente, uma revolta nas franjas mais baixas da sociedade, que sofre com maior impacto este capitalismo, apelidado por alguns, Liberalismo.

O Capitalismo é portanto um sistema económico em que impera a propriedade privada, associada aos meios de produção, rejeitando o poder do Estado, enquanto gestor total destes meios. “O Capitalismo é convencionalmente entendido como o sistema económico na qual as empresas privadas são coordenadas pelo mercado. Nesta definição o Estado é um corpo estranho.”<sup>116</sup> O Estado seria somente um mero regulador das transacções efectuadas. Todo o sistema funciona em função do lucro, sendo estes distribuídos por quem produz ou por quem investe neles. Por sua vez, e em contraposição, o anti-capitalismo é tudo aquilo que se opõe ao defendido pelo Capitalismo. Genericamente, quem defende o anti-capitalismo deseja eliminar tudo o que são filosofias de direita e a sua aplicação no Estado onde vive. Deseja a substituição do sistema económico vigente, na sua totalidade, ou parcialmente, consoante determinadas ideologias, abolindo assim determinados aspectos que o Capitalismo pressupõe. Associada à defesa do extermínio do Capitalismo está o anti-americanismo. “O anti-americanismo é uma espécie de porto seguro do ponto de vista ideológico, pois corresponde a posições conhecidas – que se ancoram numa ideologia de esquerda, anti-imperialista”<sup>117</sup>. Este anti-americanismo é essencialmente a posição hostil face a tudo o que é cultura, sociedade e política nos Estados Unidos da América, e tua a sua influência perante o restante globo. Aqui entram as

---

<sup>116</sup> “Lua nova. Revista de Cultura e Política”, nº 36, p 85.

<sup>117</sup> ROSENFELD, Denis Lerrer; MATTÉI, Jean-François, “O Terror”, Dennis L. Rosendfield, Porto Alegre, Brasil, 2002, pp 28 e 29.

críticas constantes às políticas de governo norte-americanas, e como estas insurgem e extravasam os métodos de gestão política em outros países. A política externa norte-americana é altamente criticada, devido às imposições económicas e políticas por estes impostas, face muitas vezes a países menos desenvolvidos. O sentimento anti-americano passa muito pelos ataques ao Médio Oriente, com supostos interesses relativos ao controlo da indústria petrolífera, apesar da esmagadora crítica pública internacional. Em suma, o anti-capitalismo e o anti-americanismo estão altamente relacionados, visto que hodiernamente, são os Estados Unidos da América que mais influenciam todos os outros Estados de todo o mundo, emanando ideais capitalistas, levando assim a que países tradicionalmente afectos a políticas de esquerda, como por exemplo a República Popular da China, a deterem políticas cada vez mais liberais e de livre mercado/concorrência. Esta influência exercida é então criticada pelas desigualdades sociais que cada vez mais surgem, originada por este sistema económico.

### **2.2.2. ANTI-GLOBALIZAÇÃO E ALTERGLOBALIZAÇÃO**

A Globalização é partilha entre Estados, ao nível cultural, económico, político e social. Os “Estados e sociedades ficam cada vez mais enredados em sistemas mundiais e redes de interacção”<sup>118</sup>. A troca de informação é fruto da Globalização, pois o contacto, livre de barreiras, entre comunidades, leva ao incremento de conhecimento acerca de outros modos de vivência, proporcionando assim um campo de visão amplo a todos os níveis. Em questões económicas, este, é a abertura das economias, crescendo assim o número de transacções de mercadorias internacionalmente, verificando-se uma intensificação de movimento de capitais, resultantes da compra e venda de matéria e da prestação de serviços. “A globalização tem um aspecto inegavelmente material, na medida em que é possível identificar, por exemplo, fluxos de comércio, capital e pessoas em todo o globo”<sup>119</sup>. Esta transacção material leva ao melhoramento tecnológico, e consequentemente da satisfação das necessidades do Homem, independentemente desse melhoramento ser equitativo perante a sociedade, independentemente de o resultado ser a desigualdade social. Esta Globalização pode falhar em termos de igualdade social pois não é sempre indolor, já que os benefícios destas nem sempre alcançam toda a população. A

---

<sup>118</sup> HELD, David; MCGREW, Anthony, “Prós e Contras da Globalização”, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001, p.12.

<sup>119</sup> Ibidem.

Globalização está por sua vez associada ao capitalismo. Trata-se do processo de Globalização do Capitalismo. A perspectiva histórica mostra que a Globalização é filha do Capitalismo. Alguns chamam o clímax ou ápice do Capitalismo.<sup>120</sup>

Os movimentos anti-globalização surgem no desenrolar de toda esta desigualdade, proporcionada por esta filha do Capitalismo, a Globalização. Todas as correntes liberais e capitalistas são originadoras de desaprovação por parte de defensores de políticas de esquerda, logo, usualmente desaprovadas por radicais de esquerda. A tendência crescente para o activismo anti-globalização é dirigida, em primeiro lugar, contra os acordos multinacionais das grandes empresas e, em segundo, contra os acordos globais, entre nações, sobre o crescimento económico<sup>121</sup>. Associado às desigualdades sociais, existe também a exploração laboral exercida pelas grandes multinacionais, em países terceiro-mundistas, sendo esta, também uma motivação da esquerda mais radical. Esta exploração passa muitas vezes pelos baixos salários auferidos e pelas mínimas, ou inexistentes, condições de trabalho, associadas aos benefícios de saúde reduzidos<sup>122</sup>. Um exemplo desta exploração é a acusação, nos anos 90, a empresas como a *Nike*, a *Gap* ou até mesmo a *Starbucks* de proporcionarem aos seus trabalhadores condições deploráveis, incluindo o recrutamento de crianças para estas fábricas, em países do hemisfério sul<sup>123</sup>. No entanto activistas dividem-se quanto à sua postura face a estas grandes multinacionais. O maior segmento apoia reestruturação das corporações incutindo assim responsabilização e a transparência, enquanto o menor segmento, além de apoiar estes objectivos, promove activamente o desaparecimento total das estruturas globais, incluindo a Organização Mundial do Comércio (*OMC*).<sup>124</sup> A *OMC* é a única organização internacional que trata das regras do comércio entre as nações. No fundo, estes são os acordos, negociados e assinados pela maioria das nações comerciais do mundo e ratificados por seus parlamentos. O objectivo da *OMC* é ajudar os produtores de bens e serviços, exportadores e importadores a realizarem os seus negócios.<sup>125</sup> Activistas anarquistas e ambientalistas posicionam-se

---

<sup>120</sup> Cf. \_\_\_\_\_, “Arab migration in globalized world”, International Organization of Migration, Geneva, 2004, p.2.

<sup>121</sup> Cf. Report No. 2000/08: Anti-Globalization - A Spreading Phenomenon, 2000 (Retirado do site <http://www.csis-scrs.gc.ca/pblctns/prspctvs/200008-eng.asp>, 27 de Março de 2011.

<sup>122</sup> Cf. Idem.

<sup>123</sup> Cf. Idem.

<sup>124</sup> Cf. Idem.

<sup>125</sup> Cf. [http://www.wto.org/english/thewto\\_e/whatis\\_e/whatis\\_e.htm](http://www.wto.org/english/thewto_e/whatis_e/whatis_e.htm), a 27 de Março de 2007.

essencialmente na última categoria, onde é defendido a abolição total das grandes multinacionais capitalistas<sup>126</sup>.

Associado ao conceito de anti-globalização existe também o conceito de alterglobalização. A alterglobalização é um movimento emancipatório que se opõe à globalização neo-liberalista<sup>127128</sup>. Activistas associados à alterglobalização defendem o acesso às necessidades básicas e toda a emancipação da humanidade, não inseridas na competitividade económica e no livre mercado, mas sim na solidariedade entre nações, colmatando as necessidades de cada país, garantindo o respectivo acesso. Defendem também que a preservação do globo não pode passar pelo progresso tecnológico e pela comercialização desmedida dos recursos naturais, sendo requerido um desenvolvimento económico afastado da produção exagerada e do inerente consumismo. Isto implica que os bens comuns à sociedade, tais como a saúde, educação, entre outros, sejam abrangidos num estatuto internacionalmente definido, por todas as nações, independentemente do seu poder ou influência perante outras nações, que assegure a protecção destes, baseado num financiamento através de impostos aplicados globalmente.<sup>129</sup>

Este explica o processo de construção de alternativas ao paradigma actual e dominante da globalização económica, financeira e informativa. Não é mais do que uma simples e sistemática oposição dessa globalização (conhecido por antiglobalização), mas acima de tudo uma análise perspectiva crítica, de um afastamento radical, do estudo e aplicação de novos modelos de organização económica, social, política e cultural. A alterglobalização é essencialmente uma resposta positiva capaz de gerar mudança em todas as áreas nas quais a globalização produz efeitos destruidores ou ameaçadores<sup>130</sup>. Este termo nasce em 1999 com a rede internacional *ATTAC* na manifestação contra o *WTO*, em Seattle, nos Estados Unidos da América.

---

<sup>126</sup>Cf. “Report No. 2000/08: Anti-Globalization - A Spreading Phenomenon”, 2000 (Retirado do site <http://www.csis-scrs.gc.ca/pblctns/prspctvs/200008-eng.asp>, 27 de Março de 2011).

<sup>127</sup> “O neo-liberalismo é baseado na suposição de que a economia funciona melhor quando deixada em auto-gestão. Tarifas, quotas, subsídios e outras formas de intervenção governamental na economia são considerados entraves ao crescimento económico.” (Cf. GALLAHER, Carolyn; GILMARTIN, Mary, “Key concepts in political geography”, SAGE Publications Inc., Londres, 2009, p.152.) O Neo-liberalismo é o conceito referente às políticas liberais aplicadas hodiernamente, baseadas no liberalismo antigo. Esta corrente defende um sistema governamental onde o Indivíduo se sobrepõe ao Estado, alegando que quanto menor for a intervenção estadual maior é a progressão do ser humano e da sociedade.

<sup>128</sup>Cf. <http://www.attac.org/en/overview>, a 27 de Março de 2007.

<sup>129</sup>Cf. *Ibidem*.

<sup>130</sup>Cf. <http://www.mondialisations.org/php/public/art.php?id=22205&lan=PO>, a 27 de Março de 2011.



“Alterglobalização não define nem um programa de governo, nem uma política económica ou cultural determinada. Ao contrário, é ao mesmo tempo uma postura e uma metodologia que entende resistir e responder àquilo que se apresenta como uma espécie de corpo fixo: ou seja, especialmente, os princípios neoliberais a respeito das políticas orçamentária, monetária e social; a redução sistemática do papel e da intervenção do Estado em todos os sectores de actividade”<sup>131</sup>.

### 2.2.3. ANTI-RACISMO E ANTI-FASCISMO

“O significado da palavra racismo está consolidado na sociedade como um conjunto de teorias que justificam uma hierarquia entre as raças ou etnias, chegando ao extremo, no caso do nazismo, de defender o direito de uma raça (considerada pura ou superior) dominar a outra”<sup>132</sup>. O racismo é, então a excessiva valorização da raça humana, atribuindo superioridade de umas perante outras, com base em características físicas e diferenciação cultural. São postas em causa, por racistas, divergências de carácter e de inteligência, defendendo que nem todas as raças os possuem de igual modo, gerando-se assim uma desigualdade de direitos e de oportunidades. Por outro lado, e associado ao racismo, a xenofobia, é segundo a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, “a hostilidade manifestada aos estrangeiros”<sup>133</sup>. Ao contrário do racismo, aqui o ódio é àquele que é estranho e distante do Homem, independentemente da sua raça ou aspectos culturais. Viajando até à origem etimológica da palavra junta-se a expressão do xénos (estrangeiro) e a phóbos (horror), surgindo assim o fenómeno de “horror aos estrangeiros”<sup>134</sup>.

Actualmente os *Hammerskins* e *Bonehead*, são, no Mundo, os maiores grupos representativos neo-nazis e racistas. Aqui é defendida a raça ariana como dominadora, a par dos ideais defendidos por Adolf Hitler na Alemanha. O neonazi é portanto, todo o indivíduo nacionalista, que étnica ou ideologicamente defende a anti-democratização, promovendo a discriminação contra ideias divergentes, defensando que quem está fora da sua comunidade deve ser marginalizado. Na sua dinâmica se eleva a sua virilidade e a juventude, adorando certos rituais e símbolos nazis. A estes se reserva o direito de usar a força em legítima defesa, ou por outras palavras, o ataque na defesa dos ideais venerados é permitida. Em vez do uso da violência na contestação às injustiças sociais, à

---

<sup>131</sup> Ibidem.

<sup>132</sup> LOURENÇO, Conceição, “A verdade dói: encare”, Mostarda Editora, p.14.

<sup>133</sup> “Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira”, Editorial Enciclopédia, Limitada, Lisboa; Rio de Janeiro, 1991.

<sup>134</sup> Idem.

desorganização social, às drogas e aos interesses económicos, como é característico dos defensores radicalistas de esquerda, os skinhead neonazis defendem o uso da violência explícita na promoção da alteração do sistema político (de acordo com as suas ideologias fascistas) e também no emprego do sentimento de medo a pessoas inocentes<sup>135</sup>.

Associado às políticas nacionalistas de Extrema-direita encontra-se o Fascismo. O Fascismo nasceu em Itália, mais concretamente em Milão, em Março de 1919, por intermédio de Benito Mussolini<sup>136</sup>. Segundo Maurice Duverger os “fascismos apoiam-se essencialmente num partido-milícia único, fortemente organizado” e seguidamente à tomada do poder “os partidos fascistas tendem a fechar-se sobre si próprios, de modo a constituírem uma casta que agrupa os mais fiéis apoiantes do ditador, cuidadosamente escolhidos”<sup>137</sup>. Este é um sistema político bastante conservador que pode ser associado ao capitalismo, pois no capitalismo, em qualquer Estado constantemente se verifica a tentativa de derrube do mesmo por parte das ideologias socialistas e comunistas.

O Fascismo fundamenta-se no princípio de existência de um único partido, com a consequente extinção todos os outros, sendo esta uma característica monística. Aqui o Estado controla tudo, defendendo que só o Estado pode proporcionar a felicidade ao ser humano. Existe também a ideia de corporativismo estadual, onde se verifica uma eliminação inevitável de sindicatos, proibindo qualquer tipo de greve ou *lock-out*. O Estado é altamente autoritário na sua intervenção, não reconhecendo barreiras na privacidade, controlando toda a vida do cidadão, até mesmo a sua moral e consciência.<sup>138</sup> Ao primeiro olhar pode ser confundido em alguns aspectos com o Nacional-socialismo, mas no entanto existem muito pormenores que divergem. Enquanto o Nacional-socialismo defende o homem como o topo da pirâmide de valores, o Fascismo entende que o Estado deve ser esse topo.<sup>139</sup> A propaganda também está fortemente presente nos regimes ditatoriais/fascistas pois mediante esta fortalecia-se o vínculo com a população. Interessa referir também que o Fascismo, não foi um método de gestão de um país único no mundo, sendo sistemas semelhantes o Nazismo na Alemanha ou mesmo a ditadura vivida em Portugal, independentemente de se puderem verificar determinadas diferenças.<sup>140</sup>

---

<sup>135</sup> Cf. Ibidem.

<sup>136</sup> Cf. LARA, António de Sousa, “Ciência Política. Estudo da Ordem e da Subversão”, 5ª Edição, Instituto Superior de Ciência Sociais e Políticas, 2009, p.685.

<sup>137</sup> DUVERGER, Maurice, “Os grandes sistemas políticos”, Almedina, Coimbra, 1985.

<sup>138</sup> Cf. LARA, António de Sousa, “Ciência Política. Estudo da Ordem e da Subversão”, 5ª Edição, Instituto Superior de Ciência Sociais e Políticas, 2009, p.687.

<sup>139</sup> Cf. Idem p. 688.

<sup>140</sup> Cf. Ibidem.

Face a estes pensamentos de Extrema-direita, surgem os movimentos anti-racistas e anti-fascistas.

#### 2.2.4. ANTI-MILITARISMO

De modo a compreender o movimento mundial anti-militarista é necessário primeiramente compreender o Pacifismo, e o que esta posição acarreta, e o seu contrário, a guerra. O Pacifismo é portanto de modo global, a oposição à guerra. É a oposição total ao uso da violência na resolução de conflitos e discordâncias. É um compromisso para a paz e a oposição à guerra, sendo que muitas vezes se recusam a servir no exército. Alguns negam-se a apoiar os sistemas políticos e sociais que promovem a guerra, como por exemplo, na retenção dos impostos, para a manutenção e aquisição de meios militares<sup>141</sup>. Por sua vez a Guerra é o confronto entre dois distintos interesses, mediante a utilização da força física, podendo ou não, haver um recurso a armamento, sendo excluído o método pacífico, denominado de diplomacia. Este fenómeno pode ocorrer entre dois ou mais conjuntos de indivíduos, representantes de países distintos ou facções dentro do mesmo país. No caso de existirem mais do que dois grupos em conflito, podem-se verificar alianças entre estes, opondo-se por sua vez ao/aos inimigos. A Guerra é portanto duas ou mais forças armadas participando em combates em que pelo menos uma das partes de tropas regulares governamentais (militares, paramilitares, polícias)<sup>142</sup>.

O anti-militarismo é o que se opõem a tudo o que circunda a Guerra e as Instituições que a ela estão interligadas. Quem é anti-militarista rejeita a existência de Forças Armadas, e o seu inerente dispêndio de fundos para a defesa nacional. Rejeita a existência de qualquer aliança militar entre países, como é o exemplo da *NATO*. Existem diversas organizações/redes internacionais anti-militaristas como são os anteriormente referidos *No-to-Nato*, *PAGAN* e *WRI*. Estas organizações essencialmente elevam o Pacifismo em detrimento da Guerra. Pode-se afirmar que o Pacifismo e o anti-militarismo são sinónimos.

---

<sup>141</sup>Cf. <http://plato.stanford.edu/entries/pacifism/>, a 29 de Março de 2011.

<sup>142</sup>Cf. GANTZEL, Klaus Jurgen; SCHWINGHAMMER, Torsten, "Warfare since the second world war, Transaction Publishers", Nova Jersey, 2000 p.11

### 2.2.5. ECOLOGISMO

O Ecologismo é uma ideologia política apoiada na gestão dos recursos naturais. Esta é uma ideologia em que adopta uma perspectiva ecocêntrica e biocêntrica, concedendo prioridade à natureza ou o planeta.<sup>143</sup> Não se deve confundir Ecologismo com Ecologia. Por um lado o Ecologismo é uma ideologia com o objectivo de interceder no campo económico, social e político, baseando-se nas análises e conclusões transmitidos pela Ecologia. A Ecologia por sua vez, como ciência, estuda o ambiente e a relação dos seres vivos neste inseridos<sup>144</sup>.

Conhecidos como os “Verdes”, os ecologistas, estão relacionados com movimentos anti-capitalistas e anti-globalização visto que inúmeras vezes o capitalismo global é visto como um consumidor desmedido dos recursos mundiais, ignorando as consequências ambientais inerentes. Os ambientalistas defendem o uso dos bens naturais disponíveis de forma racional e premeditada, abdicando do desmedido consumismo e da evolução tecnológica irracional.<sup>145</sup> Essencialmente o Ecologismo assenta na prioridade quanto à qualidade da relação ecológica, na oposição à sociedade industrial, na oposição quanto à relação do Estado face o capitalismo industrial e também acreditam na acção directa mediante o uso de campanhas apelativas de grande impacto social.<sup>146</sup>

Relativamente à sua posição política, a “politização da defesa do Ambiente deve-se em boa medida à acção internacionalista do marxismo-leninismo na fase final do Segundo Mundo.”<sup>147</sup> Em praticamente todos os países do mundo existem partidos políticos ecologistas, demonstrando assim o peso que este tem nas sociedades. Portugal não é excepção, existindo o Partido Ecologista “Os Verdes”<sup>148</sup>, muitas vezes associado ao Partido Comunista Português, denotando-se assim um posicionamento essencialmente à esquerda do movimento ecologista em Portugal. Ao nível do activismo verificado nesta corrente de pensamento, este é geralmente extremamente apelativo, apesar de pacifista.

---

<sup>143</sup>Cf. HEYWOOD, Andrew, “Key Concepts in Politics”, Palgrave, Nova Iorque, 2000, p. 55.

<sup>144</sup>Cf. Idem p.717.

<sup>145</sup>Cf. LARA, António de Sousa, “Ciência Política. Estudo da Ordem e da Subversão”, 5ª Edição, Instituto Superior de Ciência Sociais e Políticas, 2009, p.717.

<sup>146</sup>Cf. Idem p.718.

<sup>147</sup> Idem p.716.

<sup>148</sup> “O Partido Ecologista “Os Verdes” nasceu em 1982 (com a então denominação de Movimento Ecologista Português – Partido “Os Verdes), da vontade de um grupo de cidadãos de promover uma intervenção ecologista mais activa na sociedade portuguesa” (Cf. <http://www.osverdes.pt/>, a 1 de Abril de 2011).

Um exemplo de uma organização ambientalista é a *Greenpeace*<sup>149</sup>. Para além da mais mediática organização existem inúmeras outras, como a *Federação Europeia Ecológica*<sup>150</sup>, que agrega inúmeras organizações europeias, ou a *National Biodiversity Network*<sup>151</sup>.

---

<sup>149</sup> A *Greenpeace* nasceu em Vancouver no Canadá em 1971. Actualmente zela pelo uso do confronto pacifista, transmitindo à sociedade global a destruição perpetuada, garantindo a sua independência relativamente a interesses políticos e financeiros. A *Greenpeace* procura soluções e promove uma discussão aberta e informada sobre as atitudes a tomar quanto às questões ambientais. (segundo <http://www.greenpeace.org/portugal/pt/greenpeace/Como-actua-a-Greenpeace/>, a 1 de Abril de 2011).

<sup>150</sup> A Federação Europeia Ecológica é um agrupamento de cooperação entre organizações ecológicas europeias, com o objectivo de promover a ciência da ecologia na Europa.

<sup>151</sup> Rede Inglesa associada à protecção do ambiente, agregadora de 30 diferentes grupos/organizações ambientalistas. O NBN Gateway, simplesmente age como um armazém de dados para informações sobre a biodiversidade, que pode ser consultada de modo rápido e facilmente se compreende a distribuição de espécies em particular no Reino Unido (Cf. <http://www.nbn.org.uk/About.aspx>, a 1 de Abril de 2011).

### 3 - A EXTREMA-ESQUERDA E AS MANIFESTAÇÕES

#### 3.1. MANIFESTAÇÕES NO PASSADO

##### 3.1.1. SEATTLE 1999

Em Seattle ocorreu uma das maiores manifestações ao nível mundial. Uma das que mais teve impacto, nomeadamente no campo da desordem perante as Forças de Segurança, derivada de diversos manifestantes, de motivações distintas, entre os quais manifestantes radicais de esquerda e anarquistas. Esta manifestação ocorreu em 30 de Novembro, nos Estados Unidos da América, no Estado de Washington, em Seattle. Analisando a cidade de Seattle, para melhor compreender o fenómeno sucedido, tem cerca de 600 mil habitantes, sendo a maior cidade no Estado em que está inserida, tendo uma área aproximadamente de 360km<sup>2</sup><sup>152</sup>. Esta cidade foi fundada em 1851<sup>153</sup>.

As manifestações em Seattle surgiram devido a uma reunião da *OMC/WTO*. Aqui juntaram-se anarquistas, ecologistas, sindicalistas, pacifistas, humanistas e até mesmo estudantes locais. Independentemente das perspectivas distintas, cerca de 100 mil pessoas reuniram-se<sup>154</sup>, com o objectivo com o mesmo objectivo de protesto: a queda da Organização Mundial do Comércio. Aqui as perspectivas políticas divergiam, pois os humanistas contestavam a associação do neo-liberalismo a esta organização, ligado ao desrespeito pelos direitos humanos e à desigualdade na atribuição dos fundos, nos países mais pobres, pondo assim em causa o assegurar das condições básicas de saúde e educação, entre outras. Por sua vez as facções ambientalistas protestavam contra a *OMC*, face a políticas desenvolvimentistas por estas aplicadas, com o fim do progresso industrial, pondo em causa a preservação do meio ambiente. Para os grupos anarquistas (como por exemplo o *Black Bloc*) e destes apoiantes, as questões debatidas eram as usuais por estes reivindicadas: o Capitalismo global e as desigualdades sociais por este proporcionado, sendo um dos veículos do Capitalismo, a instaurada *OMC*. Os trabalhadores sindicalizados, por sua vez, contestavam as suas condições de trabalho e a manutenção dos direitos básicos dos trabalhadores.

---

<sup>152</sup> Cf. <http://www.seattle.gov/oir/datasheet/Datasheet2010.pdf>, a 2 de Abril de 2011.

<sup>153</sup> Cf. OHLSEN, Becky, “Seattle City Guide”, Lonely Planet, p.21.

<sup>154</sup> Cf. DEUSEN, David van; MASSOT, Xavier, “The Black Bloc Papers”, The Green Mountain Anarchist Collective, 2010, p.39.

Basicamente, foi neste manifesto de grandes proporções que surgiu o conceito de alterglobalização, como está explanado anteriormente. Com este conceito surgiu também uma das mais activas rede internacionais agregadoras de grupos de Extrema-esquerda e não só, denominado de *ATTAC*. Esta plataforma global (*ATTAC*) surgiu também com o fim de protestar nesta reunião internacional, assim como continuar o seu activismo daí para a frente<sup>155</sup>. À semelhança da *ATTAC*, outras organizações, sindicatos, grupos de estudantes e grupos anarquistas se organizaram com alguns meses de antecedência de modo a preparem um protesto incisivo e marcante, o que realmente veio a acontecer. No entanto, e devido às distintas posições políticas e motivos de protesto, a manifestação não demonstrou ser efectuada por um grupo coeso e uniforme, mas sim por menores grupos com diferentes métodos de actuação e de violência aplicada. O objectivo, por alguns, era a desobediência civil, pondo em prática crimes de dano a edifícios e bens de propriedade privada, representantes de grandes multinacionais e instituições bancárias, como é usual em movimentos anarquistas e de Extrema-esquerda. As corporações eram os grandes alvos anarquistas. Por outro lado o objectivo era o bloqueio de vias de acesso, de um modo mais pacífico do que o supramencionado, impedindo o acesso aos conferencistas. Este planeamento relativo ao bloqueio destas surge na *Rede de Acção Directa*, ou *Direct Action Network*<sup>156</sup>. O *Direct Action Network (DAN)* serviu como mecanismo, em Seattle, apresentando sugestões sobre o que iria suceder, aos manifestantes, redireccionando as suas marchas ilegais e o bloqueamento de cruzamentos importantes, que impediria os delegados da *OMC* de atingir o centro de conferências. Esta rede para além de Seattle foi utilizada também em manifestos contra o *FMI* em Abril de 2000, a posse do poder de George W. Bush em 11 de Agosto de 2001 em Washington D.C., entre outros protestos.

A 30 de Novembro, no dia da conferência pela manhã, centenas de activistas puseram em prática o acordado na *Rede de Acção Directa*, ocupando e bloqueando os cruzamentos e entroncamentos que serviriam de acesso aos conferencistas. Este bloqueio obteve sucesso, pois somente 350 dos 3000 delegados da *OMC* chegaram a tempo à sessão de abertura<sup>157</sup>. Para além dos elementos manifestantes bloqueadores de acessos, a grande maioria estava distribuída pelas ruas de Seattle, protestando de inúmeras maneiras, consoante o seu motivo de protesto, por vezes pacificamente, outras nem tanto. Esses

---

<sup>155</sup>Cf. <http://www.attac.org/en/overview>, a 2 de Abril de 2011.

<sup>156</sup> Confederação de organizações anarquistas criada para a mobilização contra a reunião da OMC em Seattle em 1999.

<sup>157</sup>Cf. DEUSEN, David van; MASSOT, Xavier, “The Black Bloc Papers”, The Green Mountain Anarchist Collective, 2010, p.41.

protestos variavam desde marchas pela cidade até à simples destruição aleatória de bens. Por um lado verificavam-se comportamentos manifestantes pacíficos (como por exemplo, alguns dos trabalhadores sindicalizados norte-americanos e manifestantes de posições reformistas e legalistas), mas por outro a violência era o método utilizado para a sensibilização da comunidade global e para a intimidação de quem lhes fazia frente, as Forças de Segurança representativas do Estado Norte Americano. A violência era exercida, por exemplo, mediante o arremesso de garrafas, pedras e *cocktails molotov* à polícia local, através do incendiamento de caixotes do lixo, que se encontravam no percurso da marcha, a destruição de carro policiais e limusinas<sup>158</sup>. Mediante as suas tradicionais vestimentas negras destruíram também, desordeiramente, vitrinas de diversas companhias privadas, passando estas atitudes violentas e desordeiras, a serem uma influência para outros manifestantes não anarquistas. Estes comportamentos violentos foram alvo de contestação por outros manifestantes pacíficos, havendo assim um conflito entre manifestantes, chegando a existir ameaças de agressões entre ambos.

Quanto à actuação policial, esta foi dividida em dois dissemelhantes grupos: um responsável pelos bloqueios de acesso aos Delegados participantes na reunião da *OMC*, outro responsável por todos os protestos perpetuados em Seattle. A intervenção da polícia aqui foi preponderante para o controlo da violência por vezes exercida, pois no global, esta não era claramente uma manifestação pacífica. De modo a se conterem estes abusos, a *King County Sheriff's Office* e o Departamento de Polícia de Seattle<sup>159</sup> recorreram ao uso de gás lacrimogénico, gás pimenta, balas de borracha e também mediante a desmobilização através da força física. No total foram efectuadas 600 detenções. Pode-se afirmar que o momento onde a tensão polícia-manifestante foi mais elevada foi na noite do dia 30, durante a permanência de manifestantes na zona nocturna de Seattle, em *Capitol Hill*, dando origem a mais actos de vandalismo e respectiva repressão exercida pelas Forças de Segurança.

O resultado desta manifestação em grande escala foi a demissão do mais alto responsável pela Polícia, em Seattle (Norm Stamper). A Prefeitura da cidade de Seattle, devido ao número elevado de pessoas detidas (157), fora da área dos protestos, teve de indemnizar, num valor de 250 mil dólares, todos eles. Olhando aos prejuízos causados pela

---

<sup>158</sup> Cf. Ibidem.

<sup>159</sup> Forças Policiais com competência na cidade de Seattle.



manifestação, foram despendidos cerca de 3 milhões de dólares, na sua propriedade destruída, para além dos 6 milhões gastos.

### 3.1.2. GÉNOVA 2001

O G8 (grupo das supostas mais poderosas nações mundiais), como foi referido anteriormente, é provavelmente a organização mais poderosa internacionalmente no campo económico. Este grupo exerce uma enorme influência política internacional em outras organizações, como o *Fundo Monetário Internacional*, a *Organização das Nações Unidas* ou mesmo a *Organização Mundial do Comércio*. O G8 é um dos mais importantes fóruns internacionais para lidar com questões globais. A Presidência do G8 desempenha um papel muito importante, apesar da pouca estruturação e organização.<sup>160</sup> Este grupo é um fórum informal de representantes máximos de Estados e Governos, não podendo ser considerado uma organização internacional, pois não detêm a sua própria estrutura administrativa, com um permanente secretariado ou mesmo gabinetes dedicados aos seus membros.<sup>161</sup>

Entre os dias 18 e 21 de Julho de 2001 ocorreu uma cimeira do G8 em Génova<sup>162</sup>, Itália. O tema principal da Cimeira era o combate à pobreza em países terceiro-mundistas, assim como a resolução de certos problemas entre os pertencentes, sendo vista como uma via para os membros chegarem a um entendimento unânime, combatendo assim os maiores problemas globais, nomeadamente a pobreza. Também foram discutidas questões como a anulação da dívida a certos países, o próprio ambiente ou mesmo questões de segurança alimentar. Como modo de assegurar a segurança dos delegados, o governo italiano empregou na operação um contingente de mais de 16 000 polícias e militares.<sup>163</sup>

Fazendo uma análise cronológica, o dia 19 de Julho foi o primeiro de Cimeira e respectivos manifestos. Aqui não foram verificados distúrbios de relevo, onde aproximadamente 50 mil manifestantes perpetuaram um protesto pacífico, onde o mote da manifestação era o anti-racismo (caracterizado por movimentos de Extrema-esquerda, em oposição ao neo-nazismo de Extrema-direita). No dia 20 de Julho a situação complicou-se gravemente, podendo afirmar-se como o dia de manifestos mais violentos e respectivas

---

<sup>160</sup>Cf. <http://www.g-8.de/Webs/G8/EN/Background/background.html>, a 5 de Abril de 2011.

<sup>161</sup>Cf. Ibidem.

<sup>162</sup>Cf. BELLUCCI, Paolo; BULL, Martin, “Italian Politics: The Return of Berlusconi”, Berghahn Books, Oxford, 2002 p.105.

<sup>163</sup>Cf. STEGER, Manfred B., “Globalism: market ideology meets terrorism”, Rowman & Littlefield Publishers Inc, Maryland, 2005, p.136.

consequências. Este dia ficou marcado pela presença de aproximadamente 250 mil manifestantes com o primordial objectivo de aceder à *Zona Vermelha*<sup>164</sup>, intenção que foi impedida ao máximo pelas Forças de Segurança, mas sem a esperada perfeição, pois o uso da força foi desnecessário. Verificou-se desproporcionalidade, resultando na marcante morte de um jovem italiano de 23 anos<sup>165</sup>. Esta morte inesperada, aos olhos do corpo manifestante, foi o despoletar da revolta, resultando no incremento exponencial da violência por estes utilizada. Os manifestantes, que eram assumidamente pacifistas, transformaram-se maioritariamente violentos perante os factos presenciados. A agressividade propagada levou, por sua vez, que a Polícia passasse cada vez mais a ter uma postura repressiva, em detrimento da anterior postura contenciosa. O intuito manifestante era agora cada vez mais de destruição inopinada e despropositada, levando a agressões desmedidas dos *Carabinieri*<sup>166</sup>, em vez das necessárias detenções a elementos despoletadores da desordem. O fenómeno foi visto como um todo e não analisado em particular. Esta onda de violência manifestante levou à destruição e incêndio de várias viaturas, arremesso de *cocktails molotov*, utilização de varas como objecto agressor e outros objectos susceptíveis de causar ofensas à integridade física dos elementos policiais. Bancos e fachadas de empresas privadas também foram destruídos.<sup>167</sup> Face a estes actos a Polícia reagiu mediante o uso de canhões de água, gás lacrimogénico e através a força física com a utilização de cassetetes.

No dia 21 de Julho em Génova, face aos confrontos existentes no passado dia, a grande maioria dos movimentos manifestantes pacifistas abandonou Génova, descontentes com as proporções tomadas, e desiludidos com a actuação policial. Eram esperados cerca de 100 mil manifestantes, mas no entanto só compareceram cerca de 40 mil.<sup>168</sup> Elementos mais radicais permaneceram com o intuito de dar prosseguimento à “Batalha Campal”

---

<sup>164</sup> Zona de segurança criada com o objectivo de impedir os manifestantes de aceder ao local onde a Cimeira decorrida. Este área tinha um perímetro de 4 km, sendo salvaguarda por um efectivo de 15000 elementos das Forças de Segurança. Criaram-se barreiras elevadas para proteger a chamada "zona vermelha", ao redor das cimeiras, do aeroporto, das estações ferroviárias e as auto-estradas existente estavam fechadas (Cf. BELLUCCI, Paolo; BULL, Martin, “Italian Politics: The Return of Berlusconi”, Berghahn Books, Oxford, 2002 p.105).

<sup>165</sup> Cf. BELLUCCI, Paolo; BULL, Martin, “Italian Politics: The Return of Berlusconi”, Berghahn Books, Oxford, 2002, p.106.

<sup>166</sup> Organização militar italiana com funções policiais civis em território nacional italiano, com responsabilidades na protecção da população em estados de emergência, garantindo a ordem e tranquilidade públicas, não desprezando a cooperação com outras nações no âmbito de uma segurança global.(Cf. [http://www.carabinieri.it/Internet/Multilingua/EN/MissionAbroad/03\\_EN.htm](http://www.carabinieri.it/Internet/Multilingua/EN/MissionAbroad/03_EN.htm), a 3 de Abril de 2011).

<sup>167</sup> Cf. BELLUCCI, Paolo; BULL, Martin, “Italian Politics: The Return of Berlusconi”, Berghahn Books, Oxford, 2002 p.106.

<sup>168</sup> Cf. Idem p.107.

verificada no dia anterior. Perduraram os crimes de dano contra edifícios representativos do Capitalismo, instituições bancárias, assim como a aleatória destruição e incendiamento de viaturas. A população local, desolada com o sucedido, efectuou inúmeras chamadas de emergência, as quais não foram recebidas nem sanadas. Apesar do número de manifestantes ser mais reduzido, a violência não afrouxou, dando lugar uma vez mais a dezenas de detenções e ferimentos em manifestantes e em elementos das Forças de Segurança. Neste dia a Polícia utilizou também helicópteros com meio de lançar gás lacrimogénico e carros blindados, assegurando assim com mais certeza a sua integridade física.<sup>169</sup>

Durante a Cimeira duas escolas, adjacentes uma a outra, (Ruiz e Pastagem) foram cedidas a um grupo manifestante para aqui pacificamente se puderem organizar e dar as suas conferências de imprensa desejadas. No entanto estas escolas foram ocupadas por elementos manifestantes extra-permitidos, levando ao surgimento de alguma tensão na zona, conduzindo à intervenção policial. Numa busca organizada, com o fim de deter um grupo perigoso de manifestantes, nas respectivas instalações, o sucedido foi a detenção descontrolada e agressiva de todos os ocupantes (sensivelmente 93). Quando a imprensa realmente chegou ao local para entrevistar os manifestantes permitidos de ali estar, depararam-se com inúmeras pessoas em macas, criando assim um enorme aparato, captado pela imprensa e transmitido a todo o mundo.

Durante os confrontos, os detidos pelos *Carabinieri* foram retidos nas instalações militares de Bolzaneto a 20 km de Génova. Neste quartel foram interrogados e sujeitos a condições desumanas, assim como agressões desmedidas e privação de dignas condições sanitárias. Esta actuação ilegal levou a que fossem movidas uma série de acções judiciais contra aquela força policial.<sup>170</sup>

O dia 22 foi o encerrar da cimeira e com este foi possível auferir a quantidade de destroços existentes, provocados pelos manifestantes radicais. Oficialmente foram detidas cerca de 260 pessoas e feridas 482, sendo que 108 eram polícias. A Magistratura Genovesa abriu 7 investigações contra alguns dos polícias intervenientes, na operação de segurança à Cimeira, assim como nos polícias envolvidos na busca às escolas supramencionadas.<sup>171</sup>. Resumidamente, esta Cimeira e inerentes confrontos foram um mau exemplo da correcta actuação policial, não sendo tomados em conta os princípios da mínima intervenção

---

<sup>169</sup>Cf. Ibidem.

<sup>170</sup>Cf. Idem p.108.

<sup>171</sup>Cf. Ibidem..

necessária, discricionariedade, da proporcionalidade, da legalidade, da necessidade e da adequação. Aqui muitos dos procedimentos táticos e técnicos foram desrespeitados, levando a que o grupo manifestante se tornasse mais agressivo e contestatário, levando em suma aos caos instalado. Denotou-se aqui falta de coordenação entre os órgãos de comando e os órgãos de execução.

### 3.1.3. GRÉCIA 2008

“Hundreds of rioters fought pitched battles with the police in Athens and Thessaloniki on Saturday night after an officer shot and killed a 16-year-old boy in Athens.”<sup>172173</sup>

A palavra Anarquia deriva da Grécia. O Anarquismo sempre esteve presente na Grécia, ganhando especial força a partir de 1973, com o fim da guerra vivida, mediante um movimento estudantil. A eleição do primeiro governo socialista em 1980 na Grécia, e perante o desapontamento dos anarquistas gregos, foram criados grupos radicais, destruidores da propriedade estadual, nomeadamente de carros policiais. Resultante destes atritos entre anarquistas, no país grego, e as Forças de Segurança, foram mortos dois jovens em 1985, gerando assim revolta entre a comunidade anarquista grega. No ano de 1988 foram registados cerca de 70 incêndios provocados por grupos anarquistas. Até aos dias de hoje tem sido visível a contestação na Grécia, suportada pela destruição por esta causada, face a tudo o que represente o Estado.

A origem dos incidentes na Grécia surgiu devido à crise económica mundial, e em especial a instalada no país, e à consequente contestação das classes mais jovens, nomeadamente os estudantes, associada também ao desemprego vivido neste país<sup>174</sup>. A contestação gerou-se devido ao facto da ineficácia e da inoperância do Estado grego, perante as dificuldades presenciadas. No dia 6 de Dezembro de 2008 foi o despoletar da contestação, quando vários estudantes tomaram de assalto um complexo universitário em Atenas. Também protestaram nas ruas atenienses, reagindo às autoridades locais, mediante o arremesso de pedras e de *cocktails molotov*. O resultado destes tumultos perpetuados foi a danificação de inúmeros estabelecimentos comerciais e agencias bancárias, como é

---

<sup>172</sup> <http://www.nytimes.com/2008/12/07/world/europe/07greece.html>, a 4 de Abril de 2011.

<sup>173</sup> Tradução: Centenas de manifestantes lutaram em batalhas campais com a polícia em Atenas e Salónica, na noite de Sábado, depois de um tiro policial que matou um menino de 16 anos, em Atenas.

<sup>174</sup> Cf. CANTERBURY, Dennis, “European Block Imperialism”, Koninklijke Brill, Leden, 2010, p.289.

costume em protestos extremistas anarquistas e/ou de esquerda, e também a destruição de viaturas policiais. Um dos métodos defensivos utilizados pelos manifestantes foi a criação de barricadas. Este manifesto violento levou também ao ferimento de mais 20 polícias gregos e respectiva assistência médica. No desenrolar dos tumultos, um elemento policial disparou contra um jovem manifestante de 15 anos<sup>175</sup>, que posteriormente resultou na sua morte, originando assim uma enorme contestação entre os manifestantes, incrementando a violência e o vandalismo nos protestos, desde os incendiamentos de viaturas que se encontravam na via pública até à destruição desmedida de estabelecimentos, que se cruzavam no percurso. Esta morte teve um enorme impacto sociedade grega e mundial, por intermédio da comunicação social, proporcionando uma condenação generalizada de quem a este facto assistiu<sup>176</sup>.

Olhando especialmente à intervenção policial, houve 173 pessoas detidas e mais de 100 pessoas feridas, entre os quais, os 20 elementos policiais. A violência foi elevada de parte a parte, levando a que os meios de comunicação social transmitissem todo o sucedido, causando maior contestação, quer contra a repressão por vezes desmedida das Forças de Segurança, quer contra as incivildades imaturas de alguns dos manifestantes. Após a morte do jovem de 15 anos, a Polícia passou a ter uma postura de maior contenção, por recomendação superior, levando assim a que os distúrbios e os danos causados se engrandescessem e se descontrolassem. A repressão/contenção de um modo global foi feita mediante o uso de disparos de intimidação, utilização de gás lacrimogénico e também mediante a dispersão, pela utilização da força física com uso de bastões policiais. O uso do gás lacrimogénico levou à hospitalização de inúmeros manifestantes com problemas respiratórios.

Em suma, a actuação policial perante o fenómeno manifestante pode ter sido considerada despropositada e desmedida, denegrindo assim a visão que o povo grego tem geralmente sobre a polícia nacional. Os distúrbios não foram sanados de imediato, transformando a desejável prevenção, numa excessiva repressão, agravando a situação ocorrida, multiplicando as incivildades cometidas. Conclui-se que nesta situação as Forças de Segurança deveriam ter sido mais oportunamente incisivas e mais arbitrárias, no aspecto de sanar os problemas eficientemente, anulando os principais focos de distúrbio, ao contrário de assumir o grupo manifestante como um todo.

---

<sup>175</sup>Cf. HELLANDER, Paul; ARMSTRONG, Kate; CLARK Michael, "Greek Islands", Lonely Planet, p. 40.

<sup>176</sup>Cf. KEEBLE, Richard; TULLOCH, John; ZOLLMAN, Florian, "Peace Journalism, war and conflict resolution", Peter Lang Publishing, Nova Iorque, 2010, p. 178.

### 3.1.5. CIMEIRA NATO PORTUGAL 2010

A Cimeira da *Organização do Tratado Atlântico Norte 2010* realizou-se nos dias 19 e 20 de Novembro em Lisboa. O objectivo desta cimeira foi a aprovação do novo conceito estratégico de actuação da *NATO*, garantindo a continuidade de intervenção militar no Afeganistão, em virtude das suspeitas recaídas sobre este país, no que concerne ao apoio a movimentos terroristas.<sup>177</sup> Esta cimeira decorreu na área de competência da Polícia de Segurança Pública, sendo missão desta garantir a ordem e tranquilidade públicas, no processo de prossecução dos objectivos da cimeira pretendidos na normalidade aspirada. A missão passou pela capaz coordenação entre as Forças e Serviços de Segurança Nacionais, Forças Armadas e entidades civis. A coordenação da operação coube ao Secretário-Geral do Sistema de Segurança Interna, sendo todas as valências da PSP activadas, com reforço policial de todo o país, com especiais incidências no efectivo do Comando Metropolitano de Lisboa e na Unidade Especial de Polícia.

A cimeira decorreu na *FIL* (Feira Internacional de Lisboa). Logo aqui a missão primordial do efectivo empenhado era acautelar o normal funcionamento dos trabalhos, garantindo as condições de segurança exigidas a uma cimeira.<sup>178</sup> Os acessos e o alojamento de todos os participantes também foram tidos em conta em questões de segurança, englobando a hospedagem de 60 delegações internacionais, em diversos hotéis espalhados pela cidade de Lisboa. Os perímetros de interdição, levados ao rigor, inevitavelmente condicionaram a circulação, garantindo assim com eficácia a prossecução capaz de toda a cimeira e a segurança inerente a esta.

Relativo às manifestações existentes, no decurso da Cimeira *NATO*, foram autorizadas pelo Governo Civil cinco manifestações contra a realização da mesma.<sup>179</sup> Esta cimeira, como seria espectável, desencadeou vários movimentos anti-*NATO* e anti-guerra levados essencialmente a cabo por organizações como a *No-to-Nato* ou mesmo a “filial” *PAGAN*. A *PAGAN*, em especial para este Cimeira, organizou manifestações de cariz pacífico divulgando no seu blogue todas as informações necessárias para o manifesto realizado. Informações essas, foram difundidas a apoiantes nacionais e internacionais (muitos deles ligados ao *No-to-Nato*). Foram promovidas palestras, antecedentes ao

---

<sup>177</sup> Cf. <http://www.psp.pt/Documentos%20Noticias/2010-11-16%20Dossier%20NATO.pdf>, pg.2.

<sup>178</sup> Cf. Idem, pg 5.

<sup>179</sup> Cf. [http://www.publico.pt/Local/natocimeira-previstas-cinco-manifestacoes-autorizadas-pelo-governo-civil-de-lisboa\\_1466264](http://www.publico.pt/Local/natocimeira-previstas-cinco-manifestacoes-autorizadas-pelo-governo-civil-de-lisboa_1466264), a 5 de Abril de 2011.

manifesto, onde vários oradores internacionais discursaram acerca das filosofias anti-guerra e acerca da sua posição contra as políticas da *NATO*. A par da cimeira, a *PAGAN* promoveu a sua própria conferência de cariz pacifista, detalhadamente especificada no seu blogue, demonstrando assim alguma transparência nos seus objectivos e motivações. Esta plataforma, teve também o apoio de outras redes internacionais anti-guerra, como por exemplo a *War Resisters International*<sup>180</sup>, no campo da divulgação da “ordem de trabalhos”. Aos activistas internacionais ainda foram facultadas cruciais informações, tais como locais de alojamento ou contactos para esclarecimento de possíveis dúvidas aos participantes.

Associadas às manifestações previstas, realizou-se uma primordial, abarcando todos os grupos anti-guerra e não só, denominada de *Paz Sim! NATO Não*, realizada no dia 20 de Novembro. Esta campanha tinha por objectivos expressar a oposição portuguesa face à realização desta Cimeira da *NATO* e todos os seus fins belicistas, exigir ao governo a retirada das Forças Armadas Portuguesas de todas as missões da *NATO*, onde estas estavam envolvidas, reclamar a anulação das bases militares estrangeiras em territórios nacional (como é o exemplo da Base das Lages, na ilha açoriana da Terceira) e também o desarmamento total das nações. Em suma, a dissolução da *NATO*.<sup>181</sup> Segundo o site oficial da campanha supramencionada “A realização desta Cimeira em Portugal significa a confirmação do envolvimento do país nos propósitos militaristas deste bloco político-militar, que constituem uma ameaça à paz e à segurança internacional”<sup>182</sup>. Realizaram também uma petição aos participantes na campanha, ao Presidente da Assembleia da República, exigindo o atrás mencionado, recolhendo um total de 936 petições.<sup>183</sup> Esta manifestação obteve intervenções de Rui Namorado Rosa<sup>184</sup>, Socorro Gomes<sup>185</sup>, Graciete Cruz<sup>186</sup>, Helena Barbosa<sup>187</sup>, entre outros,<sup>188</sup> trazendo algum protagonismo a este movimento colectivo. A *Paz sim! NATO Não!* realizou também uma reunião internacional

---

<sup>180</sup> Cf. <http://wri-irg.org/node/11041>, a 5 de Abril de 2011.

<sup>181</sup> Cf. <http://www.pazsimnatonao.org/campanha/>, a 5 de Abril de 2011.

<sup>182</sup> <http://www.pazsimnatonao.org/peticao/>, a 5 de Abril de 2011.

<sup>183</sup> Cf. Idem.

<sup>184</sup> Presidente do Conselho Português para a Paz e Cooperação.

<sup>185</sup> Presidente do Conselho Mundial da Paz e também do Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos e Luta pela Paz.

<sup>186</sup> Membro da Comissão Executiva e do Secretariado do Conselho Nacional da Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses - Intersindical Nacional (CGTP-IN).

<sup>187</sup> Representantes do Comité Nacional Preparatório Português do 17º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes.

<sup>188</sup> Cf. <http://www.pazsimnatonao.org/>, a 5 de Abril de 2011.

no dia anterior à primordial manifestação, dia 19, em Almada, promovido pelo Conselho Português para a Paz e Cooperação com o apoio do Conselho Mundial de Paz.<sup>189</sup>

Quando às manifestações em si, revelaram ser pacíficas de modo global, salvo raras excepções, devido essencialmente a dois factores: a coordenada actuação entre Forças e Serviços de Segurança e o próprio cariz pacífico da grande maioria da massa manifestantes, não sendo influenciáveis por grupos mais radicais. A actuação policial teve um papel extremamente importante logo inicialmente, no impedimento de entrada em território nacional de potenciais destabilizadores da ordem pública, por parte da Guarda Nacional Republicana e do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, visto que as movimentações activistas já estavam anteriormente referenciadas por diversas polícias internacionais<sup>190</sup>, sendo temporariamente desactivado o Acordo Shengen<sup>191</sup>. Este barramento foi, essencialmente, a activistas anarquistas e radicais de esquerda referenciados, que possuíam consigo panfletos e outros elementos alusivos à desordem e ao incumprimento de ordens emanadas pela autoridade, nomeadamente anti-polícia. Foram também feitas detenções nas fronteiras devido à posse de armas brancas e de fogo.<sup>192</sup> No total foram detidas 17 pessoas, somente nas fronteiras portuguesas,<sup>193</sup> enquanto em toda a envolvência da Cimeira NATO foram detidas 42 pessoas, sendo posteriormente os seus processos arquivados pelo Ministério Público<sup>194</sup>.

Relativamente aos referenciados grupos, teoricamente mais extremistas, a sua acção passou relativamente despercebida, resultando somente em pontuais casos de desobediência civil. Por exemplo, membros normalmente pacifistas finlandeses da *WRI* foram impedidos à partida de entrarem em território nacional.<sup>195</sup> Muitos destes grupos classificados de anarquistas, munidos de bandeiras e símbolos anarquistas, foram inteligentemente colocados, pela PSP, na retaguarda dos desfiles que decorreram, não exercendo assim uma maior influência para a prática de incivildades aos restantes

---

<sup>189</sup> Cf. <http://www.pazsimnatonao.org/2010/11/23/reuniao-internacional-fotografias/>, a 5 de Abril de 2011.

<sup>190</sup> Cf. [http://www.jn.pt/PaginaInicial/Nacional/Interior.aspx?content\\_id=1717761](http://www.jn.pt/PaginaInicial/Nacional/Interior.aspx?content_id=1717761), a 5 de Abril de 2011.

<sup>191</sup> É uma convenção entre países que permite a livre circulação de pessoas na Europa, reduzindo assim drasticamente questões burocráticas. (Cf. MOENS, Gabriel; TRONE, John, “Commercial Law of European Union”, Springer, Londres-Nova Iorque, 2010, p.120).

<sup>192</sup> Cf. <http://aeiou.expresso.pt/gen.pl?p=kws&words=anti-pol%EDcia>, a 5 de Abril de 2011 e <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/tvi24-fronteiras-nato-cimeira-detidos/1210302-4071.html>, a 5 de Abril de 2011.

<sup>193</sup> Cf. Ibidem.

<sup>194</sup> Cf. [http://www.publico.pt/Sociedade/ministerio-publico-arquiva-processo-contra-42-manifestantes-detidos-durante-cimeira-da-nato\\_1485603](http://www.publico.pt/Sociedade/ministerio-publico-arquiva-processo-contra-42-manifestantes-detidos-durante-cimeira-da-nato_1485603), a 5 de Abril de 2011.

<sup>195</sup> Cf. <http://antinatopotugal.wordpress.com/2010/11/18/activistas-finlandeses-retidos-na-fronteira/>, a 6 de Abril de 2011.



pacíficos manifestantes.<sup>196</sup> Ainda outros foram totalmente proibidos de se embutirem no desfile, apesar de garantirem as suas práticas pacifistas.<sup>197</sup> Associados a estes anarquistas está a tática *Black Bloc*. Apesar de serem temidos por aquilo que pudessem por em prática em Portugal, na Cimeira NATO, nada de relevante sucedeu, devido essencialmente aos argumentos expostos anteriormente. Muita desta inoperância passou pela rejeição dos outros manifestantes se aliarem às suas filosofias mais radicais e incivilizadas, levando assim a uma inexistência quase total de incivilidades.

Em suma, a Cimeira, em si, decorreu com normalidade em termos de segurança. A alta preparação das Forças e Serviços de Segurança levou ao sucesso da operação. Este foi um bom exemplo de que a prévia recolha de informação leva à inexistente repressão policial. Devido à recolha de dados minuciosa, o efectivo policial empenhado foi o necessário, anulando assim qualquer ameaça de maior gravidade à ordem e tranquilidade públicas, não impedindo o direito de manifestação constitucionalmente consagrado. Como afirmou o Superintendente Jorge Filipe Barreira à Rádio Renascença "Tomámos medidas policiais preventivas para evitar problemas" garantindo ainda que tudo estava controlado.<sup>198</sup> Na Cimeira da NATO 2010 em Lisboa, a Prevenção, sustentada pela Informação, foi suficiente para assegurar a ordem e a prossecução do planeado.

### 3.2. CONFRONTOS ENTRE EXTREMA-ESQUERDA E EXTREMA-DIREITA

Inicialmente, antes de relatar confrontos entre esta duas opostas extremas políticas é necessário clarificar o que as distingue e o que as une, em termos de posicionamento social. Apesar de serem opostos têm pontos em comum como se verifica nos seguintes gráficos<sup>199</sup>. Olhando aos gráficos expostos, pode-se considerar que o 0 é o “nada” e o 1 é o “tudo”. Ou seja, quando aparece o valor 0 todos os visados discordam, ou não se inserem, enquanto o 1 simboliza que todos estão de acordo.

---

<sup>196</sup>Cf. <http://www.tvi24.iol.pt/politica/nato-anti-nato-cimeira-lisboa-pagan-tvi24/1205011-4072.html>, a 6 de Abril de 2011.

<sup>197</sup>Cf. <http://aeiou.expresso.pt/anarquistas-impedidos-de-entrar-na-manifestacao-anti-nato=f616653>, a 6 de Abril de 2011.

<sup>198</sup>Cf. [http://www.rr.pt/informacao\\_detalhe.aspx?fid=1229&did=129659](http://www.rr.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=1229&did=129659), a 6 de Abril de 2011.

<sup>199</sup> Cf. KLANDERMANS, Bert; MAYER, Nonna “Extreme right activists in Europe; through the magnifying cglass”, Routledge, Abingdon, 2006, p.258.

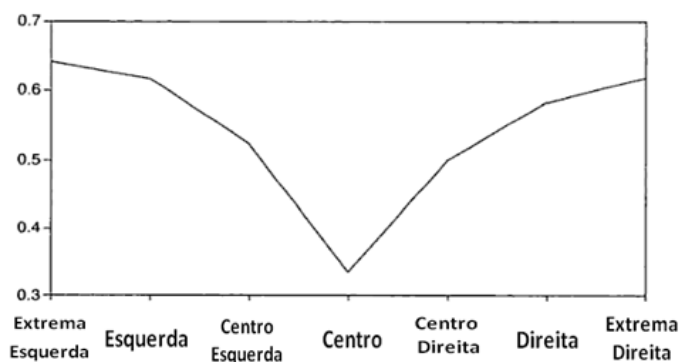


Fig. 1 Interesse Político

Como é possível verificar no gráfico apresentado por Bert Kandermands e por Nonna Mayer, na figura nº 1, apesar da Extrema-esquerda e da Extrema-direita serem duas posições políticas antagonistas, ao nível do interesse político apresentam-se com valores semelhantes, logo indicando que a sua vontade de participação política é elevada. Não obstante das suas motivações sociais distintas, ambos se interessam pela gestão da sua nação e do globo em geral, afirmando com solidez em que lado do espectro político se encontram, e como defendem as suas divergentes ideologias. Verifica-se também, que quanto mais ao centro político, menor é o interesse pela própria política.

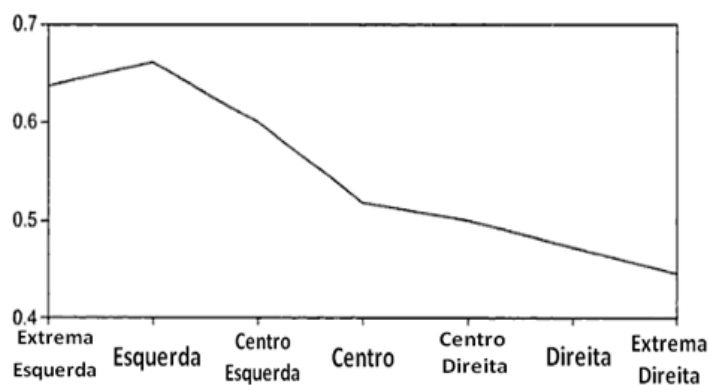


Fig. 2 Solidariedade Demonstrada

Como é possível observar a figura nº2 (gráfico alusivo à solidariedade demonstrada pela média da pessoas inseridas numa posição política), de grosso modo, quanto mais à esquerda as pessoas se colocam, maior é o sentimento de solidariedade demonstrado, apesar de tanto uns como outros, revelarem um sentimento solidário relativamente elevado. Mesmo a Extrema-direita apresenta valores relativamente razoáveis (na casa dos 50 por cento). Os altos valores na esquerda do espectro político, podem estar relacionados com o activismo destes em situações de pobreza, desigualdade social e também associado a

questões ambientais. Os menores valores, associados à extrema-direita podem ser interpretados pelo próprio liberalismo defendido pela direita e pela impavidez que muitas vezes, “os à direita situados”, demonstram face à igual distribuição da riqueza.

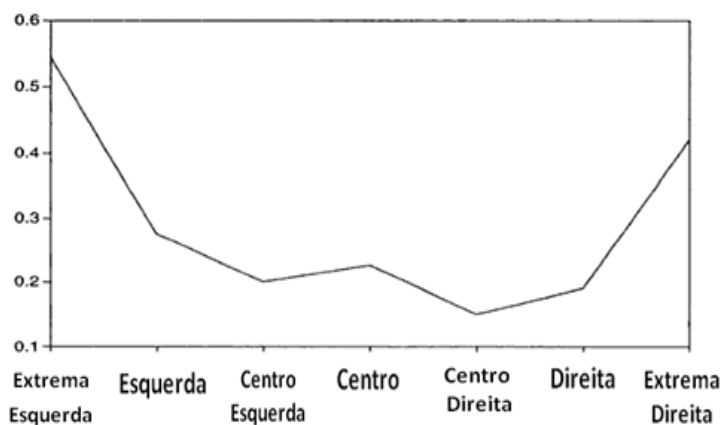


Fig. 3 Vontade de Mudar a Sociedade

Quanto à vontade de alterar a sociedade em que se inserem, ambos também são relativamente semelhantes em termos de determinação, como aqui como é possível verificar, na figura nº 3, sendo esta uma característica comum de qualquer extremista.<sup>200</sup> Somente metade daqueles que se apresentam num extremo pretende esta mudança. No entanto verifica-se no gráfico, acima ilustrado, que quem se situa na Extrema-esquerda política é ligeiramente mais determinado nessa mudança, em comparação com os à direita posicionados. Observa-se então que, em qualquer das posições políticas demonstradas, que se auto-tilula de extremista, é mais preocupado e mais determinado na alteração social, comparando com os “despreocupados” e conformistas posicionados mais ao centro. Como seria esperado, a respeito das crenças económicas da Extrema-direita são mais a favor do livre empreendimento e iniciativa individual, enquanto a Extrema-esquerda é mais a favor da intervenção do Estado.<sup>201</sup>

<sup>200</sup> Cf. Idem, p.260.

<sup>201</sup> Cf. Ibidem.

<i>Items</i>	<i>LWE</i>	<i>RWE</i>
I don't trust traditional politics any more	4.00	4.85
Parliament should be abolished since it can't solve any problems	1.88	3.65
Political decisions would be surely faster and more efficient if we could limit the power of Parliament and political parties	2.05	5.05
Parliament and democracy are the best form of government (reversed item)	4.58	2.28
Political power should be centralized as much as possible	2.20	2.45

<i>Items</i>	<i>LWE</i>	<i>RWE</i>
We should have a stronger national feeling	3.23	5.93
The state should preserve our national identity	3.70	5.75
Our school should teach more about other countries, their culture and religion	5.5	2.7

Analisando as tabelas, acima representadas, retiradas da respectiva obra, observa-se que existem pontos em comum entre ambos movimentos extremistas, apesar destes divergirem em termos de opinião na maior parte dos casos. Observa-se que os únicos pontos de concordância, nestas questões abordadas, são o facto da desconfiança face às actuais e tradicionais políticas aplicadas na Europa, relacionado com a vontade de alteração e mudança, mencionada acima, com apoio da figura nº 3 e também a questão da centralização do poder político. Ambos concordam que a centralização existente é excessiva. Relativamente às esperadas discordâncias, conclui-se que a esquerda extremista apoia muito mais a democracia, defendendo que este é o modo correcto de solução dos problemas globais. A Extrema-esquerda defende também que o ensino deve ser mais voltado para as culturas externas a um determinado país, e menos obtuso e pouco abrangente. A Extrema-esquerda é muito mais aberta, aparentemente, ao multiculturalismo, onde a diversidade cultural é vista como um recurso e não como um obstáculo.<sup>202</sup> Em contraposição a Extrema-direita defende, regra geral, que as decisões políticas seriam muito mais eficazes se o poder do Parlamento e dos Partidos Políticos fosse limitado. Esta limitação está relacionada com a redução ou inexistência de Partidos Políticos, à excepção de um único, dominador, como é característica do regime fascista,

<sup>202</sup> Cf. Ibidem.

associado ao autoritarismo estadual.<sup>203</sup> Também alega, que o sentimento nacionalista deveria de ser muito mais elevado entre os cidadãos de um determinado país e também que o Estado deveria preservar muito mais a identidade nacional, como é naturalmente característico de filosofias fascistas ou mesmo neo-nazis.

Como é possível verificar são mais a divergências e disparidades entre estas extremas opostas do que as semelhanças, no campo das motivações e visões perante a sociedade contemporânea. Devido ao radicalismo por estas demonstrado, leva a que a relação entre si seja hostil, de rivalidade. Esta hostilidade tem proporcionado por diversas vezes confrontos violentos entre estes, em diversos contextos. Seja por simples encontros esporádicos, levando a conflitos entre ambos, seja pelo método da contra-manifestação. Na história recente verificam-se vários episódios como o de Dresden, a 19 de Fevereiro de 2011<sup>204</sup>, ou em Madrid, em 1 de Março do 2008<sup>205</sup>, entre outros. No entanto verificam-se mais contra-manifestações da parte da extrema-esquerda, perante questões raciais ou políticas. A violência está usualmente presente nestes protestos, despoletando assim atritos entre dois grupos manifestantes distintos, quebrando os tradicionais confrontos entre manifestantes e a polícia, dificultando a capacidade das Forças de Segurança de dirimir os conflitos apresentados.

### **3.3. PRÁTICA CRIMINAIS ASSOCIADAS À EXTREMA-ESQUERDA**

Como foi perceptível atrás, na análise histórica de manifestações associadas à Extrema-esquerda, diversos crimes são cometidos usualmente, desde o crime de dano, às injúrias, às ofensas à integridade física, entre outros. Apesar de serem crimes de relativa gravidade, em comparação com outros crimes de maior alarme social e penas mais

---

<sup>203</sup> Cf. LARA, António de Sousa, “Ciência Política. Estudo da Ordem e da Subversão”, 5ª Edição, Instituto Superior de Ciência Sociais e Políticas, 2009, p.685

<sup>204</sup> Contra manifestação ocorrida em Dresden, na Alemanha, por parte da extrema-esquerda e não só, com cerca de 10000 elementos, face à prévia manifestação neo-nazi de 20000 manifestantes. O resultado foi os confrontos perpetuados entre os contra-manifestantes de extrema-esquerda (cerca de 3000) e a polícia alemã, levando à utilização de gás lacrimogénico e canhões de água. (Cf. <http://www.dnoticias.pt/actualidade/mundo/250784-dez-mil-alemaes-protestam-contra-manifestacao-neonazi-em-dresden>, a 7 de Abril de 2011).

<sup>205</sup> Contra-manifestação da extrema-esquerda, afirmando ser anti-racistas, perante agendada manifestação da extrema-direita (grupo “Nação e Revolução” no bairro La Latina (Bairro típico madrileno). Foram causados vários danos por contra-manifestantes da extrema esquerda, desde o incendimento de caixotes do lixo, cabines telefónicas e mobílias, até à própria danificação de viaturas parqueadas na via pública. A situação foi sanada mediante utilização de gás lacrimogénico, dispersando assim os manifestantes. (Cf. [http://www.publico.pt/Mundo/sete-detidos-em-confrontos-entre-militantes-de-esquerda-e-de-extremadireita-em-madrid\\_1321288](http://www.publico.pt/Mundo/sete-detidos-em-confrontos-entre-militantes-de-esquerda-e-de-extremadireita-em-madrid_1321288), a 7 de Abril de 2011).

acentuadas, o facto de por vezes serem praticados simultaneamente, incrementa a gravidade das situações apresentadas, levando ao árduo controlo das Forças de Segurança.

O crime de dano é provavelmente dos crimes mais praticados em manifestações violentas, seja contra a propriedade privada ou contra propriedade pública, situado no Código Penal Português, no seu artigo 212º. Este crime praticado passa por vezes ao crime de Dano Qualificado (artigo 213º).<sup>206</sup> Dentro dos crimes contra a vida em sociedade (Título IV, pg. 135), cometidos por vezes por radicais de esquerda, encontra-se o crime de “(Incêndios, explosões e outras condutas especialmente perigosas)”, no seu artigo 272º<sup>207</sup>. Nos crimes cometidos contra as pessoas também são comuns avistarem-se a prática dos crimes de ofensa à integridade simples (artigo 143º), de ofensa à integridade física grave (artigo 144º)<sup>208</sup>, de ameaça (artigo 153º), de injúrias (artigo 181º), de introdução em lugar de acesso vedado ao público (artigo 191º). Quanto aos crimes perpetrados contra o Estado (Título V do Código Penal Português, pg 158), também é costume a prática de crimes de resistência e coacção sobre funcionário (artigo 347º) e de desobediência (artigo 348º). Associadas às práticas criminais, resultam inúmeras detenções efectuadas por vezes em manifestações de maior envergadura.

Apesar do cariz pacífico de grande maioria dos manifestantes de Extrema-esquerda, independentemente de cometerem menores crimes, como injurias ou desobediência, por vezes verificam-se elementos e até mesmo grupos relativamente organizados com o objectivo de não se cingirem a práticas amistosas face às Forças de Segurança. A prática destes crimes mais violentos denota-se essencialmente contra as Forças de Segurança, que asseguram a ordem e tranquilidade públicas no local de realização da manifestação. No entanto, também se verificam contra aquilo que protestam, como é o exemplo das manifestações violentas anti-capitalistas e anti-globalização/alterglobalização, onde instituições financeiras e estabelecimentos pertencentes a grandes multinacionais são alvos de destruição e até mesmo furto, por vezes. No caso das manifestações anarquistas,

---

<sup>206</sup> Um exemplo deste tipo de crime cometido foi “Ao longo do percurso desta marcha “não autorizada” — indicou a comissária, em conferência de imprensa —, os manifestantes “partiram montras”, “roubaram mercadorias de lojas” e “pintaram graffiti nas paredes”. ([http://www.publico.pt/Local/manifestantes-detidos-no-chiado-por-vandalismo-e-agressoes-a-psp\\_1292226](http://www.publico.pt/Local/manifestantes-detidos-no-chiado-por-vandalismo-e-agressoes-a-psp_1292226), a 7 de Abril de 2011).

<sup>207</sup> Um mero exemplo da prática deste crime foi “A explosão de uma bomba artesanal, colocada perto da casa do ministro grego da Cultura, no centro de Atenas, destruiu um carro e danificou outros quatro hoje de manhã, avança a polícia.” ([http://www.publico.pt/Mundo/grecia-explosao-perto-da-casa-do-ministro-da-cultura-provoca-apanas-danos-materiais\\_125888](http://www.publico.pt/Mundo/grecia-explosao-perto-da-casa-do-ministro-da-cultura-provoca-apanas-danos-materiais_125888), a 7 de Abril de 2011).

<sup>208</sup> Por exemplo a situação ocorrida no Chiado, em Lisboa, em Portugal, a 26/04/2007. “Interpelados pela PSP, os manifestantes “agrediram” os agentes e atacaram “à pedrada” os carros-patrolha.” ([http://www.publico.pt/Local/manifestantes-detidos-no-chiado-por-vandalismo-e-agressoes-a-psp\\_129222](http://www.publico.pt/Local/manifestantes-detidos-no-chiado-por-vandalismo-e-agressoes-a-psp_129222), a 7 de Abril de 2011).

independentemente de serem libertários ou sociais, verificam-se danos á propriedade estadual, como é o exemplo da destruição de veículos pertencentes às Forças de Segurança.

## **4 – O PAPEL DAS DIFERENTES VALÊNCIAS DA POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA NO COMBATE ÀS MANIFESTAÇÕES VIOLENTAS DE ESQUERDA**

No combate às manifestações violentas de esquerda, todas as valências da Polícia de Segurança Pública são indispensáveis, como são indispensáveis à regulação da ordem e tranquilidade públicas. Como é incontornável, são as Informações a melhor arma para o combate a este tipo específico de manifestação, não podendo a Polícia cingir a recolha destas, somente a quem as trabalha constantemente. Não poderão ser meramente os departamentos/núcleos a fazer a recolha de informação, mas sim todas as unidades e subunidades que tenham a oportunidade para o fazer.

### **4.1. PILAR DAS INFORMAÇÕES**

“A evolução do conceito e do papel das informações, associada a alterações orgânicas ocorridas em várias forças e serviços de segurança, às quais são atribuídas competências na área das informações, no âmbito da segurança interna, deve ser entendido numa dupla vertente: enquanto actividade destinada à produção de informações de segurança (desenvolvida exclusivamente pelos serviços de informações, como vimos anteriormente) e enquanto actividade instrumental, destinada a contribuir para a investigação criminal, segurança e ordem públicas”<sup>209</sup>.

No panorama nacional existem serviços de segurança com a primordial missão da recolha e análise de informação (Sistema de Informações de Segurança e Sistema de Informações Estratégicas de Defesa<sup>210</sup>), não obstante de outras Forças e Serviços de Segurança fazerem a respectiva recolha e análise mediante departamentos direccionados, como é o exemplo do Departamento de Informações Policiais, da Direcção Nacional da Polícia de Segurança Pública. Estes serviços e departamentos são verdadeiramente o Pilar das Informações, com o objectivo de trabalhar na prevenção, ou seja, produzir informações para melhor prevenir. Este Pilar é abastecedor de todos os outros, pois facilita e objectiva a intervenção ao nível da prevenção, da ordem pública e da investigação criminal. O Pilar

---

<sup>209</sup> VALENTE, Manuel Monteiro Guedes; FERNANDES, Luís Fiães, “Segurança Interna. Reflexões e Legislação”, Almedina, 2005, p.34.

<sup>210</sup>Cf. “... o SIED contribui para o processo de decisão política através da produção de informação privilegiada...” (<http://www.sied.pt/missaovv.html>, a 8 de Abril de 2011).



das Informações é, provavelmente, o mais importante Pilar exercido por quem garante a segurança interna e externa.

Relativamente às manifestações de Extrema-esquerda, o Pilar de Informações desempenha um papel fundamental, tanto ao nível das informações estratégicas, como ao nível das informações policiais, operacionais. Mediante a produção exaustiva, mas objectiva, de informações, mais facilmente se compreendem as motivações e os procedimentos usuais deste extremismo político. Desde a recolha, mediante as fontes abertas e fechadas de informação, evita-se assim, consequentemente, uma acção desconhecedora e indiscriminada perante estes grupos. O Pilar das Informações permite prevenir com conhecimento.

#### **4.2. PILAR PREVENTIVO**

A Prevenção é o “conjunto de medidas, cuja intenção é minimizar as infracções (a sua frequência, a sua gravidade e as suas consequências), sejam de natureza criminal ou outras e, sobretudo, quando ocorram antes da prática do acto delinquente”.<sup>211</sup> É a alternativa inteligente à repressão. A Prevenção pressupõe uma postura pró-activa, prevendo algo que poderá acontecer, aplicando as necessárias medidas neste aspecto, baseando-se a natureza preventiva, na previsão e na intervenção precoce. As acções preventivas devem ser dirigidas às causas da criminalidade, quer sociais, quer ambientais, e não somente às consequências adjacentes.<sup>212</sup> Aqui vislumbra-se a interligação estreita do Pilar das Informações com o Pilar Preventivo.

Quem exerce a Prevenção, e em especial, as “Esquadras territoriais são fundamentais no trabalho de recolha de informações a todos os níveis embora me pareça que não estejam a realizar todo o seu potencial”, pois segundo este “a importância das informações ainda não está devidamente enraizada no efectivo.”<sup>213</sup>. Quanto ao extremismo de esquerda e às manifestações em que se insere, quem exerce a Prevenção primordialmente, tem também uma posição privilegiada, pois o contacto com os manifestantes é directo, logo a recolha de informações oportunas é facilitada. “No caso concreto das manifestações de extrema-esquerda, a importância mantêm-se naturalmente,

---

<sup>211</sup> OLIVEIRA, José Ferreira, “As Políticas de Segurança e os Modelos de Policiamento. A Emergência do Policiamento de Proximidade”, Almedina, 2006, p.79.

<sup>212</sup>Cf. FERNANDES, Luis Fiães, “II Colóquio de Segurança Interna”, Almedina, 2006, p.75 e seguintes

<sup>213</sup> Retirado de Entrevista a Subcomissário Amaral em Anexo I.

sendo certo que o trabalho de uma Esquadra Territorial é sempre muito limitado neste âmbito, devendo apenas transmitir os indícios que acha pertinentes às instâncias superiores.”<sup>214</sup> Não obstante daquilo que é, e deveria de ser transmitido superiormente, estas por vezes deparam-se com manifestações conotadas à esquerda politicamente, mesmo que na grande maioria das vezes sejam de reduzido número de manifestantes e de cariz pacífico.

Resultante desta proximidade entre o elemento policial e o manifestante, o comportamento usual é mais fidedignamente transmitido, sendo esta uma valiosa fonte de informação. Mediante as informações transmitidas pelo elemento que executa essencialmente a prevenção, o combate à violência de esquerda é mais eficaz e a postura das Forças de Segurança, face este tipo de manifestações, é mais objectiva. As Esquadras Territoriais, como representantes máximas do Pilar Preventivo, na Polícia de Segurança Pública, deverão continuar a informar superiormente o sucedido nas manifestações e outros actos relacionados com a Extrema-esquerda, procurando incrementar cada vez mais essa transmissão de informação.

#### **4.3. PILAR REPRESSIVO**

A Repressão, como o próprio nome indica, é o acto de coibir algo, proibindo-o, utilizando os mecanismos necessários, alcançando a normalidade. A Repressão é o método combativo da desordem. “A desordem tem origem na pessoa humana, se as pessoas não forem impedidas ou controladas, elas comportar-se-ão de forma anti-social e incivilizada, porque estas disfunções são intrínsecas à sua natureza”<sup>215</sup>. Logo o controlo e possível repressão exercida pelas Forças de Segurança nunca serão aceites pela toda população. A Repressão, pode ser considerada desnecessária, pois “os homens são considerados seres racionais, que têm capacidades para resolver os seus conflitos, sem recurso à violência, através do diálogo, negociação e compromisso”<sup>216</sup>. Segundo esta ideia de ordem natural, às Forças de Segurança não cabe algum papel na sociedade. No entanto esta ideia é errónea, pois diálogo, a negociação e o compromisso nem sempre sanam os conflitos existentes, muito devido à disparidade de personalidades entre o ser humano. A manutenção da ordem é necessária.

---

<sup>214</sup> Idem.

<sup>215</sup> FELGUEIRAS, Sérgio “Reuniões e Manifestações. Actuação Policial”, Almedina, 2009, p.141.

<sup>216</sup> Ibidem.

Em termos de actuação, o Pilar Repressivo deve ser considerado a última razão. Somente após o esgotamento de todos os meios “diplomáticos” viáveis se deve reprimir, de modo preventivo. Ou seja, reprimir, prevenindo que as práticas incivilizadas se voltem a repetir. As Forças de Segurança, somente deve fazer o uso da força aquando o estritamente necessário, tendo em conta todos os princípios, como vêm referidos no Código Deontológico do Serviço Policial.<sup>217</sup> Para tal deve ser esgotado o Pilar das Informações, e por sua vez o Pilar Preventivo, neste sequencia.

Na Polícia de Segurança Pública, o Pilar Repressivo está presente em diversas valências, estando mais evidente na Unidade Especial de Polícia. Em termos de manifestações, e de manifestações radicais de esquerda, em concreto, ao Corpo de Intervenção cabe, por vezes, o papel repressivo, assim como as Equipas de Intervenção Rápida, anexas às Divisões Policiais. Apesar destes por vezes se focarem na reposição imediata da ordem, independentemente dos meios utilizados, a recolha de informações para além de possível é necessária.<sup>218</sup> O contacto directo de que exerce a ordem pública, permite uma melhor compreensão dos fenómenos, possibilitando uma mais pormenorizada caracterização dos indivíduos e dos grupos adictos à Extrema-esquerda. Esta compreensão deve levar à informação superior, encaminhando posteriormente para quem das Informações se empenha geralmente, nomeadamente Serviços de Informações e Departamentos de Informações variados. Contendo esta informação, é possível posteriormente ser transmitido o conhecimento a quem opera no terreno, mediante acções de formação, por exemplo.<sup>219</sup>

#### **4.4. PILAR DA INVESTIGAÇÃO CRIMINAL**

O Pilar da Investigação Criminal é provavelmente o Pilar com menos influência e menor capacidade na recolha de Informações, relacionada com movimentos de Extrema-esquerda. No entanto, não pode ser completamente desaproveitado, pois a investigação de processos relacionados com a prática de crimes cometidos, em manifestação, leva indubitavelmente à recolha de Informações relacionadas. Crimes como os de participação em motim armado, ou mesmo a danificação de bens de elevado valor, certamente serão sujeitos a investigação, logo, informações de relevo surgem, contribuindo para o rol de

---

<sup>217</sup> Resolução do Conselho de Ministros n.º 37/2002.

<sup>218</sup> Cf. Anexo III, pergunta 5.

<sup>219</sup> Cf. Ibidem.

informações, por todos os outros Pilares recolhidas. Um exemplo de um Serviço de Segurança altamente capacitado para a obtenção de informações, em Portugal, é a Polícia Judiciária, pois segundo a Lei de Organização e Investigação Criminal, relacionado com as manifestações, têm competência na investigação do crime de participação em motim armado, crimes contra a segurança do Estado e também no dano de pertença ao património cultural.<sup>220</sup>

#### **4.5. COORDENAÇÃO DAS FORÇAS E SERVIÇOS DE SEGURANÇA NA OBTENÇÃO DE INFORMAÇÕES RELACIONADAS COM O EXTREMISMO DE ESQUERDA**

“As forças e os serviços de segurança cooperam entre si, designadamente através da comunicação de informações que, não interessando apenas à prossecução dos objectivos específicos de cada um deles, sejam necessárias à realização das finalidades de outros, salvaguardando os regimes legais do segredo de justiça e do segredo de Estado.”<sup>221</sup>

Quanto à coordenação das Forças e Serviços de Segurança cabe ao Sistema de Segurança Interna, nomeadamente ao Secretário-Geral do Sistema de Segurança Interna, “Garantir a articulação das forças e dos serviços de segurança com o sistema prisional de forma a tornar mais eficaz a prevenção e a repressão da criminalidade”.<sup>222</sup> Quanto à partilha de informações cabe a este ainda “Estabelecer com o Secretário -Geral do Sistema de Informações da República Portuguesa mecanismos adequados de cooperação institucional de modo a garantir a partilha de informações”<sup>223</sup> O Gabinete Coordenador de Segurança, como órgão de assessoria e consulta, coordena técnica e operacionalmente as Forças e Serviços de Segurança.

Relativamente às manifestações que decorrem, hoje em dia, o Gabinete Coordenador de Segurança não toma qualquer posição quanto à autorização ou licenciamento das mesmas.<sup>224</sup> Os promotores de manifestações devem sim, comunicar esta intenção por escrito, com a antecedência de dois dias, aos Governos Cívicos ou aos

---

<sup>220</sup> Cf. Lei nº 49/2008, art. 7º.

<sup>221</sup> Lei 53/2008 (Lei de Segurança Interna).

<sup>222</sup> Idem, artigo 16º, nº3, alínea a).

<sup>223</sup> Idem, artigo 16º, nº3, alínea c).

<sup>224</sup> Cf. Anexo II, pergunta 1.

Presidentes das Câmaras Municipais locais.<sup>225</sup> A intervenção do Gabinete Coordenador de Segurança pode suceder anteriormente à manifestação, mediante reuniões de preparação e planeamento, no caso de se tratar de um grande evento ou de uma operação planeada de elevado grau de risco ou ameaça ou, ainda, se a situação envolva a actuação de mais de uma força de segurança.<sup>226</sup> A actuação do Gabinete também pode ocorrer “no próprio decurso da manifestação, caso surja um incidente de segurança inopinado grave, com impacto na ordem e segurança públicas, que exija a rápida intervenção policial”<sup>227</sup>.

O Sistema de Segurança Interna, por intermédio do Gabinete Coordenador de Segurança, tem um importante papel na coordenação das Forças e Serviços de Segurança nos grandes eventos, que requeiram um contingente policial vasto, assim como em incidente táctico policiais que envolvam distintas forças/serviços. Esta mediação exercida, é um excelente mecanismo de difusão de informações, devendo este canal ser aproveitado com regularidade.

---

<sup>225</sup> Cf. Decreto-Lei 406/74, de 29 de Agosto.

<sup>226</sup> Cf. Anexo II, pergunta 1.

<sup>227</sup> Anexo II, pergunta 1.

## CONCLUSÃO

A Extrema-esquerda, como o próprio nome indica, é a posição mais radical de quem opta por políticas de esquerda. Este posicionamento político, por vezes, não se relaciona com os típicos ideais de esquerda, contrariando-os grosseiramente em certas ocasiões, como é o exemplo da rejeição do Estado como dominador das decisões de uma determinada nação. Deve-se em parte à fusão que ocorre por vezes entre a Extrema-esquerda e o Anarquismo. Anarquistas e Radicais de Esquerda, muitas vezes, manifestam-se em conjunto, lutando pelos mesmos motivos, independentemente de o fazerem de modo pacífico ou violento. No entanto as principais filosofias esquerdistas, como o anti-capitalismo ou o anti-fascismo, estão fortemente presentes nos ideais de extrema-esquerda. A diferença está no modo de reivindicação desses mesmos pensamentos, sendo os extremistas muito mais activistas e radicais.

Actualmente as razões que essencialmente levam a Extrema-esquerda a manifestar-se são o anti-capitalismo, a anti-globalização, o anti-racismo, anti-militarismo, o anti-fascismo, o ecologismo, entre muitos outros motivos. Basicamente os radicais esquerdistas protestam consoante a evolução social e consoante as crises que nascem em vários pontos do globo, ou mesmo a nível mundial. À medida que a sociedade avança, as motivações vão-se alterando, mas normalmente dentro dos ideais de esquerda. O activismo está presente globalmente, pois as contestações sociais também as estão. Enquanto existirem problemas de alarme social, existirão radicais que os contestem de modo mais extremista do que a restante população, não obstante dessa demonstração se realize de modo pacífico e apelativo. No entanto, sempre existirá quem o faça de modo violento e irracional, pondo em causa a ordem e tranquilidade públicas. “A situação económica e financeira será a conjuntura ideal para a radicalização destes grupos”.<sup>228</sup> A lacuna na garantia dos bens necessários, poderá levar à violência dos tradicionais grupos pacifistas. Estes comportamentos mais agressivos, muitas vezes associados a movimentos anarquistas, são reprováveis pela maioria dos activistas de esquerda, pois estes pretendem ser a voz racional e activa do povo, contra os órgãos decisores nacionais e mundiais.

---

<sup>228</sup> Anexo IV, pergunta 10.

Em todo o mundo se constata a existência de indivíduos e grupos radicais de esquerda. Usualmente e teoricamente estes são pacifistas, apesar de, no decorrer das manifestações onde participam, por vezes a típica desobediência civil praticada (pacífica), se torna violenta. Esta transformação deve-se muitas vezes à existência de instigadores que se infiltram no interior de grupos pacíficos, mobilizando o grupo em geral, para a prática de actos violentos, quer sejam contra o património, quer sejam contra as Forças de Segurança. Um exemplo desta infiltração e mobilização é a tática *Black Bloc*. Um grupo relativamente reduzido de elementos, para além da infiltração no principal movimento manifestante, procura tomar a cabeça do desfile, transmitindo assim, a quem assegura a ordem pública, uma imagem marcante de violência e descontrolo. Dá-se a mutação de um protesto pacífico, para um protesto violento (que muitas das vezes nem o é, somente aparenta). Esta violência pode levar a que as Forças de Segurança tenham uma atitude mais agressiva como resposta, despoletando mais ainda, a violência nos manifestantes. Ou seja, a aparente violência do grupo manifestante pode levar à falta de proporcionalidade policial, levando assim à real violência do grupo manifestante. É este o fim da tática *Black Bloc*. Dar motivos ao manifestante pacífico, para que se torne agressivo.

Esta violência, primeiramente dirigida somente às Forças Policiais, volta-se também para a danificação e prática de muitos outros crimes, pelos locais onde o grupo manifestante se desloca. Verificam-se destruições parciais de edifícios de grandes multinacionais e instituições bancárias (está aqui presente o sentimento anti-capitalista e anti-globalização), destruições de bens materiais do Estado, como é o exemplo de viaturas policiais (constata-se aqui os ideais anarquistas, de repúdio à autoridade e ao poder estadual), entre outros. Perante toda esta destruição, revela-se o oportunismo de quem destrói por prazer e rebeldia, danificando bens que em nada estão relacionados com os ideais defendidos pela Extrema-esquerda. No entanto, estes cenários de violência desmedida são esporádicos, não se podendo ilustrar o movimento de Extrema-esquerda deste modo.

Face as estas esporádicas, mas possíveis ocorrências, o melhor método de anulação do sucedido, é a intercepção, por parte das Forças de Segurança, dos principais elementos destabilizadores, aos invés de tratar o grupo manifestante como um todo. Mediante a anulação dos principais focos de distúrbio, previne-se que o sentimento de agressividade se alastre. Deve existir uma actuação objectiva e discriminada e não uma actuação regida por uma visão global do problema, sob consequência da proporcionalidade policial ser posta

em causa. Deve-se prevenir precocemente, evitando a futura inevitável repressão. O melhor método para atingir a prevenção é a recolha de informação.

O Pilar da Informações é indubitavelmente a melhor arma contra as manifestações radicais de esquerda. Quanto mais informação for recolhida e trabalhada, por especializados Serviços de Informações ou por Forças de Segurança de actuação genérica, superior irá ser a prevenção. Tem de existir a consciencialização que a recolha de informações não se deve cingir aos especializados na matéria, mas sim a todos aqueles que estão em contacto com o fenómeno. Desde o agente de proximidade, ao técnico de ordem pública, ao especialista em recolha de informações estratégicas, todos devem comunicar superiormente as informações recolhidas, independentemente de aparentarem ser inúteis. Quanto maior a informação detida sobre um determinado fenómeno, e neste caso em específico, a Extrema-esquerda, mais eficaz irá ser a intervenção, fundamentada em princípios preventivos. O melhor exemplo em Portugal do combate eficaz às manifestações radicais de esquerda foi a Cimeira *NATO* em 2010. Devido ao facto da informação existente ser relevante, conseguiram-se anular possíveis focos de distúrbio, antes de estes realmente acontecerem, como foi o exemplo do controlo rigoroso de fronteiras e da separação de potenciais manifestantes violentos, de outros pacifistas.

Para que o sucesso se repita em futuros eventos como estes, em território nacional, é necessária a continuidade do trabalho efectuado, maximizando a recolha de informações, acompanhando a constante evolução das estruturas, motivações e actuações dos indivíduos e grupos activistas de Extrema-esquerda. Um grande auxílio, nos dias que correm, é a internet. Estes activistas têm como ponto de ligação, esta enorme rede mundial, utilizando as redes sociais e os blogues como comunicadores e difusores de ideias e futuras participações em eventos. A constante exploração destes mecanismos, por parte das Forças e Serviços de Segurança, terá de ser o futuro da recolha de informações nesta área, complementando com todas as outras fontes de informação existentes.

“Só conhecendo o ambiente de actuação – onde e quando actuar e com que tácticas e técnicas – pode a polícia ser efectiva.”<sup>229</sup>

---

<sup>229</sup> FERN.ANDES, Luis Fiães, “Volume Comemorativo dos 20 Anos”, ISCPSP, Almedina, Coimbra, 2005, p.331.



## BIBLIOGRAFIA

### LIVROS

. \_\_\_\_\_, “Demonstrating Respect for Rights? A Human Approach to Policing Protest”, House of Lords; House of Commons, Joint Committee on Human Rights, Seventh Report of Session, Inglaterra, 2007-2008

\_\_\_\_\_, “Arab migration in globalized world”, International Organization of Migration, Geneva, 2004

ARTHUR, Hans, MYHRE, Skott, “Youth and Subculture as Creative Force: Creating New Spaces for Radical Youth Work.” Hans Arthur Skott-Myhre, University of Toronto Press, Canada, 2009

BELLUCCI, Paolo; BULL, Martin, “Italian Politics: The Return of Berlusconi”, Berghahn Books, Oxford, 2002

BLUMENBERG, Werner, “Karl Marx: an illustrated history”, Verso, Londres, 1998

BOURGIN, G; RIMBERT, P, “Socialismo. Do manifesto comunista ao novo estado industrial”, 2ª Edição Editora Arcádia., 1974

CANTERBURY, Dennis, “European Block Imperialism”, Koninklijke Brill, Leden, 2010

CARDOSO, Pedro, “As Informações em Portugal”

Cf. CLARK, Nancy L., WORGER, William H., “South Africa: the rise and fall of apartheid”, Pearson Education Limited, Great Britain, 2004

Cf. DEUSEN, David van; MASSOT, Xavier, “The Black Bloc Papers”, The Green Mountain Anarchist Collective, 2010

Cf. LEWER, Nick, “Physicians and the peace movement :prescription for hope”, BPCC Wheatons Ltd, 1992

CLARK, Nancy L.; WORGER, William H., “South Africa: the rise and fall of apartheid”, Pearson Education Limited, Grã Bretanha, 2004

CLEMENTE, Pedro Lopes, “As informações policia/ PALIMPSESTO”, in Estudos de Homenagem ao Juiz Conselheiro António da Costa Neves Ribeiro, in memoriam, Almedina, Coimbra, 2007

COLEMAN, Roy; MCCAHL, Michael, “Surveillance and Crime”, SAGE Publications, Londres, 2011

- COMBS, Cindy C.; SLANN, Martin W., “Encyclopedia of Terrorism”, Facts on File, Inc, Nova Iorque, 2002
- DA SILVA, Elisabette Murilho, COSTA, Márcia Regina, “Sociabilidade Juvenil e Cultura Urbana” – Elisabeth Murilho da Silva, Editora PUC-SP, São Paulo, 2006
- DUCLOS, Jacques, “Anarquistas de Ontem e de Hoje, – como o esquerdismo faz o jogo da reacção”, Edições Sociais, Lisboa, 1974
- DUVERGER, Maurice, “Os grandes sistemas políticos”, Almedina, Coimbra, 1985
- FERNANDES, Luis Fiães, “Volume Comemorativo dos 20 Anos”, ISCPSI, Almedina, Coimbra, 2005
- FERNANDES, Luis Fiães, “II Colóquio de Segurança Interna”, Almedina, 2006
- GANTZEL, Klaus Jurgen; SCHWINGHAMMER, Torsten, “Warfare since the second world war, Transaction Publishers”, Nova Jersey, 2000
- GEORGE, Susan, “Whose Crisis, Whose Future”, Polity Press, Cambridge, 2010
- HELD, David; MCGREW, Anthony, “Prós e Contras da Globalização”, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 2001
- HELLANDER, Paul; ARMSTRONG, Kate; CLARK Michael, “Greek Islands”, Lonely Planet
- HEYWOOD, Andrew, “Key Concepts in Politics”, Palgrave, Nova Iorque, 2000,
- JOLL, James, “Anarquistas e Anarquismo”, Publicações Dom Quixote, 1964
- KEEBLE, Richard; TULLOCH, John; ZOLLMAN, Florian, “Peace Journalism, war and conflict resolution”, Peter Lang Publishing, Nova Iorque, 2010
- KLANDERMANS, Bert; MAYER, Nonna “Extreme right activists in Europe; through the magnifying cglass”, Routledge, Abingdon, 2006,
- LARA, António de Sousa, “Ciência Política. Estudo da Ordem e da Subversão”, 5ª Edição, Instituto Superior de Ciência Sociais e Políticas, 2009
- LOWES, David E., “The anti-capitalist dictionary – movements, histories and motivations.”, Fernwood Publishing Lda, 2006
- MANNES, Aaron, “Profiles in terror: the guide to Middle East terroris organizations”, Rowman & Littlefield Publishers, Inc, Reino Unido, 2004
- Manual de Informações da Escola Prática de Polícia, 2008
- MARTIN, Gus, “Understanding Terrorism: Challanges, Prespectives and Issues”, SAGE Publications, New Dehli, 2010

- MOENS, Gabriel; TRONE, John, “Commercial Law of European Union”, Springer, Londres-Nova Iorque, 2010
- NELSON, Rebecca M, “G-20 and International Economic Cooperation: Background Implications for Congress”, Congressional Research Service, 2009
- NILAN, Pam; FEIXA, Carles, “Global Youth?: hybrid identities, plural words”, Routledge, Abingdom, 2006
- OHLSSEN, Becky, “Seattle City Guide”, Lonely Planet
- OLIVEIRA, José Ferreira, “A Manutenção da Ordem Pública em Portugal”, ISCPSI, Lisboa, 2000
- OLIVEIRA, José Ferreira, “As Políticas de Segurança e os Modelos de Policiamento. A Emergência do Policiamento de Proximidade”, Almedina, 2006
- PARKER, Martin; FOURNIER, Valérie; REEDY, Patrick, “The Dictionary of Alternatives. Utopianism & Organization”, Zed Books Lda, 2007
- ROSENFELD, Denis Lerrer; MATTÉI, Jean-François, “O Terror”, Dennis L. Rosendfield, Porto Alegre, Brasil, 2002
- SEIB, Philip; JANBEK, Dana M., “Global Terrorism and new media: the post al-qaeda generation”, Routledge, Abdingon, 2011
- STEGGER, Manfred B., “Globalism: market ideology meets terrorism”, Rowman & Littlefield Publishers Inc, Maryland, 2005
- VALENTE, Manuel Monteiro Guedes; FERNANDES, Luís Fiães, “Segurança Interna. Reflexões e Legislação”, Almedina, 2005

## **DIPLOMAS LEGAIS**

Constituição da República Portuguesa

Decreto-Lei 406/74 de 29 de Agosto

Decreto-Lei nº406/74

Lei 53/2008

Lei nº 49/2008

Resolução do Conselho de Ministros n.º 37/2002

## **ARTIGOS CIENTIFICOS**

“Lua nova. Revista de Cultura e Política”, nº 36

## **DISSERTAÇÕES**

MEDEIROS, B.M, Estudo Exploratório das Informações na PSP, Dissertação de Licenciatura, Lisboa. ISCPSI, 2002, p.20

## **INTERNET**

<http://aeiou.expresso.pt/anarquistas-impedidos-de-entrar-na-manifestacao-anti-nato=f616653> a 6 de Abril de 2011

<http://aeiou.expresso.pt/gen.pl?p=kwds&words=anti-pol%EDcia>, a 5 de Abril de 2011

<http://afilosofia.no.sapo.pt/11Anarquismo.htm>, a 10 de Fevereiro de 2011

[http://aloc.no.sapo.pt/actividades\\_da\\_alooc.htm](http://aloc.no.sapo.pt/actividades_da_alooc.htm), a 20 de Março de 2011

[http://aloc.no.sapo.pt/quem\\_somos.htm](http://aloc.no.sapo.pt/quem_somos.htm), a 18 de Março de 2011

<http://antinatoportugal.wordpress.com/2010/11/18/activistas-finlandeses-retidos-na-fronteira/>, a 6 de Abril de 2011

<http://antinatoportugal.wordpress.com/2010/11/18/activistas-finlandeses-retidos-na-fronteira/>, a 6 de Abril de 2011

<http://content.met.police.uk/>, a 5 de Abril de 2011

<http://plato.stanford.edu/entries/pacifism/>, a 29 de Março de 2011

<http://wri-irg.org/node/11041>, a 5 de Abril de 2011

<http://www.attac.org/en/about/map>, a 15 de Março de 2011

<http://www.attac.org/en/overview>, a 15 de Março de 2011

<http://www.attac.org/en/overview>, a 27 de Março de 2007

<http://www.attac.org/en/what-we-do/campaigns/another-europe-possible>, a 15 de Março de 2011

<http://www.attac.org/en/what-we-do/campaigns/close-down-casino-economy>, a 15 de Março de 2011

<http://www.attac.pt/>, a 16 de Março de 2011

[http://www.carabinieri.it/Internet/Multilingua/EN/MissionAbroad/03\\_EN.htm](http://www.carabinieri.it/Internet/Multilingua/EN/MissionAbroad/03_EN.htm), a 3 de Abril de 2011

<http://www.dnoticias.pt/actualidade/mundo/250784-dez-mil-alemaes-protestam-contramanifestacao-neonazi-em-dresden>, a 7 de Abril de 2011

<http://www.fas.org/irp/world/para/left.pdf>, p. 9

<http://www.g20.org/index.aspx>

<http://www.g20.org/index.aspx>, a 4 de Abril de 2011

<http://www.g-8.de/Webs/G8/EN/Background/background.html>, a 5 de Abril de 2011

<http://www.greenpeace.org/portugal/pt/greenpeace/Como-actua-a-Greenpeace/>, a 1 de Abril de 2011

[http://www.jn.pt/PaginaInicial/Nacional/Interior.aspx?content\\_id=1717761](http://www.jn.pt/PaginaInicial/Nacional/Interior.aspx?content_id=1717761), a 5 de Abril de 2011

<http://www.mondialisations.org/php/public/art.php?id=22205&lan=PO>, a 27 de Março de 2011

[http://www.nato.int/cps/en/natolive/nato\\_countries.htm](http://www.nato.int/cps/en/natolive/nato_countries.htm), a 10 de Março de 2011

<http://www.no-to-nato.org/en/about-us/>, a 10 de Março de 2011

<http://www.no-to-nato.org/en/about-us/platform-paper/>, a 11 de Março de 2011

<http://www.no-to-nato.org/en/nato-strategy/>, a 11 de Março de 2011

<http://www.nytimes.com/2008/12/07/world/europe/07greece.html>, a 4 de Abril de 2011

<http://www.osverdes.pt/>, a 1 de Abril de 2011

<http://www.pazsimnatonao.org/>, a 5 de Abril de 2011

<http://www.pazsimnatonao.org/2010/11/23/reuniao-internacional-fotografias/>, a 5 de Abril de 2011

<http://www.pazsimnatonao.org/campanha/>, a 5 de Abril de 2011

<http://www.pazsimnatonao.org/peticao/>, a 5 de Abril de 2011

<http://www.psp.pt/Documentos%20Noticias/2010-11-16%20Dossier%20NATO.pdf>

<http://www.psp.pt/Documentos%20Noticias/2010-11-16%20Dossier%20NATO.pdf>

[http://www.publico.pt/Local/manifestantes-detidos-no-chiado-por-vandalismo-e-agressoes-a-psp\\_1292226](http://www.publico.pt/Local/manifestantes-detidos-no-chiado-por-vandalismo-e-agressoes-a-psp_1292226), a 7 de Abril de 2011

[http://www.publico.pt/Local/manifestantes-detidos-no-chiado-por-vandalismo-e-agressoes-a-psp\\_129222](http://www.publico.pt/Local/manifestantes-detidos-no-chiado-por-vandalismo-e-agressoes-a-psp_129222), a 7 de Abril de 2011

[http://www.publico.pt/Local/natocimeira-previstas-cinco-manifestacoes-autorizadas-pelo-governo-civil-de-lisboa\\_1466264](http://www.publico.pt/Local/natocimeira-previstas-cinco-manifestacoes-autorizadas-pelo-governo-civil-de-lisboa_1466264), a 5 de Abril de 2011

[http://www.publico.pt/Mundo/grecia-explosao-perto-da-casa-do-ministro-da-cultura-provoca- apenas-danos-materiais\\_125888](http://www.publico.pt/Mundo/grecia-explosao-perto-da-casa-do-ministro-da-cultura-provoca- apenas-danos-materiais_125888), a 7 de Abril de 2011

[http://www.publico.pt/Mundo/sete-detidos-em-confrontos-entre-militantes-de-esquerda-e-de-extremadireita-em-madrid\\_1321288](http://www.publico.pt/Mundo/sete-detidos-em-confrontos-entre-militantes-de-esquerda-e-de-extremadireita-em-madrid_1321288), a 7 de Abril de 2011

[http://www.publico.pt/Sociedade/ministerio-publico-arquiva-processo-contr-42-manifestantes-detidos-durante-cimeira-da-nato\\_1485603](http://www.publico.pt/Sociedade/ministerio-publico-arquiva-processo-contr-42-manifestantes-detidos-durante-cimeira-da-nato_1485603), a 5 de Abril de 2011

<http://www.putpeoplefirst.org.uk/2009/04/put-people-first-reaction-to-the-london-summit/>, a 5 de Abril de 2011

[http://www.rr.pt/informacao\\_detalhe.aspx?fid=1229&did=129659](http://www.rr.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=1229&did=129659), a 6 de Abril de 2011

<http://www.seattle.gov/oir/datasheet/Datasheet2010.pdf>

<http://www.sied.pt/missaovv.html>

<http://www.sis.pt/index.html>, a 4 de Fevereiro de 2011

<http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/tvi24-fronteiras-nato-cimeira-detidos/1210302-4071.html>, a 5 de Abril de 2011

<http://www.warresisters.org/whoweare>, a 17 de Março de 2011

<http://www.wri-irg.org/cgi/datafeed-unicode.cgi>, 17 de Março de 2011

[http://www.wri-irg.org/network/about\\_wri](http://www.wri-irg.org/network/about_wri), 17 de Março de 2011

<http://www.wri-irg.org/node/10156> a 20 de Março de 2011

<http://www.wri-irg.org/node/10940>, a 20 de Março de 2011

<http://www.wri-irg.org/statemnt/constitution-en.htm>, a 21 de Março d 2011

[www://www.ciair.org/investigacao/Marxismo.pdf](http://www.ciair.org/investigacao/Marxismo.pdf), pg7

---

Diogo Filipe Escudeiro Lopes  
*Aspirante a Oficial de Polícia*

## **ANEXOS**

**Anexo I** – Entrevista realizada ao Subcomissário Amaral, da 30ª Esquadra, do Comando Metropolitano de Lisboa, da Polícia de Segurança Pública.

**Anexo II** – Entrevista realizada ao Dr. Braga do Gabinete Coordenador de Segurança do Sistema de Segurança Interna.

**Anexo III** – Entrevista realizada ao Comissário Francisco Alves do Corpo de Intervenção, da Polícia de Segurança Pública.

**Anexo IV** – Entrevista realizada ao Serviço de Informações de Segurança.



# **ANEXO I**

# **ENTREVISTA REALIZADA AO SUBCOMISSÁRIO RICARDO AMARAL (COMANDANTE DA 30ª ESQUADRA DO COMANDO METROPOLITANO DE LISBOA)**

## **1 O que representa para si o Extremismo de Esquerda?**

Tal como o próprio nome indica, representa um extremar de posições, algo que dificilmente pode ser positivo hoje em dia uma vez que vivemos numa sociedade marcada precisamente pela diversidade ideológica, contexto em que é fundamental que haja cedências para que se alcancem consensos. O extremismo, assim como o fundamentalismo religioso por exemplo, dificultam em muito esse esforço.

O extremismo de esquerda representa para mim a luta contra o regime económico e político da esmagadora maioria dos países, pois defendem uma forma completamente diferente da organização da produção e distribuição da riqueza e com pouca aplicabilidade prática no contexto actual, razão pela qual se apresenta como um movimento de ruptura radical com a forma como actualmente estamos organizados.

## **2 Denota alguma diferença visível entre manifestações conotadas de extrema-esquerda e manifestações sem conotação política evidente?**

Sim. Nota-se que há uma maior preocupação da nossa Instituição em desenvolver um esforço de pesquisa de notícias relacionadas com o assunto, no caso concreto de Lisboa, através do Núcleo de Informações do COMETLIS, algo que é extremamente útil na preparação do policiamento pois ficamos a saber alguns dados importantes que nos ajudam a “briefar” o efectivo e a preparar os policiamentos.

No protesto propriamente dito, penso que há uma maior apreensão e tensão quer por parte dos manifestantes, quer por parte dos elementos da PSP. Isto deve-se talvez àquilo que muitas vezes se verifica nestes protestos no estrangeiro, e por todos termos essas imagens na cabeça, nunca sabemos bem o que pode acontecer.

Mas até ao momento, nunca vivi nenhuma situação num protesto deste género em que houvesse qualquer tentativa de por em causa a ordem e tranquilidade públicas, sendo que, desde que me encontro a desempenhar as funções de comandante da 30ª Esquadra (cerca de 7 meses) apenas me lembro de 3 protestos que desde a sua preparação foram

imediatamente conotados a movimentos de extrema esquerda. Acho que a grande diferença, ou pelo menos a mais visível para os restantes protestos, é a fraca adesão.

**3 Até que ponto reconhece as manifestações e comportamentos extra manifestação, de grupos extremistas de esquerda, como uma ameaça para a segurança nacional?**

É difícil responder a estas questões cingindo-nos unicamente à realidade portuguesa e alheando-nos dos contextos em que estes movimentos e protestos têm uma visibilidade e impacto superior, contextos esses que felizmente são muito diferentes do nosso (ex. Inglaterra e França).

Olhando unicamente àquilo que tem sido o passado recente em Portugal, não vejo estas manifestações como uma ameaça para a segurança nacional. São vários os motivos que fazem com que isso aconteça, desde logo a fraca adesão que normalmente se tem verificado nas últimas iniciativas e o facto de a maioria dos portugueses reprovar os comportamentos que normalmente lhes estão associados, nomeadamente o vandalismo.

**4 Acha relevante, para os métodos de actuação policial, o conhecimento prévio dos comportamentos e motivações dos grupos radicais de esquerda actuais?**

Sim, sem dúvida. É importante conhecermos os manifestantes para que se possa adequar o policiamento ao protesto em causa, principalmente no que diz respeito à sua motivação e objectivos. Por exemplo, muitas vezes estes protestos usam a polícia como "arma de arremesso" contra o Estado, procurando provocar uma intervenção por parte das Forças de Segurança que lhes permita obter uma imagem ou conotação de "mártires" perante a sociedade.

Além disso, estes movimentos são também conhecidos pela originalidade de alguns dos seus protestos, por exemplo, o que aconteceu com os indivíduos que se acorrentaram na via pública aquando da realização da Cimeira da Nato em Portugal, ou a utilização do humor para tentarem ridicularizar a actuação do Estado e das Forças de Segurança.

O conhecimento prévio destas organizações, das suas motivações e formas de actuar, são fundamentais para uma preparação adequada dos policiamentos, o que tem evitado situações complicadas e por vezes embaraçosas.

O policiamento realizado no âmbito da Cimeira da NATO no ano transacto é disso um excelente exemplo. Sabíamos quem poderíamos encontrar pela frente, o que normalmente faziam, e qual a melhor forma de lidar com eles.

**5 Que importância atribui a uma Esquadra Territorial da Polícia de Segurança Pública, no campo da recolha de informações, face às manifestações de extrema-esquerda?**

As Esquadras territoriais são fundamentais no trabalho de recolha de informações a todos os níveis embora me pareça que não estejam a realizar todo o seu potencial. Parece-me que a importância das informações ainda não está devidamente enraizada no efectivo. Houve ao nível do COMETLIS um esforço para se melhorar esta situação por altura da realização da Cimeira da NATO. Foi dada alguma formação aos Comandantes de Esquadra que ficaram incumbidos de sensibilizar o seu efectivo para o trabalho que deveria ser feito no âmbito da recolha de informações para aquele evento em concreto e acho que ainda hoje se sentem efeitos positivos dessa chamada de atenção para a importância das informações, no entanto, ainda há um longo caminho a percorrer neste aspecto.

No caso concreto das manifestações de extrema-esquerda, a importância mantém-se naturalmente, sendo certo que o trabalho de uma Esquadra Territorial é sempre muito limitado neste âmbito, devendo apenas transmitir os indícios que acha pertinentes às instâncias superiores. No caso concreto de Lisboa estamos muito bem servidos, uma vez que o Núcleo de Informações do COMETLIS tem, na minha opinião, trabalhado muito bem.

**6 Que principais dificuldades sente, enquanto comandante de um efectivo operacional, na resolução de conflitos entre manifestantes, conotados de radicais esquerdistas, e forças de segurança?**

Até hoje não tive felizmente qualquer problema em manifestações conotadas logo à partida com movimentos de extrema-esquerda, no entanto, já verifiquei a presença desses indivíduos em vários outros protestos, normalmente em número reduzido e identificados pelo uso de bandeiras e simbologia própria, mas também sem causarem problemas.

Nos últimos 7 meses na 30ª Esquadra tivemos uma média superior a duas manifestações por semana na nossa área de responsabilidade, quase todas elas sem qualquer tipo de incidente.

Pode custar a acreditar mas os pequenos problemas e atritos que têm surgido nos policiamentos em que tenho participado surgem com as entidades que à partida não os deveriam causar pois, na minha opinião, têm a obrigação moral de ser mais organizados e conhecedores e cumpridores da Lei, dirigentes sindicais e indivíduos com responsabilidades políticas por exemplo...

**7 Acredita que o sentimento de anti-capitalismo e anti-globalização, associados inúmeras vezes aos movimentos radicais de esquerda, podem crescer face à crise económica vivida ao nível nacional?**

Sim, os momentos de crise são normalmente utilizados pelas correntes ideológicas menos populares para “recrutarem” novos simpatizantes. São momentos em que as mentes estão mais propensas a aceitar novas ideias, não propriamente por acreditarem nelas, mas por estarem descontentes com a situação actual. No contexto actual é provável que a extrema-esquerda ganhe força, precisamente devido a esses sentimentos anti-capitalistas e globalização.

**8 Julga que episódios de violência associada à extrema-esquerda e ao anarquismo, como os de Génova em 2001 ou o de Atenas em 2008, poderão suceder em território nacional num futuro próximo?**

Não creio, pelo menos no actual contexto económico e social. O caso que referiu, assim como o Francês, ocorreram num contexto social diferente do nosso. Tenho família em França e acompanhei à distância alguns dos acontecimentos dos últimos verões em que, entre outras coisas, queimaram imensos carros indiscriminadamente na rua e houve diversos confrontos com a polícia, mas esse é um país que se orgulha da sua cultura de protesto e uso exacerbado de “direitos”. É uma realidade bem diferente da nossa.

Sinceramente, não vejo os movimentos de extrema-esquerda terem força para tal no nosso país, no entanto, a possibilidade de pequenos actos isolados de protesto violento vai aumentar à medida que a crise económica se for agravando e a qualidade de vida dos portugueses for diminuindo.

Numa situação extrema, não excluo a possibilidade de surgirem episódios de grande violência como nesses países, no entanto, esse futuro parece estar ainda muito longínquo.

# **ANEXO II**

## **ENTREVISTA REALIZADA AO GABINETE COORDENADOR DE SEGURANÇA (GCS). RESPOSTA DADA PELO DR. JORGE BRAGA**

**1 Sendo o GCS um órgão de consulta e assessoria, qual o seu papel no que toca a realização de manifestações ou acções reivindicativas que são comunicadas pelas FSS? De que forma é feita essa comunicação e qual o papel dos oficiais de ligação do SPGCS neste processo?**

De acordo com a Lei 53/2008 (LSI), a actividade de Segurança Interna envolve a gestão integrada dos recursos nacionais, tanto na vertente da Segurança (security) como na Prevenção de Acidentes (safety) e tem vista à consecução das duas seguintes finalidades: 1º garantir a ordem a tranquilidade e segurança públicas, proteger pessoas e bens, prevenir e reprimir a criminalidade e assegurar o normal funcionamento das instituições democráticas (...); 2º, prevenir e reagir contra acidentes graves ou catástrofes (...).

Neste contexto, o GCS, conjuntamente com os outros órgãos do Sistema, deve contribuir para apoiar o SG-SSI na gestão articulada dos referidos recursos, nomeadamente dos Serviços de Informações, das Polícias, dos Serviços de Protecção Civil, dos Tribunais, dos Serviços Diplomáticos, das Forças Armadas, e de vários outros serviços, do sector público e privado, que também concorrem para os fins da segurança interna (economia, finanças, indústria, serviços, concessionários de infra-estruturas críticas, fornecedores serviços essenciais, etc.). Entre as atribuições do GCS, contam-se estudar e propor as políticas públicas de SI, o aperfeiçoamento do dispositivo das FSS e dos mecanismos de cooperação entre estas.

No quadro actual de ameaças, o SG-GSSI deve ter um papel coordenador e inclusivo dos recursos existentes, procurando racionalizar e articular os meios de prevenção e resposta que se encontram distribuídos por diversas áreas, inclusive fora do Sistema.

No entanto, é fundamental prevenir e actuar a montante das ocorrências. Neste plano, há necessidade de proceder à actualização permanente do quadro de ameaças e riscos, de referenciar os seus agentes potenciais e de proceder à actualização constante dos seus meios de actuação. Esta é a tarefa por excelência dos Serviços de Informações (Intelligence), nomeadamente do Serviço de Informações de Segurança (SIS). No nosso país o SIS é a entidade responsável pela identificação e avaliação das ameaças à Segurança



Interna, bem como pela comunicação dos seus presumidos efeitos às restantes FSS, nomeadamente às polícias que têm competências actuação na vertente da Ordem Pública (PSP e GNR) e aos OPC com competências de investigação (PJ, PSP, GNR e SEF). Outra competência exclusiva do SIS prende-se com a atribuição dos Graus de Ameaça em território nacional, que se destinam a definir as diversas ameaças que impendem sobre pessoas, instalações e eventos.

Ainda neste contexto, destaca-se que as ameaças actuais à Segurança Interna são diversificadas, “pouco visíveis”, dinâmicas e, por conseguinte, “menos previsíveis”, o que significa que, caso não se proceda rapidamente à sua identificação/ avaliação e à adaptação dos dispositivos de Segurança existentes (FSS), elas tenderão a agravar os seus efeitos com o passar do tempo. Daí que, para além da desejável celeridade, seja necessária a criação de canais informação fiáveis, a definição das prioridades e das estratégias de intervenção de todos os actores e a utilização equilibrada dos recursos existentes.

No que respeita às manifestações (cf. acções de rua), na avaliação de riscos, pelo Serviço de Informações, devem ser tidos em conta alguns indicadores prévios, tais como, se sua a realização foi previamente comunicada às autoridades, quais as formas de mobilização dos manifestantes, os temas da acção, a data e local das iniciativa, a existência (ou não) de responsáveis pela gestão de comportamentos de protesto, o número de pessoas presentes, a presumida presença de manifestantes violentos, ocorrência de outras acções em simultâneo (cf. contra-manifestações), existência na mesma data ou em data próxima de iniciativas similares, entre outros factores.

Com respeito às competências formais, do GCS em relação às manifestações deve referir-se o seguinte:

1º, De acordo com a legislação em vigor sobre o direito de manifestação, o Gabinete não tem qualquer intervenção formal ao nível da autorização ou do licenciamento de manifestações. Com efeito, de acordo com o Decreto-Lei 406/74, de 29 de Agosto, os promotores de manifestações devem comunicar esta intenção por escrito, com a antecedência de dois dias, aos Governos Cívicos ou aos Presidentes das Câmaras Municipais locais. Estas entidades têm a possibilidade de impor algumas restrições aos locais de realização das concentrações, consoante os horários previstos e ou as distâncias de segurança (100 metros) em relação a órgãos de soberania, instalações militares, prisões e representações diplomáticas. Nota-se, contudo, que aquelas entidades não estão sujeitas a qualquer dever de comunicação destes factos ao GCS/SSI, tanto mais que à data da publicação deste diploma (1974) o GCS não tinha ainda existência legal.

2º A intervenção do Gabinete pode acontecer na fase prévia da manifestação, na forma de reuniões de preparação e planeamento, caso se trate de um grande evento ou de uma operação planeada de elevado grau de risco ou ameaça ou, ainda, caso a situação implique a actuação concertada de mais de uma força de segurança (cf. Visita do Papa e Cimeira NATO, 2010). Nestas situações, a intervenção do Gabinete decorre do exercício das competências de Coordenação do SG-SSI, que são exercidas principalmente ao nível das orientações gerais e das estratégias de segurança.

Na fase de preparação, o planeamento tem em vista, entre outros objectivos, a definição das necessidades informativas, a identificação dos pontos de contacto nacionais e a constituição de canais e instrumentos informativos necessários.

3º A Intervenção pode suceder no próprio decurso da manifestação, caso surja um incidente de segurança inopinado grave, com impacto na ordem e segurança públicas, que exija a rápida intervenção policial (cf. Incidente Tático Policial). Neste caso, a intervenção decorre do exercício do poder de Controlo do SG-SSI, através dos dirigentes máximos das FS, em ordem à supervisão da actividade de todos os organismos e entidades envolvidas na contenção do incidente.

Os OL do SPGCS têm um papel activo nestes processos, competindo-lhes, nomeadamente, garantir as ligações com os respectivos serviços de origem e comunicar ao GAB-SSI todos os factos de interesse para a Segurança Interna.

**2 Surgem, junto do GCS, informações sobre a realização de manifestações conotadas de extrema-esquerda e manifestações sem conotação política evidente? Em caso afirmativo, como surgem essas informações/notícias? Pode ser adiantado um número de manifestações deste tipo comunicado ao SPGCS durante o ano de 2010?**

Sim, através dos relatórios difundidos pelas FSS, de notícias da comunicação social ou ainda de comunicações com origem nos Governos Cívicos. Relativamente ao ano de 2010, foram comunicadas, pelo menos, duas centenas de ocorrências. De futuro, é desejável a generalização deste tipo de procedimentos, nomeadamente por parte das entidades que detêm as competências de licenciamento.

**3 Tendo recebido informação sobre a realização de manifestações conotadas de extrema-esquerda ou de manifestações sem conotação política evidente, qual o**

**tratamento que o GCS lhes dá? Existem diferenças entre umas e outras nos processos de trabalho desenvolvidos pelo GCS? Se sim, de que forma e porquê?**

A informação relativa à realização de manifestações é difundida para conhecimento das entidades competentes, de acordo com as atribuições legais que estão definidas, nomeadamente para as FS territorialmente competentes.

Não existem distinções formais nos processos de trabalho entre umas e outras das citadas manifestações.

A actividade das FSS é norteada pelo Plano de Coordenação Controlo e Comando Operacional das Forças e Serviços de Segurança (PCCCOFSS). No caso dos grandes eventos, o Plano atribui à força de segurança territorialmente competente responsabilidades locais de articulação e coordenação operacional, envolvendo os procedimentos de execução das medidas de segurança.

**4 Se uma manifestação, independentemente da sua conotação, for comunicada ao SPGCS por mais que uma FSS, informando que várias acções estão programadas para vários pontos do Território Nacional, abrangendo zonas de actuação de diferentes FSS, como se articula o SPGCS e qual o encaminhamento dado em termos de coordenação de actuação?**

Tratando-se de situações em que estão envolvidos várias forças e serviços, o SG-SSI através da competência de Coordenação promove reuniões de Planeamento com a presença de representantes das FSS e acciona a Sala de Situação do GCS, caso se justifique. Um dos cenários de ameaça que poderá, eventualmente, justificar esta intervenção é o dos bloqueios de vias de comunicação, que está tipificada no Artigo 290º do Código Penal como Atentado à Segurança de Transporte Rodoviário (cf. destruição, supressão, colocação de obstáculo ao funcionamento de via ou de circulação de transporte rodoviário).

**5 O SPGCS, caso se mostre necessário, pode solicitar informações sobre manifestantes ou manifestações no âmbito da cooperação policial internacional? Se sim, de que forma se processa este pedido e qual o tratamento que é dado à informação recolhida?**

Pode através GAB-SSI, que constitui o ponto nacional de contacto dos mecanismos da EU. Normalmente, o processo é desenvolvido através dos canais formais já existentes (mecanismos de cooperação policial da União Europeia, Gabinete Sirene, Europol e Interpol e através dos canais de cooperação bilateral e multilateral das FSS). Existem recomendações da Comunidade relacionadas com a troca de informações policiais ao nível internacional na vertente da ordem pública (cf. RECOMENDAÇÃO DO CONSELHO de 6 de Dezembro de 2007, relativa a um Manual destinado às autoridades policiais e de segurança para a cooperação em eventos importantes de dimensão internacional (2007/C 314/02)).

**6 O SPGCS tem capacidade de cruzamento e análise da informação que recolhe e processa no âmbito das manifestações em Portugal? Se sim, como se processa este mecanismo? Se não, acha que deveria existir essa capacidade?**

Como se depreende do que atrás foi exposto normalmente estas tarefas são executadas pelo SIS (Análise estratégica, para apoio do decisor - avaliação geral das ameaças) e pelas FS (Informações tático – operacionais, para apoio do comandante da força territorialmente competente – planeamento do dispositivo em termos de segurança e ordem pública). No decurso dos designados grandes eventos a força de segurança territorialmente competente pode constituir uma estrutura operativa (célula de Informações), para a integração e o intercâmbio de Informações.

Lisboa, 12 de Abril de 2011

# **ANEXO III**

# **ENTREVISTA REALIZADA AO COMISSÁRIO FRANCISCO ALVES (CORPO DE INTERVENÇÃO DA POLÍCIA DE SEGURANÇA PÚBLICA)**

## **1 O que representa para si o Extremismo de Esquerda?**

O Extremismo, segundo alguns dicionários, é a doutrina, corrente ou tendência que preconiza soluções extremas radicais e revolucionárias para os problemas sociais.

Depois como é sabido, o extremismo na política pode ser de direita ou de esquerda. O extremismo de esquerda preocupa-se em resolver os problemas sociais dos menos favorecidos.

O grande problema que se coloca é que, ao invés de procurarem somente os meios pacíficos para expor as suas ideias, como acham que desta forma é impossível, se necessário recorrem a actos violentos.

Julgo que é consensual se dissermos que impor algo através de violência é regredirmos na nossa história e naquilo por que todos lutaram: liberdade e respeito dos direitos humanos.

## **2 Denota alguma diferença visível entre manifestações conotadas de extrema-esquerda e manifestações sem conotação política evidente?**

As grandes diferenças visíveis de manifestantes extremistas estão relacionadas com a forma como se organizam no seio de uma manifestação e como se apresentam.

## **3 Até que ponto reconhece as manifestações e comportamentos extra manifestação, de grupos extremistas de esquerda, como uma ameaça para a segurança nacional?**

De extrema-esquerda ou direita, os grupos conotados a este extremismo como por exemplo “Cruz Anarquista” ou “Hammerskins” são factores de risco efectivo para a segurança interna no tocante ao incitamento da violência política e racial (no caso dos grupos de extrema direita). São extremamente bem organizados e utilizam a Internet, através de sites, blogs ou chats, para a promoção das suas ideologias e recrutamento de novos simpatizantes.

#### **4 Acha relevante, para os métodos de actuação policial, o conhecimento prévio dos comportamentos e motivações dos grupos radicais de esquerda actuais?**

Sem dúvida alguma, Sun Tzu, o autor de A arte da guerra, escreveu: “...aquele que conhece o adversário e a si mesmo, lutará cem batalhas sem perigo de derrota”.

Por ocasião da Cimeira da Nato, desenvolvi um estudo para o Corpo de Intervenção sobre um dos grupos mais violentos da actualidade e que têm acompanhado outras Cimeiras que são os *Black Bloc*. Depois apresentei ao Comando uma formação teórica e prática com a criação de cenários de violência com o objectivo de preparar todos os elementos da Subunidade para os problemas que podiam surgir durante a Cimeira.

#### **5 Que importância atribui a uma Subunidade Policial como o Corpo de Intervenção da Polícia de Segurança Pública, no campo da recolha de informações, face às manifestações de extrema-esquerda?**

Considero de extrema importância uma recolha de informações eficaz antes e durante uma manifestação onde se preveja a participação de grupos extremistas.

À semelhança do que outras forças congéneres estrangeiras já possuem, hoje esta Subunidade também já tem doutrina própria para, se necessário, retirar alguém do interior de uma manifestação de forma discreta e à civil. Neste caso em concreto, o trabalho das “Informações” é fundamental para detectar “alguém” que se pretenda retirar da manifestação. Este “alguém” poderá ser por exemplo o agitador/mentor ou um manifestante que transporta consigo material para ser arremessado às forças de segurança, como acontece em manifestações onde participam os *Black Bloc*.

#### **6 Que principais dificuldades sente, enquanto comandante de um efectivo operacional, na resolução de conflitos entre manifestantes, conotados de radicais esquerdistas, e forças de segurança?**

A grande preocupação que existe quando estamos perante manifestações em que participam grupos de extrema-esquerda está relacionada com possíveis cenários de violência. Em primeiro porque, podem não olhar a meios para atingir os seus fins e em segundo porque, devido a um escalar de violência, podem ser atingidas pessoas que não

estão ligadas a nenhum grupo violento e que só pretendem exercer o seu direito de se manifestarem.

É aqui que pode residir a dificuldade, em termos que intervir num cenário com dois tipos de grupos, os violentos e os não violentos, onde o grande objectivo é conseguir realizar uma intervenção dirigida a um determinado grupo (violentos) e não a todos.

**7 Acredita que o sentimento de anti-capitalismo e anti-globalização, associados inúmeras vezes aos movimentos radicais de esquerda, podem crescer face à crise económica vivida ao nível nacional?**

ulgo que é possível devido à crise financeira que afecta a vida das famílias.

Em consequência disso, os grupos extremistas terão muito mais facilidade em “angariar” apoiantes numa manifestação.

**8 Julga que episódios de violência associada à extrema-esquerda e ao anarquismo, como os de Génova em 2001 ou o de Atenas em 2008, poderão suceder em território nacional num futuro próximo?**

Em Génova, o grupo que mais desordem criou foi o *Black Bloc* onde acabou por falecer um dos participantes, foram efectuadas 250 detenções pela polícia italiana, verificaram-se 1200 feridos dos quais 273 eram polícias.

Quando fizemos o estudo sobre este grupo violento concluímos que, muito provavelmente, eles não iriam participar na Cimeira da Nato do ano passado porque as acções *Black Bloc* necessitam de apoio nos países onde actuam, ao irem para determinado sítio os activistas têm de ter alojamento comida e apoio logístico dos "radicais" locais, o que não deveria acontecer aqui em Portugal, pelo menos em grande escala.

No entanto, num futuro muito próximo o cenário pode ser alterado daí que cada vez mais as “Informações” sejam de primordial importância no dia-a-dia da nossa Polícia.



# **ANEXO IV**

# **ENTREVISTA REALIZADA AO SERVIÇO DE INFORMAÇÕES DE SEGURANÇA**

## **1 O que representa para si o Extremismo de Esquerda?**

O “extremismo de esquerda” é a atitude política de indivíduos, grupos, movimentos ou organizações de esquerda – de inspiração marxista, maoista, trotskista, etc. ou libertária e anarquista (embora, neste último caso, os militantes raramente se considerem de “esquerda”) –, que se consubstancia na promoção da contestação radical e permanente ao ‘sistema’, da insurreição ou da revolução como metodologias de acção para alcançar determinadas transformações sociais e políticas, mesmo nas democracias liberais (negligenciando os mecanismos de participação política dessas mesmas democracias).

A promoção destas metodologias de acção pode traduzir-se, apenas, na difusão do discurso extremista (através de distribuição de propaganda, acções de formação, debates, etc.) ou, por outro lado, na concretização de acções, violentas ou não-violentas (*e.g.* actos terroristas; actos de sabotagem; actos de vandalismo; manifestações violentas; ‘okupações’; acções de desobediência civil).

Não obstante a ampla diversidade de correntes políticas (com objectivos e programas de acção diferentes) que o “extremismo de esquerda” encerra, é possível identificar alguns “alvos” comuns: o capitalismo e a globalização; o modelo político, económico e social das democracias liberais; o fascismo e a extrema-direita. Na maioria dos casos, diga-se, os temas de contestação da extrema-esquerda ligam-se, directa ou indirectamente, à vertente anti-capitalista. Existem, contudo, diferenças assinaláveis e irreconciliáveis no que respeita, por exemplo, à autoridade: concentrada e exercida pelo Partido e o Estado, na linha marxista-leninista; inexistente, numa perspectiva anarquista.

## **2 Denota alguma diferença visível entre manifestações conotadas de extrema-esquerda e manifestações sem conotação política evidente?**

Nas manifestações de extrema-esquerda – tal como em qualquer manifestação politicamente definida – exibem-se símbolos identificativos das organizações ou das correntes políticas representadas. No que respeita a formas de actuação, será mais

frequente – embora seja um fenómeno raro em Portugal – verificar-se a constituição de blocos por função, nas manifestações de extrema-esquerda. Em diversos casos deste tipo, um dos blocos tem como função protagonizar a contestação radical ao ‘sistema’, através do exercício da violência (*e.g.* Black Blocs).

Noutro sentido, importa salientar que é frequente – embora, novamente, seja raro em Portugal – a extrema-esquerda manifestar-se (contra-manifestar-se) de forma violenta contra a extrema-direita.

### **3 Acredita que a organização e estruturação estão cada vez mais presentes em movimentos radicais de esquerda? Que consequências daí advêm caso se verifique?**

Genericamente, a maioria dos movimentos radicais de esquerda marxista, maoísta, trotskista, etc. Caracteriza-se por um alto grau de organização e de hierarquização. Os movimentos anarquistas, por seu turno, caracterizam-se por um tipo de organização não hierárquica, sem posições ou funções definidas, com plena autonomia dos militantes.

A organização e a centralização são, hoje, inimigos da eficácia dos pequenos grupos ou organizações de extrema-esquerda. Pelo contrário, a organização “desorganizada” – em torno de *grupos de afinidade*, por exemplo – eleva a probabilidade de sucesso de acções clandestinas.

### **4 Até que ponto reconhece as manifestações e comportamentos extra manifestação, de grupos extremistas de esquerda, como uma ameaça para a segurança interna?**

A actuação dos grupos de extrema-esquerda constitui uma ameaça para a segurança interna, visto que promovem a contestação radical e permanente ao ‘sistema’, a insurreição ou a revolução como metodologias de acção para alcançar determinadas transformações sociais e políticas (ver resposta 1)

### **5 Acha relevante, para os métodos de actuação policial, o conhecimento prévio dos comportamentos e motivações dos grupos radicais de esquerda actuais?**

O conhecimento dos comportamentos e motivações de qualquer grupo que representa uma ameaça – como os grupos de extrema-esquerda – é, naturalmente, relevante para os métodos de actuação policial.

**6 Que importância atribui ao Serviço de Informações de Segurança, no campo da recolha de informações, face às manifestações de extrema-esquerda?**

Não responde.

**7 Como se processa o ciclo de produção de informações nestes casos? Como é feita a exploração das informações produzidas pelo Serviço para as forças de segurança?**

Não responde.

**8 Pensa que o trabalho desenvolvido pelos Serviços de Informações é suficiente na análise deste tipo de fenómeno?**

Não responde.

**9 Acredita que o sentimento de anti-capitalismo e anti-globalização, associados inúmeras vezes aos movimentos radicais de esquerda, podem crescer face à crise económica vivida ao nível nacional e internacional?**

O sentimento anticapitalismo e antiglobalização poderá crescer significativamente, nomeadamente junto das gerações mais jovens.

**10 Julga que episódios de violência associada à extrema-esquerda e ao anarquismo, como os de Génova em 2001 ou o de Atenas em 2008, poderão suceder em território nacional num futuro próximo?**

Embora a violência não faça parte da História recente dos movimentos de extrema-esquerda (incluindo anarquistas) no nosso país, é possível que ocorram incidentes violentos num futuro próximo. A circulação de militantes estrangeiros no país e a facilidade de comunicação dos tempos modernos (nomeadamente a Internet) tornam os movimentos portugueses mais permeáveis à influência externa, designadamente à influência de alguns

sectores da extrema-esquerda europeia, radical e violenta. A situação económica e financeira será a conjuntura ideal para a radicalização destes grupos.

Acresce que determinados tipos de acção violenta protagonizada tradicionalmente pela extrema-esquerda não carecem de grandes recursos ou estruturas logísticas. O recurso à acção clandestina – sabotagem, vandalismo, etc. – poderá ser intensificado a qualquer momento, sem qualquer estímulo externo.